

MILÊNIO

SIGNIFICADO E INTERPRETAÇÕES

Editado por Robert G. Clouse
com contribuições de:

George Eldon Ladd

Herman A. Hoyt

Loraine Boettner

Anthony A. Hoekema



O lobo habitará com o cordeiro,
e o leopardo se deitará junto ao cabrito;
o bezerro, o leão novo e o animal cevado andarão juntos,
e um pequenino os guiará.
Isaías 11.6

MILÊNIO

SIGNIFICADO E INTERPRETAÇÕES

**Editado por Robert G. Clouse
com contribuições de:**

**George Eldon Ladd
Herman A. Hoyt
Luraine Boettner
Anthony A. Hoekema**

**Edição de "Luz Para o Caminho"
Campinas, SP**

MILÊNIO

Significado e Interpretações

Título original em inglês:

The Meaning of the Millennium

Originally published by InterVarsity Press as *The Meaning of the Millennium* edited by Robert G. Clouse. © 1977 by InterVarsity Christian Fellowship of the USA. Translated by permission of InterVarsity Press, Downers Grove, IL 60515, USA.

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados por Luz Para o Caminho, C. P. 130; 13.100 - Campinas, SP.

Tradução: Glauber Meyer Pinto Ribeiro

Primeira Edição: 1985

"LUZ PARA O CAMINHO" é a organização de radiodifusão internacional da Igreja Presbiteriana do Brasil e da Igreja Cristã Reformada dos Estados Unidos e Canadá.

INTRODUÇÃO 7
Robert G. Clouse

I PRÉ-MILENISMO HISTÓRICO 17

George Eldon Ladd

RESPOSTAS

Uma Resposta Pré-milenista Dispensacionalista 38

Herman A. Hoyt

Uma Resposta Pós-milenista 43

Lorraine Boettner

Uma Resposta Amilenista 50

Anthony A. Hoekema

II PRÉ-MILENISMO DISPENSACIONALISTA 57

Herman A. Hoyt

RESPOSTAS

Uma Resposta Pré-milenista Histórica 84

George Eldon Ladd

Uma Resposta Pós-Milenista 86

Lorraine Boettner

Uma Resposta Amilenista 94

Anthony A. Hoekema

III PÓS-MILENISMO 107

Lorraine Boettner

RESPOSTAS

Uma Resposta Pré-milenista Histórica 130

George Eldon Ladd

Uma Resposta Pré-milenista Dispensacionalista 131

Herman A. Hoyt

Uma Resposta Amilenista 136

Anthony A. Hoekema

IV AMILENISMO 141

Anthony A. Hoekema

RESPOSTAS

Uma Resposta Pré-milenista Histórica 171

George Eldon Ladd

Uma Resposta Pré-milenista Dispensacionalista 173

Herman A. Hoyt

Uma Resposta Pós-milenista 179

Loraine Boettner

POST-SCRIPTUM 188

Robert G. Clouse

Notas 192

Bibliografia Seleta 196

Autores Contribuintes 200

INTRODUÇÃO

ROBERT G. CLOUSE

Um dos mais difíceis temas com que os intérpretes da Bíblia têm de lidar é o ensino do reino de Deus; o problema surge claramente quando o crente dá a sua explicação de passagens como Daniel 2 e Apocalipse 20. Tentativas de relacionar estes textos ao curso da História humana levaram os cristãos a criar vários sistemas diferentes para explicar a volta de Cristo e seu reino, três dos quais foram rotulados pré-milenista, amilenista e pós-milenista. Estas divisões, embora úteis e amplamente aceitas, são em certos aspectos infelizes, porque as diferenças envolvem bem mais que a época da volta de Cristo. O reino esperado pelo pré-milenista é bem diferente do reino aguardado pelo pós-milenista, não apenas no que diz respeito à época e a maneira como será estabelecido, mas também com respeito à sua natureza e a maneira como Cristo exercerá controle sobre ele. Estes pontos de vista e suas implicações podem ser entendidos com mais clareza definindo-os detalhadamente.

Algumas Definições Breves

Os pré-milenistas crêem que a volta de Cristo será precedida de certos sinais como a pregação do Evangelho a todas as nações, uma grande apostasia, guerra, fomes, terremotos,

o aparecimento do Anti-cristo e uma grande tribulação. Sua volta será seguida de um período de paz e justiça antes do fim do mundo. Cristo reinará como Rei pessoalmente ou através de um grupo seletivo de seguidores. Este reino não será estabelecido pela conversão de indivíduos durante um longo período de tempo, mas virá de modo súbito e por irresistível poder. Os judeus se converterão e se tornarão muito importantes durante este tempo. A Natureza participará das bênçãos mileniais produzindo abundantemente. Mesmo as bestas ferozes serão domadas. O mal é mantido preso nessa era por Cristo que governa com "vara de ferro". No entanto, no fim do milênio há uma rebelião de homens ímpios que quase consegue superar os santos. Alguns pré-milenistas ensinaram que durante esta era áurea os crentes mortos serão ressuscitados com seus corpos glorificados para se misturarem livremente com os outros habitantes da terra. Após o milênio os mortos não-crentes serão ressuscitados e os estados eterno de Céu e inferno estabelecidos.

Contrastando com o pré-milenista, o pós-milenista explica que o reino de Deus está atualmente sendo expandido através do ensino e pregação cristãs. Essa atividade fará com que o mundo se cristianize e resultará em um longo período de paz e prosperidade chamado o milênio. Esta nova era não será essencialmente diferente da atual. Emerge conforme uma proporção cada vez maior dos habitantes do mundo se converte ao cristianismo. O mal não é eliminado, mas reduzido a um mínimo conforme a influência moral e espiritual dos cristãos cresce. A igreja se tornará mais importante, e muitos problemas sociais, econômicos e educacionais serão resolvidos. Esse período fecha-se com a Segunda Vinda de Cristo, a ressurreição dos mortos e o estado final.

Os amilenistas mantêm que a Bíblia não prevê um período de paz e justiça universais antes do fim do mundo. Eles creem que haverá um crescimento contínuo de bem e mal no mundo que culminará na Segunda Vinda de Cristo quando os mortos serão ressuscitados e se processará o último julgamento. Os amilenistas creem que o reino de Deus está presente agora no mundo, enquanto o Cristo vitorioso governa seu povo através de sua Palavra e Espírito, embora eles também vejam

adiante um reino futuro, glorioso e perfeito, na nova terra na vida do porvir. Os amilenistas interpretam o milênio mencionando Apocalipse 20 como uma descrição do reinado presente das almas dos crentes falecidos com Cristo no Céu.

Pontos de Vista Diferentes em Épocas Diferentes

Embora estas interpretações nunca tenham ficado sem adeptos na História da igreja, em certas épocas predominou alguma perspectiva particular. Nos primeiros três séculos da era cristã o pré-milenismo parece ter sido a interpretação escatológica dominante. Entre seus adeptos estavam Papias, Ireneu, Justino Mártir, Tertuliano, Hipólito, Metódio, Comodiano e Lactâncio. No quarto século, quando a igreja cristã recebeu uma posição favorável sob o imperador Constantino, a posição amilenista foi aceita. O milênio foi re-interpretado em referência à igreja, e o reinado milenar de Cristo e seus santos foi igualado à totalidade da História da igreja na terra, assim propiciando uma negação de um milênio futuro. O famoso pai da igreja Agostinho articulou esta posição, que se tornou a interpretação dominante que no Concílio de Éfeso, em 431, crer no milênio foi condenado como superstição.

Apesar da doutrina oficial da igreja ser amilenista, durante a Idade Média o pré-milenismo continuou existindo entre certos grupos de crentes. De vez em quando estes milenistas usavam seu ensino para atacar a ordem da sociedade. Por exemplo, em áreas cuja população crescera enquanto os vínculos sociais tradicionais eram esmagados por diferenças econômicas, o desejo pelo milênio de paz e segurança tornava-se intenso. Sob líderes que se diziam inspirados pelo Espírito Santo, a ansiedade causada por condições sociais novas resultava em tentativas de rebelião contra os opressores em nome de Deus e em busca do milênio.¹ Um dos últimos exemplos disto foi uma rebelião na cidade de Münster em 1534. Um homem chamado Jan Mathys assumiu o controle da comunidade pregando ser Enoque preparando o caminho para a volta de Cristo estabelecendo uma comunidade do bem e terminando com

os códigos legais vigentes. Após isto, proclamou a todos os fiéis que se reunissem em Münster porque era lá a Nova Jerusalém. Uma grande multidão de anabatistas correu à cidade e foi sitiada por um exército tanto de protestantes quanto católicos. Um reinado de terror manteve a população adequadamente sob o controle do sucessor de Mathys, Jan Bockelson, mas no final as defesas ruíram e a cidade foi tomada.

Talvez esse episódio tenha levado os reformadores protestantes a continuar com o amilenismo agostiniano. Entretanto, eles introduziram de fato mudanças na interpretação escatológica que prepararam o palco para uma grande renovação de interesse no pré-milenismo durante o século XVII. Martinho Lutero (1483-1546), por exemplo, defendeu uma abordagem mais literal às Escrituras, identificou o papado com o Anticristo e chamou a atenção às profecias bíblicas. Alguns estudiosos luteranos redirecionaram este interesse para uma interpretação pré-milenista. João Calvino (1509-1564), como Lutero, foi muito cauteloso em sua abordagem a interpretações milenistas, possivelmente por causa dos abusos de alguns anabatistas.²

Apesar de sua oposição, foi um teólogo calvinista, Johann Heinrich Alsted (1588-1638) quem reviveu o ensino do pré-milenismo em forma acadêmica no mundo moderno.³ O livro de Alsted, *The Beloved City* ("A Cidade Amada" — 1627), que apresentava seus pontos de vista, fez com que o instruído estudioso anglicano Joseph Mede (1586-1638) se tornasse pré-milenista. As obras de ambos ajudaram a inspirar o desejo pelo reino de Deus na terra que acompanhou a irrupção da revolução puritana na década de 1640. Entretanto, com a restauração dos Stuart, essa perspectiva caiu em descrédito devido à sua conexão com grupos puritanos radicais como os Homens da Quinta Monarquia ("Fifth Monarchy Men"). Mesmo assim, o fato de que o pré-milenismo não foi extinto no século XVIII é evidenciado pelo interesse de J. H. Bengel, Isaac Newton e Joseph Priestley.

A medida que o pré-milenismo perdeu força, o pós-milenismo se tornou a interpretação escatológica vigente, recebendo sua formulação mais atrativa através da obra de Daniel

Whitby (1638-1726). De acordo com sua interpretação, o mundo teria de ser convertido a Cristo, os judeus restaurados à sua terra e o papa e os turcos derrotados, após o que a terra gozaria um tempo de paz, felicidade e justiça universais por mil anos. Ao final deste período Cristo retornaria pessoalmente para o juízo final. Talvez por causa de sua concordância com os pontos de vista do Iluminismo do século XVIII, o pós-milenismo foi adotado pelos principais comentadores e pregadores da época.⁵

Durante o século XIX o pré-milenismo atraiu novamente ampla atenção. Este interesse foi nutrido pelo violento transtorno das instituições políticas e sociais européias na época da Revolução Francesa.⁶ Houve também um interesse renovado na conversão e situação dos judeus. Um dos líderes mais influentes nesta época foi Edward Irving (1782-1834), um ministro da Igreja da Escócia que servia uma igreja em Londres, publicou muitas obras sobre profecia e ajudou a organizar as conferências sobre profecia de Albury Park. Esses encontros criaram o modelo para os encontros milenistas através dos séculos XIX e XX. O entusiasmo profético de Irving se espalhou por outros grupos e encontrou firme apoio entre os movimentos dos Irmãos ("Brethren") de Plymouth.

J. N. Darby (1800-1882), um antigo líder dos Irmãos de Plymouth articulou a perspectiva dispensacionalista do pré-milenismo. Descreveu a vinda de Cristo antes do milênio consistindo de dois estágios: o primeiro, um arrebatamento secreto removendo a igreja antes da Grande Tribulação devastar a terra; o segundo, Cristo vindo com seus santos para estabelecer o reino. Ele cria também que a igreja é um mistério acerca do qual apenas Paulo falou e que os propósitos de Deus na Escritura podiam ser entendidos através de uma série de períodos de tempo chamados dispensações. No momento de sua morte, Darby havia deixado quarenta volumes de escritos e uns mil e quinhentos congressos realizados, ao redor do mundo. Através de seus livros, que incluem quatro volumes acerca de profecia, o sistema de dispensações foi levado a todo o mundo de fala inglesa. A linha de continuidade desde Darby até o presente pode ser traçada desde seus contemporâneos dispensacionalistas e seguidores (C.H. Mackintosh, William Kelly e F.W.

Grant), através dos estudiosos intermediários (W. E. Blackstone, James Hall Brooks, G. Campbell Morgan, H. A. Ironside, A. C. Gaebelein, e C. I. Scofield com sua "Bíblia Scofield") até os atuais adeptos de seus pontos de vista.⁷ A extensão de sua influência foi tão vasta que em muitos círculos evangélicos hoje prevalece a interpretação dispensacionalista. A expansão dos pontos de vista de Darby foi auxiliada por Henry Moorhouse, um evangelista da linha dos Irmãos e de perspectivas dispensacionalistas que ajudou a convencer D. L. Moody (1837-1899) de sua interpretação profética. Perto do final do século XIX, Moody era provavelmente o líder de maior destaque entre os evangélicos. O impacto de Darby sobre C. I. Scofield (1843-1921) foi provavelmente ainda mais importante, já que Scofield fez do dispensacionalismo uma parte integral de suas anotações bíblicas, e dentro de cinquenta anos três milhões de cópias da "Scofield Reference Bible" ("Bíblia Scofield de Estudo", publicada em português em cooperação com a Imprensa Batista Regular — N. do T.) foram impressas nos Estados Unidos.⁸ Em dias recentes a popularidade dos livros de Hal Lindsey demonstram novamente a vitalidade do ponto de vista dispensacionalista.

Cada um dos sistemas que foram brevemente mencionados em seu contexto histórico teve adeptos evangélicos sinceros. A situação continua a mesma hoje. Os ensaios que se seguem são oferecidos como declarações de cada posição por crentes fiéis que também se apegam aos pontos de vista que expressam acerca do milênio. O Professor George Elton Ladd, catedrático do Fuller Theological Seminary, apresenta o que se pode chamar pré-milenismo "histórico". Herman A. Hoyt, reitor do Grace Theological Seminary escreve sobre pré-milenismo "dispensacionalista". Loraine Boettner discute o ponto de vista pós-milenista. Um último ensaio pelo Professor Anthony A. Hoekema, catedrático do Calvin Theological Seminary discorre sobre a posição amilenista. No final de cada um dos artigos os outros contribuintes respondem de acordo com seus pontos de vista particulares. Além disso, após uma palavra final minha, há uma bibliografia seleta de literatura milenista.

Minha esperança é que estes artigos ajudem o estudante sério da Escritura a formular suas próprias conclusões acerca da interpretação do milênio. A exposição da profecia é uma área da doutrina cristã na qual deve-se ter sempre em mente o aviso de Paulo: "Porque agora vemos como em espelho, obscuramente, então veremos face a face; agora conheço em parte, então conhecerei como também sou conhecido" (1 Co 13.12).

I PRÉ-MILENISMO HISTÓRICO

PRÉ-MILENISMO

HISTÓRICO

GEORGE ELDON LADD

There is no Rapture

Pré-milenismo é a doutrina que afirma que após a Segunda Vinda de Cristo, ele reinará por mil anos sobre a terra antes da consumação final do propósito redentivo de Deus nos novos céus e nova terra na Era Vindoura. Esta é a forma natural de entender-se Apocalipse 20.1-6.

Apocalipse 20.1-6 retrata a Segunda Vinda de Cristo como vencedor vindo destruir seus inimigos: o Anticristo, Satanás e a Morte. Apocalipse 19:17-21 retrata então a destruição do poder maligno por trás do Anticristo — “o dragão, a antiga serpente, que é o diabo, Satanás” (Ap 20.2). Isto ocorre em dois estágios.

Primeiramente, Satanás é preso e encarcerado no “abismo” (Ap 20.1) por mil anos “para que não mais enganasse as nações” (Ap 20.3) como havia feito através do Anticristo. Neste ponto ocorre a “primeira ressurreição” (Ap 20.5) de santos que participam do reinado de Cristo sobre a terra pelos mil anos. Depois disto Satanás é solto de seus grilhões e, apesar do fato de Cristo haver reinado sobre a terra por mil anos, acha ainda os corações dos homens não-regenerados prontos a se rebelar contra Deus. Segue-se a guerra escatológica final e o diabo é lançado no lago do fogo e enxofre, ocorre então a segunda ressurreição, daqueles que não haviam sido ressurreitos no milênio. Eles comparecem ante o trono de julgamento de Deus para serem julgados conforme as suas obras. “Se al-

guém não foi achado inscrito no livro da vida, esse foi lançado para dentro do lago do fogo" (Ap 20.15). Então a morte e o inferno foram lançados para dentro do lago do fogo.

Assim Cristo alcança sua vitória sobre seus três inimigos: o Anticristo, Satanás e a Morte. Só então, subjugados todos os poderes hostís, o cenário está preparado para o estado eterno — a vinda dos novos céus e nova terra (Ap 21.1-4). Esta é a maneira mais natural de se entender Apocalipse 20, e a maioria dos intérpretes "preteristas" (os que vêem o livro como um típico apocalipse judaico-cristão do primeiro século) costuma entender assim.

Para os que o consideram uma profecia cristã da consumação real do propósito redentivo de Deus, permanece um problema. Que outras Escrituras ensinam um reino milenar de Cristo? Em que outras Escrituras podemos nos basear para descobrir de que natureza será este reino?

A Questão Hermenêutica

Na resposta a estas perguntas há uma nítida diferença de opinião entre os estudiosos evangélicos, e por isto respostas bem diferentes são dadas. A teoria dispensacionalista insiste que muitas das profecias do Antigo Testamento predizem o milênio e precisam ser levadas em consideração para se fazer uma imagem do reino milenar do Messias. Este ponto de vista baseia-se no tipo de hermenêutica que julga que as profecias do Antigo Testamento devem ser interpretadas literalmente. Charles Ryrie, um dos porta-vozes da teologia dispensacionalista mais claros em sua argumentação, deixou isto bem claro em seu livro "Dispensacionalismo Hoje".¹

A primeira condição "*sine qua non*" do dispensacionalismo é a distinção entre Israel e a Igreja. Ryrie concorda com Daniel Fuller que diz que "a premissa básica do dispensacionalismo é a existência de dois propósitos de Deus expressos na formação de dois povos que mantêm-se distintos através da eternidade",² Esta conclusão se apoia em um segundo prin-

cípio: o de um sistema literal de interpretação bíblica.³ Isto, no entanto, aplica-se primariamente ao Antigo Testamento. O Antigo Testamento promete que Israel será o povo de Deus para sempre, que os judeus herdarão a terra da Palestina para sempre, que formarão o reino teocrático de Deus para sempre. Estas profecias se cumprirão no milênio.

Em oposição a uma hermenêutica literal do Antigo Testamento está uma hermenêutica "espiritualizante", isto é, uma hermenêutica que vê as profecias do Antigo Testamento cumpridas na Igreja cristã. Assim, os amilenistas costumam descobrir alguma interpretação "espiritual" do milênio. O milênio não é um reinado literal de Cristo na terra; é o reinado de Cristo na atualidade na Igreja ou o reinado dos mártires após o estado intermediário.

O quão sério é este problema para o dispensacionalista, percebe-se em uma citação de Walvoord:

O modernista que espiritualiza a ressurreição de Cristo o faz por técnicas que são quase as mesmas utilizadas por B.B. Warfield, que encontra uma descrição do Céu em Apocalipse 20.1-10. Além disto, a história do liberalismo moderno demonstrou que seus adeptos vêm quase exclusivamente de círculos amilenistas.⁴ *Então: pós-milênios*

Walvoord prossegue dizendo que "os diversos sistemas teológicos de escritores católico-romanos, liberais modernos e dos conservadores encontram-se utilizando essencialmente o mesmo método".⁵ Isto equivale a dizer que só o dispensacionalismo, com sua hermenêutica literal do Antigo Testamento, pode fornecer uma teologia verdadeiramente evangélica.

A meu ver isto simplesmente não é verdade. B. B. Warfield não utiliza a mesma hermenêutica "espiritualizante" do liberal. O liberal *admite* que o Novo Testamento ensina a ressurreição corpórea de Cristo, mas seus pressupostos filosóficos tornam impossível a ele aceitá-lo. Do outro lado, B. B. Warfield foi o maior expoente de uma alta valorização da inspiração bíblica em seu tempo. Ele estava pronto a aceitar qualquer doutrina que pudesse ser provada pelas Escrituras. Se ele "espiritualizou" o milênio, foi porque sentiu que *uma hermenêutica bíblica global exigiu isto dele*. Isto não é liberalismo.

É uma questão onde estudiosos igualmente evangélicos que aceitam a Bíblia como Palavra de Deus inspirada deveriam ter liberdade de discordar entre si sem a acusação de "liberal".

Ryrie me classificou corretamente como um não dispensacionalista porque não mantenho Israel e a Igreja distintos através do programa de Deus; mas tenho confiança que isto não torna suspeito meu embasamento evangélico.⁶ No estudo do milênio estou preparado para aceitar qualquer coisa que alguém possa provar como ensino bíblico; e se não aceito as distinções feitas pelos dispensacionalistas, é porque a isto sinto-me compelido pela Palavra de Deus inspirada. Que isto fique bem claro: a Bíblia e só a Bíblia é nossa autoridade única.

Um dos principais argumentos para a interpretação das profecias do Antigo Testamento acerca dos últimos tempos é que as profecias do Antigo Testamento acerca da primeira vinda de Cristo cumpriram-se literalmente. Mas este é um argumento que precisa ser examinado com atenção. O fato é que o Novo Testamento freqüentemente interpreta profecias do Antigo Testamento de uma maneira que *não é a sugerida pelo contexto no Antigo Testamento*.

Tomemos uma ilustração bem simples. Mateus 2.15 cita Oséias 11.1 para provar biblicamente que Jesus deve vir do Egito. Isto, no entanto, não é o que a profecia quer dizer no Antigo Testamento. Oséias diz: "Quando Israel era menino, eu o amei; e do Egito chamei o meu filho". Em Oséias isto não é nem uma profecia, mas uma afirmação histórica, que Deus chamou Israel do Egito no Êxodo. No entanto, Mateus reconhece Jesus como Filho maior de Deus e transforma deliberadamente uma declaração histórica em profecia. Este é um princípio que acompanha o desenrolar da profecia bíblica: *o Antigo Testamento é re-interpretado à luz do evento Cristo*.

Vejamus uma ilustração mais significativa. O Novo Testamento e a igreja cristã vêem uma profecia dos sofrimentos do Messias em Isaías 53. Mateus aplica esta profecia a Jesus (Mt 8.17), apesar de não estar se referindo aos sofrimentos que o Servo deve passar. No entanto, Felipe interpreta os sofrimentos do Servo para o eunuco etíope como referindo-se a Jesus (At 8.30-35).

Como alguém pode deixar de reconhecer que Isaías 53 é uma profecia dos sofrimentos que Jesus passou?

Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões,
e moido pelas nossas iniquidades;
o castigo que nos traz a paz estava sobre ele,
e pelas suas pisaduras fomos sarados.

Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas;
cada um se desviava pelo caminho,
mas o SENHOR fez cair sobre ele
a iniquidade de nós todos. (Is. 53.5-6)

É verdade, claro, que esta é uma profecia dos sofrimentos de Jesus, mas apenas conforme é interpretada após o evento. Aqui está outra ilustração do Novo Testamento interpretando o Antigo à luz do evento Cristo, o simples fato é que, em seu contexto no Antigo Testamento, Isaías 53 não é uma profecia do Messias. *Messias* significa "ungido" e designa o rei davídico ungido e vitorioso. Isto se vê claramente em Isaías 11:

Ele não julgará segundo a vista dos seus olhos,
nem repreenderá segundo o ouvir dos seus ouvidos;
mas julgará com justiça os pobres,
e decidirá com equidade a favor dos mansos da terra;
ferirá a terra com a vara de sua boca,
e com o sopro dos seus lábios matará o perverso.
(Is 11.3, 4).

Aqui está uma cena totalmente diferente, O Messias deve governar, esmagar o mal, matar o perverso. Como pode um governante vitorioso ser ao mesmo tempo a pessoa mansa e humilde que derrama a sua alma na morte (Is 53.12)? É por isto que os discípulos de Jesus não puderam compreender o fato de que ele devia sofrer e morrer. O Messias deve vencer e reinar, não ser vencido e esmagado. No Antigo Testamento não está claro que antes do Messias vir como vencedor para reinar deve primeiramente vir como o servo humilde sofredor.

Há outro fator de igual importância: O sofredor nunca é chamado Messias ou filho de Davi. Ele é um indivíduo anônimo. Além disso, em seu contexto, o sofredor é o servo do Senhor que às vezes é identificado com Israel. Isaías 52.13 —

"Meu servo (. . .) será exaltado e elevado"; Isaías 50.10 — "Quem há entre vós que tema ao SENHOR e ouça a voz do (obedeça ao) seu Servo?"; Isaías 49.3 — "Tu és o meu servo, és Israel por quem hei de ser glorificado"; Isaías 49.5 — "Mas agora diz o SENHOR, que formou desde o ventre para ser seu servo, para que torne a trazer Jacó, e para reunir Israel a ele" Isaías 45.3 — "eu sou o SENHOR, o Deus de Israel, que te chama pelo teu nome. Por amor do meu servo Jacó, e de Israel, meu escolhido, eu te chamei pelo teu nome."

Nestas referências o servo é ao mesmo tempo Israel e aquele que redime Israel. São conceitos intercambiáveis. Mas em nenhum dos dois casos o servo é chamado de Messias ou de rei davídico. Não impressiona que os exegetas judeus costumem entender este servo não como o rei messiânico vencedor, redentor, mas como o povo de Israel, aflito, sofredor. Isaías 53 não é, em seu próprio contexto histórico, uma profecia do Messias. Ela se torna nisto apenas quando interpretada à luz do evento Cristo.

Isto firma claramente o princípio que a "interpretação literal" não funciona. Porque *literalmente*, Isaías 53 não é uma profecia do Messias, mas de um servo anônimo do Senhor. As profecias do Antigo Testamento precisam ser interpretadas à luz do Novo Testamento para obter-se seu significado mais profundo.

Este princípio leva a outras consequências. Não vejo como evitar a conclusão que o NOVO Testamento aplica profecias do Antigo Testamento à igreja neotestamentária, e assim fazendo identifica a igreja com o Israel espiritual. Chequei a esta conclusão não porque li estas coisas em livros ou achei as em algum sistema teológico, mas através de meu próprio estudo indutivo da Palavra de Deus inspirada.

Uma ilustração extremamente vívida deste princípio encontra-se em Romanos 9, onde Paulo está falando de "nós, a quem também chamou, não só dentre os judeus, mas também dentre os gentios" (Rm 9.24). Em outras palavras, Paulo está falando da igreja em Roma, que contava com alguns judeus, mas era em sua maioria gentia. Para provar que era o propósito de Deus chamar tal povo à existência, Paulo cita duas passagens de Oséias.

"Assim como também diz em Oséias:

'Chamarei povo meu

ao que não era meu povo;

e, amada,

à que não era amada;'

e no lugar em que se lhes disse: Vós não sois meu povo,
ali mesmo serão chamados filhos do Deus vivo."

(Rm 9.25, 26)

Em Oséias, ambas as passagens referem-se ao Israel literal, nacional. Por causa de sua rebeldia, Israel não é mais o povo de Deus. "Disse o SENHOR a Oséias: (Os 1.9). Israel foi rejeitado pelo Senhor por sua descrença. Mas Oséias ainda vê um dia de arrependimento no futuro, quando um povo desobediente se tornará obediente. Ele vê um grande remanescente, como a areia do mar. "E no lugar onde se lhes dizia: Vós não sois meu povo, se lhes dirá: Vós sois filhos do Deus vivo" (Os 1.10). Isto se refere a uma futura conversão dos judeus. O mesmo pode ser dito da segunda profecia: "Compadecer-me-ei da desfavorecida; a Não-meu-povo direi: Tu és o meu povo; e ele dirá: Tu és o meu Deus!" (Os 2.23). Novamente o que se vê é uma salvação futura do Israel literal quando o povo, rejeitado por Deus, novamente se tornará povo de Deus.

Paulo toma deliberadamente estas duas profecias acerca da salvação futura de Israel e as aplica à igreja. A igreja, formada de judeus e gentios, tornou-se povo de Deus. As profecias de Oséias se cumprem na igreja cristã. Se esta é uma "hermenêutica espiritualizante", que seja. É claramente isto que o Novo Testamento faz às profecias do Antigo Testamento.

A idéia da Igreja como Israel espiritual aparece em outras passagens. Abraão é chamado "o pai de todos os que crêem" (Rm 4.11); é "o pai de todos nós que somos da fé que teve Abraão" (Rm 4.16); são "os da fé" que são "filhos de Abraão" (Gl 3.7); "e, se sois de Cristo, também sois descendentes de Abraão, e herdeiros segundo a promessa" (Gl 3.29). Se Abraão é o pai de um povo espiritual, e se todos os crentes são filhos de Abraão, seus descendentes, segue-se então que são Israel, espiritualmente falando.

É isto que leva Paulo a dizer: "Porque não é judeu quem o é apenas exteriormente, nem é circuncisão a que é somente na carne. Porém judeu é aquele que o é interiormente, e circuncisão a que é do coração, no espírito, não segundo a letra" (Rm 2.28, 29). Agora, é possível que neste verso Paulo esteja falando apenas de judeus, dizendo que um *verdadeiro* judeu não é o que é apenas circuncidado exteriormente, mas é também circuncidado no coração. Pode ser que ele não tenha em vista os gentios neste verso. Mas ele se refere claramente e à igreja, largamente gentia, quando diz aos filipenses: "Porque nós é que somos a circuncisão, nós que adoramos a Deus no Espírito, e nos gloriamos em Cristo Jesus" (Fp 3.3).

Paulo evita chamar a igreja de Israel, a não ser em Gálatas 6.16, mas este é um versículo muito controverso. Porém, é verdade que ele aplica à Igreja profecias que em seu contexto do Antigo Testamento pertencem ao Israel literal; ele chama a Igreja de os filhos, as sementes de Abraão. Chama os crentes de verdadeira circuncisão. É difícil, portanto, evitar a conclusão que Paulo vê a igreja como Israel espiritual.

Há uma outra passagem muito importante que aplica uma profecia dada a Israel à igreja cristã. Em Jeremias 31, o profeta antevê um dia quando Deus fará uma nova aliança com o Israel rebelde. Esta nova aliança será caracterizada por uma nova obra de Deus nos corações de seu povo. "Na mente lhes imprimirei as minhas leis, também no coração lhes inscreverei; eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo (. . .) porque todos me conhecerão, desde o menor até o maior deles, diz o SENHOR. Pois, perdorei as suas iniquidades, e dos seus pecados jamais me lembrarei" (Jr 31.33, 34).

O livro de Hebreus aplica isto à nova aliança feita no sangue de Cristo. Hebreus 8 contrasta a nova ordem introduzida por Cristo com a do Antigo Testamento, que estava passando. Cristo ministra no "verdadeiro tabernáculo", não no antigo, pois este é apenas "figura e sombra das coisas celestes" (Hb 8.5). Portanto Cristo é o mediador de uma aliança nova e melhor, apoiada em melhores promessas (Hb 8.6). "Porque se aquela primeira aliança tivesse sido sem defeito, de maneira nenhuma estaria sendo buscado lugar para segunda" (Hb 8.7).

Estas palavras mostram claramente que Hebreus está contrastando a antiga aliança, que era defeituosa, com uma outra que foi estabelecida por Jesus. "E, de fato, repreendendo-os diz. . ." (Hb 8.8), Deus repreende a Israel sob a antiga ordem porque eles quebravam constantemente os termos da aliança. Portanto, é necessária uma nova aliança, e para descrever esta nova aliança feita por Cristo, Hebreus 8.8-12 cita Jeremias 31.31-34. Parece impossível evitar a conclusão que esta citação refere-se à nova aliança com o povo de Deus — a igreja cristã — a nova aliança que foi possibilitada pelo sacrifício de Cristo.

Com referência ao culto do Antigo Testamento, Hebreus conclui: "Quando ele diz nova, torna antiquada a primeira. Ora, aquilo que se torna antiquado e envelhecido, está prestes a desaparecer". É impossível dizer-se se ainda existia o templo em Jerusalém (foi destruído na Guerra Judaica, 66-70 d.C.), pois não se sabe com certeza a data de Hebreus. Mas uma coisa é certa: Hebreus anuncia que a antiga ordem do templo com seus sacrifícios está ultrapassada.

Um dos principais dogmas do milenismo dispensacionista, baseado em sua hermenêutica literal das profecias do Antigo Testamento, é que no milênio o templo judaico será reedificado e todo o sistema sacrificial reinstituído, de acordo com as profecias de Ezequiel 40-48. Haverá, porém, uma diferença entre os sacrifícios do milênio e os do Antigo Testamento. Os sacrifícios no milênio serão um memorial da morte sacrificial de Jesus. "Os que consideram estes sacrifícios como um ritual observado literalmente no milênio investem-nos com o significado central de um memorial em recordação do sacrifício único de Jesus".⁷ Qualquer idéia de restauração dos sistemas sacrificiais do Antigo Testamento, quer memoriais ou não, opõe-se diretamente a Hebreus 8.13, que afirma sem ambigüidade que o sistema de culto do Antigo Testamento é obsoleto e prestes a terminar.

Portanto, Hebreus 8.8-13 refuta a teologia dispensacionista em dois pontos: aplica à igreja cristã uma profecia que em seu contexto no Antigo Testamento referia-se a Israel, e afirma que a nova aliança em Cristo terminou com o sistema do culto do Antigo Testamento, que por isso está fadado a desaparecer.

A idéia principal da secção anterior é que muitas passagens do Antigo Testamento que se aplicavam em seu contexto histórico ao Israel literal foram aplicadas à igreja no Novo Testamento. O que tudo isto tem a ver com a questão do milênio? Apenas isto: O Antigo Testamento não previu claramente como se cumpririam suas próprias profecias. Elas se cumpriram de forma bem imprevistas para o próprio Antigo Testamento e inesperadas para os judeus. No que toca à primeira vinda de Cristo, *o Antigo Testamento é interpretado pelo Novo*.

Eis aqui o principal divisor de águas entre uma teologia dispensacionalista e uma que não dispensacionalista: o dispensacionalismo forma sua escatologia de uma interpretação literal do Antigo Testamento e então encaixa nela o Novo Testamento; uma escatologia não-dispensacionalista forma sua teologia do ensino explícito do Novo Testamento — confessa que não tem certeza de como as profecias do Antigo Testamento sobre o fim serão cumpridas, porque (a) a primeira vinda de Cristo se deu em termos não previstos pela interpretação literal do Antigo Testamento e (b) há indícios dos quais não se pode fugir de que as promessas feitas a Israel no Antigo Testamento cumprem-se na igreja cristã.

O leitor atento dirá: "Isto parece amilenismo". E parece mesmo. Tenho suspeitas de que o escritor amilenista concordará de todo o coração com tudo o que foi dito até aqui. Porém, há duas passagens no Novo Testamento que não podem ser evitadas. Uma é Romanos 11.26: "E assim todo o Israel será salvo". É difícil fugir à conclusão que isto significa o Israel literal.

Paulo usou a figura da oliveira — o povo de Deus. Israel é nesta figura os galhos naturais. Contra a natureza, ramos de oliveira brava foram enxertados na planta, enquanto os ramos naturais, Israel, foram quebrados por causa da incredulidade (Rm 11.19). No entanto, os ramos naturais serão re-enxertados na sua própria planta se não continuarem na incredulidade (Rm 11.23). Se ramos de oliveira brava foram enxertados na planta contra a natureza, "quanto mais não serão enxertados na sua própria oliveira aqueles que são ramos naturais!" (Rm 11.24). Este é o contexto da afirmação de Paulo: que

um endurecimento veio sobre (grande) parte de Israel até que entrasse o número total de gentios. "E assim (quer dizer, desta maneira, após um período de endurecimento) todo o Israel será salvo" (Rm 11.26).

O Novo Testamento afirma claramente a salvação do Israel literal, mas não dá detalhe algum acerca do dia da salvação. Isto, porém, deve ser dito: a salvação de Israel precisa ocorrer nos mesmos termos que a dos gentios — pela fé em seu Messias crucificado. Como já mostramos, a exegese do Novo Testamento (Hebreus 8) torna difícil crer que as profecias do Antigo Testamento sobre o "templo do milênio" se cumprirão literalmente. Elas se cumprem na Nova Aliança firmada no sangue de Jesus. Pode bem ser que a conversão de Israel se dê em conexão com o milênio. Pode ser que no milênio, pela primeira vez na história humana, testemunhemos uma nação verdadeiramente cristã. No entanto, o Novo Testamento não dá detalhe algum da conversão de Israel e seu papel no milênio. Portanto, uma escatologia não-dispensionalista simplesmente afirma a salvação futura de Israel, e deixa em aberto, para Deus, os detalhes.

Não se segue de maneira alguma que, como argumentam alguns amilenistas, já que muitas das profecias do Antigo Testamento se cumprem na igreja, isto deve ser tomado como princípio normativo único, e que *todas* as promessas feitas a Israel cumprem-se na Igreja, sem exceção. Já buscamos provar que o Novo Testamento ensina a salvação final de Israel. Israel continua sendo povo eleito de Deus, um povo "santo" (Rm 11.16). Não podemos saber como se cumprirão as profecias do Antigo Testamento, apenas dizer que Israel permanece sendo povo de Deus e experimentará ainda uma visitação divina que resultará em sua salvação.

O Contexto do Milenismo

Uma outra consideração é igualmente importante: Qualquer doutrina milenista deve ser consistente com seu contexto do Novo Testamento, de modo especial sua cristologia.

Uma das doutrinas centrais do Novo Testamento, frequentemente negligenciada, é a do conselho celestial de Cristo. "Depois de ter feito a purificação dos pecados, (Cristo) assentou-se à direita da Majestade nas alturas" (Hb 1.3). Este é um tema freqüentemente reiterado no Novo Testamento. "De glória e honra o coroaste e o constituíste sobre as obras de suas mãos. Todas as coisas sujeitaste debaixo dos seus pés." (Hb 2.7, 8). "Jesus, porém, tendo oferecido, para sempre, um único sacrifício pelos pecados, assentou-se à destra de Deus, aguardando, daí em diante, até que os seus inimigos sejam postos por estrado dos seus pés". (Hb 10.12, 13).

Temos aqui uma alusão clara ao Salmo 110.1: "Disse o SENHOR ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés". A direita é o lugar de preferência, de poder, de pre-eminência. Isto tem a ver com o domínio de Cristo como Rei messiânico. A direita é, com efeito, o trono de Deus. "Ao vencedor, dar-lhe-ei sentar-se comigo no meu trono, assim como Eu também venci, e me sentei com meu Pai no trono" (Ap 3.21). Cristo reina agora do Céu como vice-regente de Deus. O reinado de Cristo tem como objetivo subjugar qualquer poder hostil. "E então virá o fim, quando ele entregar o reino ao Deus e Pai, quando houver destruído todo principado, bem como toda potestade e poder. Porque convém que ele reine até que haja posto todos os inimigos debaixo dos seus pés. O último inimigo a ser destruído é a morte". (1 Co 15.24-26). O Novo Testamento não faz do reinado de Cristo algo limitado a Israel no milênio. É um reinado espiritual no Céu que já foi inaugurado, e seu propósito principal é destruir os inimigos espirituais de Cristo, o último dos quais é a morte.

A verdade da presente exaltação e reinado de Cristo está expressa claramente na grande passagem cristológica — Filipenses 2.5-10. Embora subsistindo em forma de Deus, Cristo não considerou esta igualdade com Deus algo a que devesse se agarrar, como Adão tentou fazer. Ao invés, ele se derramou tomando a forma de um escravo, nasceu à semelhança do homem. Reconhecido em figura humana, ele se humilhou tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz. É por is-

to que Deus o exaltou sobremaneira e deu a Jesus o título e posição de Senhor. O alvo é que ao nome de Jesus se dobre todo joelho e toda língua confesse que *Jesus Cristo é o Senhor* para a glória de Deus Pai.

A principal confissão de fé dos cristãos primitivos não era de Jesus como Salvador mas de Jesus como Senhor. "Se com a tua boca confessares a Jesus como Senhor, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo" (Rm 10.9). Isto é mais do que uma confissão que Jesus é *meu* Senhor. É primariamente uma confissão teológica que reconheço que Deus exaltou Jesus à posição de Senhor. Ele é o Senhor; ele foi exaltado à mão direita de Deus. Portanto, eu o faço *meu* Senhor submetendo-me à sua soberania.

Senhorio e reinado são termos intercambiáveis. Isto se vê em 1 Timóteo 6.15. Deus é nosso "bendito e único Soberano, o Rei dos reis e Senhor dos senhores". Embora este verso fale do Pai, é pela obra mediatória do Senhor Jesus que todo inimigo será posto sob seus pés. Quando isto estiver feito, e ele houver destruído "todo principado, bem como toda potestade e poder", o Senhor Jesus entregará o *reino* ao Pai. "Quando, porém, todas as coisas lhe estiverem sujeitas, então o próprio Filho também se sujeitará àquele que todas as coisas lhe sujeitou para que Deus seja tudo em todos" (1 Co 15.28).

A mesma verdade é estabelecida claramente no discurso de Pedro no Pentecoste, que ele conclui com a declaração: "Esteja absolutamente certa, pois, toda a casa de Israel de que a este Jesus que vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo" (At 2.36). Fora de seu contexto, este verso poderia significar que Jesus *tornou-se* Senhor e Cristo em sua exaltação. Porém, Atos 3.18 mostra claramente que foi como o Cristo que Jesus suportou seus sofrimentos. Portanto, o verso significa que em sua exaltação, Jesus entrou em uma nova etapa de sua missão messiânica. *Cristo* significa "ungido" e se refere a seu papel como Rei davídico. Senhor é uma palavra religiosa que significa soberano absoluto.

A importância deste dito vê-se no sermão de Pedro. Davi sabia que Deus havia jurado colocar um de seus descendentes (de Davi) no seu trono. Portanto, ele previu e falou da ressur-

reição de Cristo, que foi exaltado à destra de Deus. "Porque Davi não subiu aos céus, mas ele mesmo declara: Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos por estrado dos teus pés" (At 2.34, 35). Eis aqui novamente a citação do Salmo 110. Pedro, inspirado, transferiu o trono de Davi de Jerusalém-Sião (Sl 110.2) — para o Céu. Em seu conselho, Jesus foi feito Senhor. E começou também seu reinado como Rei davídico messiânico. Ele entrou em seu reinado como Senhor e Cristo.

Esta verdade reflete-se em uma das três palavras gregas usadas para designar a Segunda Vinda de Jesus: *apokalypsis*, que significa "revelação". Paulo diz aos coríntios que eles estão aguardando "a revelação de nosso Senhor Jesus Cristo" (1 Co 1.7). A volta do Senhor será o descanso para os cristãos aflitos "quando do Céu se manifestar (revelar) o Senhor Jesus" (1 Ts 1.7). A Segunda Vinda de Cristo será nada menos que a exibição ao mundo do senhorio e reinado que já são seus. Ele é Senhor *agora* à destra de Deus. Porém, seu reino presente só é visto com o olhar da fé. É invisível e irreconhecível para o mundo. Seu segundo advento será o desvendamento — revelação — a exibição do senhorio que já é seu. Será "a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus" (Tt 2.13).

Não encontramos apoio na Escritura para a idéia que Jesus é Senhor da igreja enquanto é Rei de Israel. Não encontramos na Escritura a idéia que Jesus começa seu reino messiânico em sua parousia e que seu reinado pertence primariamente ao milênio. O que encontramos, pelo contrário, é que o reino milenial de Cristo será a manifestação na história da soberania e reinado que já são seus.

Milenismo

Precisamos agora ir ao Novo Testamento para estudar seus ensinamentos sobre milênio. Por razões esboçadas anteriormente, uma doutrina do milênio não pode ser baseada em profecias do Antigo Testamento, mas deve basear-se apenas no Novo Testamento.

O único lugar da Bíblia que fala de um milênio real é a passagem de Apocalipse 20.1-6. Qualquer doutrina do milênio deve basear-se na exegese mais natural desta passagem.

O livro de Apocalipse pertence ao gênero literário chamado apocalíptico. O primeiro livro apocalíptico foi o Daniel canônico. A este seguiu-se um grande grupo de apocalipses imitativos, entre 200 a.C. e 100 d.C., como Enoque, Assunção de Moisés, 4º Esdras e o Apocalipse de Baruque. Dois fatos emergem do estudo dos livros apocalípticos: os apocalipses usam linguagem altamente simbólica para descrever uma série de eventos na história; e a preocupação principal dos apocalípticos é o fim desta era e o estabelecimento do reino de Deus. Às vezes, há um Messias, mas nem sempre. Na Assunção de Moisés é o próprio Deus que estabelece seu reino.⁸ Ilustrando: Daniel vê quatro bestas levantarem-se do mar que representam uma sucessão de quatro impérios mundiais. Então ele vê um como que filho do homem vir do trono de Deus e receber um reino que ele traz à terra, aos santos do Altíssimo (Dn 2). Esta é a maneira de Daniel descrever o fim desta era e o estabelecimento do reino de Deus.

No Apocalipse de João, a besta do capítulo 13 é ao mesmo tempo a Roma da história antiga e um Anticristo escatológico⁹. A primeira coisa para se notar é que os acontecimentos de Apocalipse 20 seguem-se à visão da Segunda Vinda de Cristo, que é retratada em 19.11-16. Nesta visão a ênfase recai plenamente na vinda de Cristo como Vencedor. Ele é retratado montado num cavalo branco, como guerreiro, acompanhado dos exércitos do Céu. Ele vem como "Rei dos reis e Senhor dos senhores" (Ap 19.16). Ele vem batalhar contra o Anticristo, que foi retratado nos capítulos 13 e 17. É digno de nota que a única arma mencionada é a espada que procede de sua boca. Com ela ele fere as nações (Ap 19.15). Isto é realmente um prodígio. Ele ganha suas vitórias apenas com sua palavra, que é "viva e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes" (Hb 4.12). Ele não vencerá pelo uso das armas militares do mundo, mas com sua palavra simplesmente. Ele falará e terá a vitória.

Alguns sistemas de interpretação não vêem nesta visão

a Segunda Vinda de Cristo. Ao invés, eles vêem uma descrição altamente simbólica do testemunho da Palavra de Deus no mundo através da igreja. Esta interpretação parece impossível. O tema do Apocalipse é o retorno do Senhor para consumir sua obra redentiva. "Eis que vem com as nuvens, e todo o olho o verá, até quantos o traspassaram. E todas as tribos da terra se lamentarão sobre ele" (Ap 1.7). Não podemos aqui fazer uma revisão do papel que a Segunda Vinda de Cristo tem no Novo Testamento como um todo. Só posso dizer que é uma doutrina absolutamente central em cada porção do Novo Testamento. A Encarnação foi uma invasão divina na história na qual a majestade e glória divinas foram ve-ladas na humanidade de Jesus. A Segunda Vinda será uma segunda invasão divina, na qual a majestade e glória de Deus serão reveladas. Apocalipse 19 é a única passagem no Apocalipse que descreve a Segunda Vinda de Cristo. Se esta passagem for interpretada de modo diferente, o Apocalipse não descreve em lugar algum a volta do Senhor.

Além disto, Apocalipse 19.6-10 anuncia as "bodas (casamento) do Cordeiro" — a união de Cristo com a esposa, a igreja, que acontecerá na volta de Cristo. As bodas em si não são descritas; elas acontecem na volta do Senhor. O tema é mencionado novamente em 21.2 onde a Jerusalém celestial, representando o povo redimido de Deus, é vista descendo do Céu, "ataviada como noiva adornada para o seu esposo". Jesus utilizou a metáfora de um banquete de casamento para descrever a vinda escatológica do reino (Mt 22.1-14), e comparou a hora da vinda do reino — desconhecida — com a hora incerta da chegada do noivo (Mt 25.1-13). Paulo compara o relacionamento da igreja com Cristo com o de uma "virgem pura a um só esposo" (2 Co 11.2). Aqui, a igreja ainda não é a esposa; o casamento é a união escatológica. Mais uma vez Paulo compara o relacionamento de Cristo e sua igreja com o de um marido e sua esposa (Ef 5.25-33), mas o casamento mesmo é visto como futuro, quando a igreja é apresentada perante ele "gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito" (Ef 5.27). No Apocalipse, o casamento em si não é descrito em lugar algum; é uma

maneira metafórica de aludir ao ato redentivo final quando "o tabernáculo de Deus (está) com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus e Deus mesmo estará com eles" (Ap 21.3).

Os capítulos 19 e 20 formam uma narrativa contínua anunciando as bodas do Cordeiro, a volta vitoriosa de Cristo e sua vitória sobre seus inimigos. Apocalipse 19.17-21 descreve com terminologia de guerra antiga a vitória de Cristo sobre a besta e o falso profeta: "Os dois foram lançados vivos dentro do lago do fogo que arde com enxofre" (19.20). O capítulo 20 relata a vitória de Cristo sobre aquele que estava por trás da besta, o diabo. A vitória sobre o diabo ocorre em duas etapas. Primeiro ele é acorrentado e trancado no "abismo" por mil anos, "para que não mais enganasse as nações" (Ap 20.3), como havia feito através da besta. Apenas no final dos mil anos Satanás é finalmente lançado no lago do fogo e enxofre para receber o mesmo destino que a besta e o falso profeta. (20.10).

Para mim, esta é a única exegese admissível de Apocalipse 20.1-6. A exegese da passagem depende da interpretação pessoal dos versos 4 e 5: Eles (as pessoas mencionadas anteriormente no versículo 4) "viveram e reinaram com Cristo durante mil anos. Os restantes dos mortos não viveram até que se completassem os mil anos. Esta é a primeira ressurreição". O grego que está por trás da tradução "eles tornaram a viver" (que aparece na versão inglesa utilizada pelo autor — N. do T.) é um verbo apenas, *ezēsan*, que poderia também traduzir-se "viveram". O que significa "viver"? É literal, uma ressurreição do corpo, ou espiritual, uma ressurreição de alma? Se pudermos achar a resposta a esta questão, teremos a chave da solução do problema milenista nesta passagem.

Não se pode fazer objeção à interpretação "espiritual" do primeiro *ezēsan* com base em que o Novo Testamento não ensina ressurreição espiritual alguma, pois ele claramente o faz. Efésios 2.1-6 ensina que nós, anteriormente mortos em pecados, fomos vivificados e ressuscitados dos mortos com Jesus Cristo. Isto é claramente uma ressurreição do espírito, que ocorre quando alguém chega à fé em Jesus Cristo.

Mais uma vez, em João 5.25-29, a ressurreição espiritual e a ressurreição física ocorrem no mesmo contexto:

Em verdade, em verdade vos digo que vem a hora, e já chegou, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus; e os que a ouvirem, viverão (zesousin). (. . .) Não vos maravilheis disto, porque vem a hora em que todos os que se acham nos túmulos ouvirão a sua voz e sairão: os que tiverem feito o bem, para a ressurreição da vida; e os que tiverem praticado o mal, para a ressurreição do juízo.

Aqui há primeiramente uma ressurreição espiritual, seguida por uma ressurreição física escatológica. Intérpretes amilenistas argumentam que Apocalipse 20 deveria ser interpretado de forma análoga a João 5.

Esta passagem não proporciona, no entanto, uma analogia verdadeira com a passagem no Apocalipse. Há uma diferença fundamentalmente importante: Em João o próprio contexto fornece as pistas para a interpretação espiritual em um caso e literal no outro. Acerca do primeiro grupo que vive, *a hora já chegou*. Isto deixa claro que a referência é aos que estão espiritualmente mortos e entram na vida ouvindo a voz do Filho de Deus. O segundo grupo, porém, está "nos túmulos". Não estão espiritualmente mortos, mas fisicamente mortos. Tais mortos serão trazidos novamente à vida; deles, uma parte experimentará uma "ressurreição da vida", outra, uma ressurreição do juízo" (condenação), para a execução do decreto divino que pairava sobre eles porque rejeitaram o Filho de Deus e a vida que ele veio trazer (Jo 3.18, 36). A linguagem destas palavras deixa fora de dúvida que Jesus deseja que seus ouvintes saibam que ele está falando de dois tipos de "viver": uma ressurreição espiritual no presente e uma ressurreição física no futuro.

Em Apocalipse 20 *não há uma tal pista conceitual para uma variação semelhante na interpretação*. A linguagem da passagem é bem clara e sem ambigüidades. Não há necessidade nem possibilidade contextual para interpretar qualquer dos ezêsan espiritualmente a fim de dar sentido à passagem. No começo dos mil anos alguns dos mortos tornam à vida; no final,

o restante dos mortos torna à vida. Não há jogo de palavras evidente aqui. A passagem faz sentido perfeitamente quando interpretada de forma literal.

Isto é reforçado pelo fato que a mesma palavra é utilizada com referência a tornar à vida em dois outros lugares no Apocalipse. Em Apocalipse 2.8 lemos: "Estas coisas diz o primeiro e o último, que esteve morto e tornou a viver" (ezēsan). Aqui há uma clara referência à ressurreição de Jesus. Em 13.14, lemos da besta "que, ferida à espada, sobreviveu" (ezēsan). De 13.3 sabemos que a ferida foi "ferida mortal", uma ferida que levou à morte.

Precisamos concluir que passagens tais como Efésios 2 e João 5 não são verdadeiramente análogas a Apocalipse 20 e não fornecem justificativas suficientes para interpretar-se o primeiro ezēsan espiritualmente e o segundo literalmente. A exegese indutiva natural sugere que as duas palavras sejam tomadas da mesma maneira, referindo-se a uma ressurreição literal. O melhor que podemos fazer é citar as palavras de Henry Alford:

Se, numa passagem onde duas *ressurreições* são mencionadas, onde algumas *psychai ezēsan* primeiro, e o resto dos *nekroi ezēsan* só no final de um período específico depois dos primeiros, se em uma passagem como essa a primeira ressurreição pode ser entendida como uma ressurreição *espiritual* com Cristo, enquanto que a segunda significa ressurreição literal, dos sepulcros, então acabou-se toda a significação da linguagem, e a Escritura é anulada como testemunho definitivo sobre qualquer coisa.¹⁰

Alguns dão ênfase ao fato que João viu *psychai* — almas, não corpos. Isto não é bem verdade. João viu *psychai* que ezēsan — tornaram à vida através da ressurreição.

A objeção mais forte ao milenismo é que esta verdade se encontra apenas em uma passagem da Escritura — Apocalipse 20. Os amilenistas apelam ao argumento da analogia, que passagens difíceis devem ser interpretadas pelas passagens claras. É fato que a maioria dos escritos do Novo Testamento nada diz sobre um milênio.

Uma das passagens "milenistas" mais importantes nos

Evangelhos para os dispensacionalistas é a parábola das ovelhas e bodes em Mateus 25.31-46. Dizem-nos que este é o julgamento para determinar quem participa do milênio e quem é excluído. Isto é impossível, porque o próprio texto diz que os justos irão para a vida eterna, enquanto que os ímpios para a punição eterna (Mt 25.46). "Vida eterna" não é o milênio, mas a vida eterna do Porvir. Na verdade, o Dr. John Wolvoord rotula-me amilenista porque não vejo o milênio em tais passagens.¹¹ Não consigo achar resquício algum de um reino terreno intermediário ou de um milênio nos Evangelhos.¹²

Há, porém, uma passagem em Paulo que pode referir-se a um reino intermediário, se não um milênio. Em 1 Coríntios 15.23-26, Paulo retrata o triunfo do reino de Cristo como alcançado em várias etapas. A ressurreição de Cristo é a primeira etapa (*tagma*). A segunda etapa ocorrerá na parousia quando os que são de Cristo participarão de sua ressurreição. "E então virá o fim, quando ele entregar o reino ao Deus e Pai, quando houver destruído todo principado, bem como toda potestade e poder. Porque convém que ele reine até que haja posto todos os inimigos debaixo dos seus pés. O último inimigo a ser destruído é a morte". Os advérbios traduzidos por "depois" e "então" são *epeita*, *eita*, que denotam sequência: "depois disto". Há três etapas distintas: a ressurreição de Jesus, depois (*epeita*) a ressurreição dos crentes no dia da ressurreição, depois (*eita*) o fim (*telos*). Existe um intervalo não-identificado entre a parousia e o *telos*, quando Cristo termina de subjugar seus inimigos.¹³

Temos aqui um caso de revelação progressiva. O propósito principal da profecia não é responder todas as nossas dúvidas sobre o futuro, mas permitir que o povo de Deus viva o presente na luz do futuro (2 Pe 1.19). Os evangélicos que crêem que a Bíblia é a Palavra de Deus contendo a revelação de Deus para a humanidade reconhecem a revelação progressiva. Não deveria ser problema para nós que o Novo Testamento em sua maior parte não prevê o milênio, mais do que o fato que o Antigo Testamento não prediz com clareza a Era da Igreja.

O Novo Testamento não expõe em lugar algum a teologia do milênio, isto é, seu propósito no plano redentivo de Deus.

De alguma forma não exposta na Escritura, o milênio é parte do governo messiânico de Cristo através do qual ele põe seus inimigos sob seus pés (1 Co 15.25). Outro papel possível para o milênio é que o reino messiânico de Cristo seja feito patente *na História*. O propósito do ministério terreno de Cristo era trazer o reino de Deus aos homens (Mt 12.28). E porque o Rei já veio, fomos libertos do poder das trevas e transportados para o seu reino (Cl 1.13). Já dissemos que Cristo começou seu reino messiânico em sua ressurreição-ascensão; mas seu reinado presente é invisível, não visto nem reconhecido pelo mundo, visível apenas ao olhar da fé.

A ordem da Era do Porvir envolverá novos céus e nova terra, e será tão diferente da presente ordem que podemos dizê-la *além da História* (2 Pe 3.12; Ap 21.22). O milênio revelará ao mundo como nós o conhecemos a glória e poder do reinado de Cristo.

Há outra razão possível para o reino milenial de Cristo. No seu fim o diabo será solto de sua prisão e encontrará os corações dos homens ainda abertos a seus enganos, apesar de terem vivido um período de paz e justiça. Isto servirá para mostrar a excelência da justiça de Deus no julgamento final. O pecado — rebelião contra Deus. . . não é devido a uma sociedade perversa ou más influências do ambiente de vida, mas à pecaminosidade dos corações humanos. Por isto a justiça de Deus ficará plenamente demonstrada no dia do julgamento final.

Há problemas teológicos reconhecidamente sérios na doutrina do milênio. Porém, mesmo se a teologia não puder achar respostas para todas as suas dúvidas, a teologia evangélica deve edificar-se sobre o ensino claro da Escritura. Por esta razão sou pré-milenista.

**UMA RESPOSTA
PRÉ-MILENISTA
DISPENSACIONALISTA
HERMAN H. HOYT**

A apresentação de cada um dos pontos de vista sobre o milênio neste livro é centrada na hermenêutica ou princípio de interpretação adotado por cada autor. Este princípio de interpretação desenvolve um sistema teológico que torna quase impossível que cada autor seja qualquer coisa que está em conflito com seu sistema ou não se encaixa nele. Quando o autor é encostado na parede, ele ignora os problemas ou adota algum tipo de racionalização para fazer com que as circunstâncias se encaixem em seu sistema. Isto pode acontecer em maior ou menor grau, dependendo do ponto de vista do autor, e em cada caso não é necessário questionar a sinceridade de quem escreve. Cada um crê que o seu sistema é o menos sujeito a problemas, e Ladd, como os outros, assim crê do seu sistema.

A expressão pré-milenismo "histórico" sugere algo que não creio ser verdade. Os pais da igreja a partir do segundo século não apoiaram este ponto de vista, e portanto sua validade não pode ser estabelecida desta forma. Qualquer validação histórica verdadeira deve ser encontrada no Novo Testamento — algo que, esposado pela igreja primitiva, persistiu por vários séculos.

Ladd é correto em introduzir sua discussão de milenismo com "A Questão Hermenêutica". Em seus parágrafos introdutórios, seu princípio de interpretação leva-o a fazer uma observação que exclui qualquer outra perspectiva. Ele crê

que a igreja não será arrebatada até depois da tribulação. A referência à "primeira ressurreição" (Ap 20.5) tem de significar que todas as companhias de salvos ressuscitam ao mesmo tempo. A perspectiva dispensacionalista é que a última companhia dos salvos ressuscita nessa hora, completando assim a primeira ressurreição.

Está muito claro na discussão hermenêutica de Ladd que ele é definitivamente contrário ao sistema dispensacionalista. No entanto, acho difícil entender por que um sistema é reputado dispensacionalista enquanto os outros fogem desta classificação. Nenhuma perspectiva de milênio deste livro carece de algum tipo de arranjo de dispensações; e com certeza a simples menção de um milênio impõe uma outra dispensação. Mas é claro que Ladd não acha lugar para outro sistema de dispensações além do seu próprio, e que o principal problema para ele é a ênfase na interpretação literal das Escrituras, defendida por aqueles que são conhecidos como "dispensacionalistas".

Ladd está cômico do fato que a interpretação literal é a pedra de esquina do milenismo dispensacionalista. "As profecias do Antigo Testamento devem ser interpretadas literalmente" (p.18). Isto ajuda a fazer distinções claras entre a nação de Israel e a igreja cristã. Mas ele recusa-se a compreender que o Antigo Testamento não se completa sem o Novo, e que o Novo Testamento não pode ser compreendido sem o Antigo. Ele mesmo admite insistir que o Novo Testamento interpreta o Antigo. Há, com certeza, um certo grau de verdade nisto. Mas passagem após passagem Ladd insiste que o Novo Testamento está interpretando o Antigo, quando ele está simplesmente aplicando um princípio que se encontra no Antigo Testamento (Os 11.1 c/ Mt 2.15; Os 1.10, 2.23 c/ Rm 9.24-26). Não há razão alguma para se concluir apressadamente que estas referências identificam a igreja e Israel como o mesmo corpo dos salvos. Apesar de que "o Novo Testamento aplica profecias do Antigo Testamento à igreja neotestamentária" (p.22), não o faz no sentido de identificar a igreja com o Israel espiritual. O Novo Testamento faz tal aplicação meramente para explicar algo que é verdadeiro de ambos.

Concentrando-se no assunto principal em discussão, Ladd assevera: "O dispensacionalismo forma sua escatologia de uma interpretação literal do Antigo Testamento e então encaixa nela o Novo Testamento: explícito do Novo Testamento" (p. 26). Entendo que esta não é uma avaliação verdadeira dos fatos. O dispensacionalista interpreta o Novo Testamento à luz do Antigo, enquanto que o não-dispensacionalista, ao que parece, vai ao Novo Testamento com um sistema de interpretação que não se deriva do Antigo Testamento e o sobrepõe ao Novo Testamento. Quando Ladd afirma que: "(a) a primeira vinda de Cristo se deu em termos não previstos pela interpretação literal do Antigo Testamento e (b) há indícios dos quais não se pode fugir que as promessas a Israel no Antigo Testamento cumprem-se na igreja cristã" (p.26), isto não apenas soa como amilenismo, é quase amilenismo. Para fugir desta acusação ele tem necessidade de passar da espiritualização ao literalismo ao interpretar passagens como Romanos 11, onde a igreja é claramente distinta de Israel.

Ao passar da interpretação ao contexto do milénismo, Ladd tem a preocupação de ser consistente com a cristologia do Novo Testamento. Ele insiste que Cristo está agora exaltado à elevada posição de Senhor e Cristo, exercendo seu poder e reinando do Céu como vice-regente de Deus. Pode ser que haja dispensacionalistas que joguem com as palavras Senhor e Rei, e descubram distinções que não possuem distinção real — confinando Senhor à igreja e Rei ao milénio — mas qualquer um destes casos é apenas uma pequena fatia à margem do dispensacionalismo. A parte mais importante do dispensacionalismo segue o que Ladd colocou: no milénio haverá uma revelação de Cristo como soberano cujo governo desse período trará progressivamente cada inimigo à sujeição, o último dos quais é a morte (1 Co 15.24-26). Durante o milénio, Cristo governará sobre toda a terra, incluindo os gentios tanto quanto Israel. Mas esse governo, contrariamente à perspectiva de Ladd, estará diretamente relacionado à terra. Será pessoal, terreno, visível, real e espiritual.

Concluindo suas notas, Ladd declara que muito pouco se estabelece no Novo Testamento sobre o milénio e que uma

passagem apenas contém praticamente tudo o que é revelado. Ele se refere a Apocalipse 19 e 20. Mas isto é provavelmente uma subestimação, com que o próprio Ladd concordaria. Outras porções do Novo Testamento fornecem detalhes que aprimoram em muito a imagem que temos. É uma pena que ele não pode ver que o Antigo Testamento fornece a maior parte do material para se ter uma perspectiva completa.

Ladd está bem certo em insistir que Apocalipse 19-20 revela o grande clímax do ministério de Cristo em sua Segunda Vinda. "Eis que vem com as nuvens, e todo o olho o verá, até quantos o traspassaram. E todas as tribos da terra se lamentarão sobre ele" (Ap 1.7). Isto inclui o casamento do Cordeiro com a Noiva (a igreja), a derrota dos exércitos mobilizados sob o Anti-cristo e o lançamento dos dois gênios do mal para dentro do lago do fogo. Há então a prisão de Satanás no abismo por mil anos. Nesse ponto há a ressurreição física dos santos. Após os mil anos, vem a ressurreição dos ímpios, seu julgamento e o estabelecimento do estado eterno.

É encorajador ver Ladd apegar-se à exegese contextual e literal ao lidar com a ressurreição do capítulo 20. Neste ponto ele cita uma longa passagem de Henry Alford em defesa deste método de interpretação. Como Ladd mostra, há um triunfo progressivo do reino de Cristo conforme é descrito em 1 Coríntios 15.23-26, no qual Cristo completa a sujeição dos seus inimigos. A primeira etapa é marcada pela ressurreição do próprio Cristo. A isto se segue um período indefinido de tempo, a Era da Igreja. Depois vem a parousia e a ressurreição dos salvos. Segue-se um outro período não definido por 1 Coríntios 15, que é definido em Apocalipse 20 como o reino do milênio. A terceira etapa é o fim, quando Cristo ressuscitará os ímpios mortos e os julgará, e então entregará o reino ao Pai para a eternidade.

Apesar de Ladd afirmar que a revelação do Novo Testamento acerca do milênio é limitada, ele está certo em indicar que há material suficiente para perceber uma revelação progressiva. Mas nota-se um propósito subjacente, a saber, um valor prático: "Permitir que o povo de Deus viva o presente na luz do futuro" (p. 36). Em lugar nenhum o Novo

Testamento expõe a teologia do milênio de maneira formal. Mas os homens são advertidos de que há uma nova ordem de revelação e controle durante o reino. Após mil anos em um ambiente quase perfeito, ficará claro que "o pecado — rebelião contra Deus — não é devido a uma sociedade perversa ou más influências do ambiente de vida, mas à pecaminosidade dos corações humanos" (p.37).

Após passar por toda a doutrina do milênio com as verdades dela resultantes, Ladd faz o que cada um dos outros autores deste volume faz de maneira implícita ou explícita, isto é, admite que há problemas teológicos sérios na doutrina do milênio. O estudioso da Escritura está confinado à revelação, e nem todos os problemas se resolvem nela. Por isto ele faz o melhor que pode com o material disponível. Isto levou Ladd a afirmar: "Por esta razão sou pré-milenista".

UMA RESPOSTA PÓS-MILENISTA

LORAINÉ BOETTNER

Tive uma boa impressão da discussão que Ladd faz da maneira como a profecia do Antigo Testamento é interpretada ~~cap~~ aplicada pelo Novo Testamento. Sua maneira de tratar do assunto pareceu-me essencialmente correta. Ele mostra que, enquanto o dispensacionalismo sustenta que a igreja não foi prevista pelos profetas do Antigo Testamento e foi oferecida apenas como uma espécie de medida secundária depois que o reino oferecido por Cristo aos judeus foi rejeitado, é difícil evitar a conclusão que "o Novo Testamento aplica profecias do Antigo Testamento à igreja neotestamentária, e assim fazendo identifica a igreja como o Israel espiritual" (p. 24). Ele mostra também que o "principal divisor de águas" entre as teologias dispensacionalista e não-dispensacionalista é que "o dispensacionalismo forma sua escatologia de uma interpretação literal do Antigo Testamento e então encaixa nela o Novo Testamento", enquanto "uma teologia não-dispensacionalista forma sua teologia do ensino explícito do Novo Testamento" (p.26). Mas eu discordo bem radicalmente de sua visão do milênio derivada de Apocalipse 20,1-6. Hoekema, porém, discutiu Apocalipse 20,1-6 e remeto o leitor as páginas 145 a 156 para o que considero uma análise satisfatória.

Gostaria de limitar minha discussão primariamente às diferenças que existem acerca dos judeus e da posição que terão ainda neste mundo presente e no reino do milênio. . .

Ladd cita Rm 11.26 ("e assim todo o Israel será salvo") e conclui que este verso quer dizer Israel literal. Ele diz que "não podemos saber como se cumprirão as profecias do Antigo Testamento, apenas dizer que Israel permanece sendo povo de Deus e experimentará ainda uma visitação divina que resultará em sua salvação" (p. 27). Ele acrescenta, porém, e está certo, que "a salvação de Israel precisa ocorrer nos mesmos termos que a dos gentios — pela fé em seu Messias crucificado" (p. 27).

Ladd reconhece que "uma doutrina do milênio não pode ser baseada em profecias do Antigo Testamento, mas deveria basear-se apenas no Novo Testamento". E que "o único lugar da Bíblia que fala de um milênio real é a passagem de Apocalipse 20.1-6" (p.31). Ele diz que "Cristo reina agora do Céu como vice-regente de Deus" (p. 28). Ele cita Hebreus 1.3 "depois de ter feito a purificação dos pecados, assentou-se à direita da Majestade nas alturas", e diz que Cristo está agora sentado à destra de Deus, que é a posição de pré-eminência. No cumprimento do Salmo 110.1, Cristo deve ocupar esta posição até que seus inimigos tenham sido feitos estrado de seus pés. Isto quer dizer que Cristo "é Senhor *agora*. Ele reina *agora* à destra de Deus. Porém, seu reino presente só é visto com o olhar da fé. É invisível e irreconhecível para o mundo. Seu segundo advento será o desvendamento — revelação — a exibição do senhorio que já é seu". Creio que isto é correto. Na verdade, estas palavras poderiam ter sido escritas por um amilenista ou pós-milenista. Mas como pós-milenista, gostaria de ver alguma ênfase no resultado deste reino em ganhar almas para a justiça durante a Era da Igreja.

Ladd tem bem pouco a dizer da natureza do reino milenial de Cristo sobre a terra. Ele diz: "O Novo Testamento não expõe em lugar algum a teologia do milênio, isto é, seu propósito no plano redentivo de Deus. De alguma forma não exposta na Escritura, o milênio é parte do governo messiânico de Cristo através do qual ele põe seus inimigos sob seus pés (1 Co 15.25)" (p.37). Ele diz, realmente, que Israel se converterá, e que "no milênio, pela primeira vez na História humana, (testemunharemos) uma nação verdadeiramente cristã". E acrescenta: "o Novo Testamento não dá detalhe al-

gum da conversão de Israel e seu papel no milênio. Portanto, uma escatologia não dispensacionalista simplesmente afirma a salvação futura de Israel e deixa em aberto, para Deus, os detalhes" (p.27).

Embora Ladd não tente explicar, aparece certamente uma situação curiosa quando Cristo e os santos ressurretos e trasladados voltam à terra para firmar o reino milenial juntamente com homens ainda na carne. Esta condição, semi-celestial e semi-terrena, com Cristo reinando — aparentemente — em Jerusalém, com dois tipos radicalmente diferentes de pessoas (os santos, em corpos ressurretos glorificados, e os mortais comuns ainda na carne misturando-se livremente pelo mundo afora durante o período quase interminável de mil anos) me choca, tão irreal e impossível que fico a pensar como alguém pode levá-la a sério. Tal estado de mistura de mortais com imortais, do terrestre com o celestial, seria certamente uma monstruosidade. ~~Seria tão incongruente quanto os santos anjos unindo-se agora em seu trabalho, prazer e culto com a população atual do mundo, trazendo o esplendor celestial a um ambiente pecaminoso.~~ Exalte o milênio o quanto você quiser, ainda será muito inferior ao Céu. Não poderia ser mais que um grande anticlímax para aqueles que provaram da glória celestial serem trazidos de volta para participar desta vida. Tais posições de autoridade e governo que poderiam ser-lhes dadas neste mundo seriam uma compensação muito pobre em troca da glória que eles gozavam no Céu.

Ao discorrer sobre suas idéias de como será o milênio, os pré-milenistas não levam em consideração a suprema majestade de Cristo ressurreto e glorificado. Eles imaginam que os homens estarão em contato pessoal com ele, que reinará de um trono neste mundo. Aparentemente eles supõem que ele será como nos dias de sua humilhação. Mas quando o Cristo glorificado, que havia sido assunto ao Céu, apareceu a Saulo no caminho para Damasco, ele foi cegado pela luz e caiu por terra. Quando o apóstolo João o viu, "o seu rosto brilhava como o sol na sua força". E João diz: "Quando o vi, caí a seus pés como morto" (Ap 1.16, 17). Se essa glória foi tão suprema que o amado discípulo João caiu a seus pés como morto,

quanto menos poderiam os mortais comuns, pecadores, ficar de pé perante ele! Paulo o descreveu como "o bendito e único Soberano, o Rei dos reis e Senhor dos senhores; o único que possui imortalidade, que habita em luz inacessível, a quem homem algum jamais viu, nem é capaz de ver" (1 Tm 6.15, 16).

Quando Cristo voltar em sua própria glória e na do Pai, com todos os santos anjos, por certo nenhum simples homem, que comparado a isto não é mais que um verme, poderá permanecer perante ele. Seu período de humilhação terminou, e sua glória divina proíbe a aproximação dos que foram manchados pelo pecado. Nenhum mortal pode vir a essa presença sem ser esmagado por ela. Esta visão está reservada para o Céu. Este mundo e as pessoas que nele há não podem suportar tamanha glória.

A idéia de um reino provisório onde os santos glorificados e homens mortais se misturam não encontra apoio em lugar algum da Escritura. Quando os santos são tomados para encontrarem-se com o Senhor nos ares é dito: "E assim estaremos para sempre com o Senhor" (1 Ts 4.17). Não há indício algum de uma volta à terra antes do novo céu e nova terra do estado eterno. Nossos corpos naturais não podem entrar no reino celestial, e podemos estar seguros de que os corpos ressuscitados dos santos estariam igualmente fora de lugar se trazidos para viver novamente neste meio. Uma vez que os santos hajam cruzado os portais da morte e recebido seus corpos ressurretos, eles já terão alcançado um estado demasiadamente exaltado para qualquer milênio na terra. Não importa quão atrativamente o milênio seja descrito, aqueles que se nutriram das primícias da vida celestial jamais poderão achar a vida na terra atraente ou significativa. O gozo celestial que os santos desfrutam é incomparavelmente superior mesmo às mais resplandescentes representações de vida terrena que possam ser imaginadas.

Baseado em Romanos 11.26 ("E assim todo o Israel será salvo"), Ladd afirma que Israel se converterá, provavelmente em conexão com o milênio. Mas este verso já sofreu várias interpretações. O ensino de Paulo em outros lugares não

apoia este ponto de vista. Em Gálatas 3. 7, ele diz: "os da fé é que são filhos de Abraão", e mais: "Não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus. E, se sois de Cristo, também sois descendentes de Abraão, e herdeiros segundo a promessa" (Gl 3.28, 29). Ele diz que Cristo derrubou a "parede de separação que estava no meio, a inimizade" entre judeus e gentios, para que "reconciliasse ambos em um só corpo com Deus, por intermédio da cruz" (Ef 2.14-16). Ele se refere aos crentes do Novo Testamento como "o Israel de Deus" (Gl 6.16). O seu ensino é que em assuntos de fé, o relacionamento espiritual tem precedência sobre o físico e que todos os crentes são filhos de Abraão. E vice-versa, podemos dizer que os que não são crentes verdadeiros não são filhos de Abraão de forma alguma que seja digna do nome, não importando qual seja sua ascendência. Paulo usa palavras fortes para assegurar seu ensino sobre este assunto, como expressa de forma mais positiva que a velha distinção entre judeu e gentios foi aniquilada? Na igreja não há promessas ou privilégios dados a qualquer grupo ou nacionalidade que não se apliquem também igualmente a todos os outros.

Acerca da nação de Israel, quando Cristo veio e foi rejeitado, ele depôs os líderes do judaísmo apóstata, fariseus e anciãos, e indicou um novo conjunto de oficiais, os apóstolos, através dos quais estabeleceria sua igreja. Aos líderes do judaísmo ele disse: "O reino de Deus vos será tirado e será entregue a um povo a igreja que lhe produza os respectivos frutos" (Mt 23.43). E por causa de seu pecado em rejeitar e crucificar o Messias, eles foram levados a uma posição na qual, como diz Paulo, "e ira sobreveio contra eles definitivamente" (1 Ts 2.16). De conformidade com isto, todo o sistema religioso do judaísmo foi abolido, terminou. E em seu lugar, a Nova Aliança tornou-se o instrumento oficial e autorizado para Deus lidar com seu povo, a igreja.

A suposição do pré-milenismo moderno que Deus ainda tem um propósito especial para o povo judeu como nação procede da idéia errada de que eles são por si um povo divinamente favorecido acima de todos os outros, que eles precisam

ser abençoados por sua própria causa, porque são judeus — e tudo isto apesar de serem os mais amargos inimigos da igreja por dois mil anos. Originalmente houve uma razão para a escolha de um povo. O plano de Deus de salvação para um mundo perdido foi que ele proveria um Redentor de cuja vida e morte resultaria a redenção. Era necessário que um determinado grupo de pessoas, ou nação, fosse separado para preparar o caminho e trazer o Messias ao mundo. Originalmente a escolha confinou-se a um indivíduo, Abraão, cuja semente se desenvolveria nesta nação. Até que se completasse a obra da redenção, esta nação seria mantida à parte das outras nações, as quais foram completamente entregues ao paganismo.

Por causa dessa escolha, a nação judaica tornou-se o canal exclusivo através do qual Deus escolheu revelar-se ao mundo. Mas agora que o Messias veio e a revelação de Deus à humanidade ficou completa, escrita num livro e disponível aos povos de todas as nações, com nada mais a ser acrescentado, não há mais necessidade de um povo ou nação separada para servir a esse propósito. Mas até que esse propósito se cumprisse, a escolha de Israel como nação separada, o ato de dar-lhes a terra da Palestina, juntamente com o sacerdócio, o templo, o ritual, o sistema de sacrifícios, o sábado, a linha de profetas inspirados e as leis especiais que os separavam tão eficientemente das outras pessoas no mundo, permaneceram em vigor. Nenhum elemento deste sistema poderia ser deixado de lado.

Já que o Messias veio e cumpriu plenamente sua obra de expiação, esse papel especial designado para os judeus se cumpriu. Por isto não há mais razão alguma para reavivar ou restabelecer qualquer um ou mais elementos do antigo sistema. Todos esses elementos pertenciam ao "jardim de infância" da redenção, e completando-se a expiação no Calvário, todas essas coisas passaram juntamente. O que Paulo denominava "parede de separação", "inimizade" entre judeus e gentios foi derrubado, e não deverá jamais ser reerguido. Cristo realizou sua obra igualmente para os homens de todas as nacionalidades e raças. Agora não faz diferença se alguém é judeu, americano, japonês, russo, brasileiro, branco, preto, vermelho

ou amarelo; ele tem o mesmo direito de chegar-se a Deus através de Cristo, o mesmo perdão de pecados, a mesma esperança do Céu.

Este foi o significado do rasgar sobrenatural do véu que separava o Lugar Santo do Santo dos Santos no templo, simbolizando que o último sacrifício, que foi o próprio Cristo, havia sido oferecido e Deus estava deixando o seu templo para nunca mais voltar. Por esse ato divino a antiga ordem de ritual e incenso, do sangue sacrificial de novilhos e bodes, do templo e sacerdócio humano, e dos judeus como povo separado e Palestina como terra separada, tudo isso como um todo havia cumprido o seu propósito e estava abolido para sempre.

Em Mateus 24.30, no discurso final de Jesus com seus discípulos, após contar-lhes da destruição do templo, que se aproximava, ele fez uma estranha declaração: "Então aparecerá o sinal do Filho do Homem no Céu" (N. do T.: tradução literal da versão inglesa utilizada pelo autor). O Filho do homem estaria no Céu, mas o sinal na terra, a saber, a destruição do templo, que seria o último sinal de que o sistema mosaico, centrado no templo, havia acabado, estava abolido, terminado para sempre. Que pedra de tropeço terrível a continuação da existência do velho templo judaico teria sido para a igreja primitiva se ele tivesse sido deixado, levando as pessoas de volta ao judaísmo! Que pedra de tropeço seria mesmo para a igreja hoje, se ainda existisse!

Não vemos missão especial para os judeus no futuro, além de que eles, individualmente, como os de todas as outras nacionalidades, convertam-se ao cristianismo enquanto a igreja avança por todo o mundo.

UMA RESPOSTA AMILENISTA ANTHONY A. HOEKEMA

Há realmente bastante coisa no ensaio de Ladd com que concordo. Concordo com ele que o Antigo Testamento deve ser interpretado na luz do Novo e que não se justifica interpretação total e exclusivamente literal da profecia do Antigo Testamento como Israel espiritual e que o princípio dispensacionalista básico de uma distinção absoluta entre Israel e a igreja, envolvendo dois propósitos de Deus distintos e dois povos de Deus distintos, não tem apoio bíblico. Concordo de todo o coração com o que é dito do reino espiritual de Cristo hoje e a realidade presente do reino de Deus.

Nossa divergência básica é acerca da interpretação de Apocalipse 20.1-6. Agradou-me ver Ladd admitir que este é o único lugar na Bíblia que fala de um milênio (p. 31). Nisto, também, estamos de acordo. Mas, a questão realmente importante é: Qual o significado desta passagem?

Olhando o problema primeiramente de uma perspectiva ampla, Ladd e eu discordamos acerca da relação de Apocalipse 20,1-6 com 19.11-16. A posição de Ladd é: "os acontecimentos de Apocalipse 20 seguem-se à visão da Segunda Vinda de Cristo, que é retratada em 19.11-16" (p. 31). Concordo que Apocalipse 19.11-16 descreve a Segunda Vinda de Cristo. Mas não concordo que o que é descrito no capítulo 20 segue-se necessariamente de forma cronológica ao que é descrito no capítulo 19, da mesma forma que o que é des-

crito no capítulo 12 (o nascimento do filho varão) ao que é descrito nos últimos versos do capítulo 11 (o julgamento dos mortos e a entrega de recompensas aos santos). Os motivos porque creio que Apocalipse 20.1 leva-nos novamente ao princípio da era do Novo Testamento estão no meu ensaio, páginas 142 a 145.

Concentrando-me em Apocalipse 20.1-6, devo admitir que a interpretação de Ladd destes versos faz sentido e é coerente com a interpretação que ele adotou ao relacionamento entre os capítulos 19 e 20. Não tenho dificuldade em reconhecer sua exegese desta passagem como uma opção válida para os evangélicos, e gosto da maneira cuidadosa e lúcida, própria de um estudioso, em que ele expõe seus pontos de vista.

Mas discordamos, realmente, em nossa interpretação desta passagem. Confio, porém, que ele e os outros que partilham de seus pontos de vista estejam prontos a reconhecer que minha interpretação não vem de uma abordagem liberal da escritura nem de um arrogante abandono do texto, mas de um modo diferente de entender as palavras que estão diante de nós.

Discordo quanto aos seguintes quatro assuntos: Primeiramente, Ladd não diz muita coisa do acorrentamento de Satanás descrito nos versos 1 a 3. Ele não diz exatamente o que pensa significar o acorrentamento nem mostra com precisão o que entende por "não mais enganar as nações". Ele não relaciona o acorrentamento de Satanás mencionado aqui com as passagens nos Evangelhos que falam de tal acorrentamento como tendo começado já no tempo da primeira vinda de Cristo (veja as p.146 a 149 de meu ensaio). Tentei mostrar que é possível entender-se o acorrentamento de Satanás em Apocalipse 20.1-3 como significando que Satanás não pode impedir a propagação do Evangelho durante a presente era, não pode reunir os inimigos de Cristo para atacar a igreja, e que esse acorrentamento acontece durante toda a era da igreja do Novo Testamento (veja ps. 146 a 149).

Em segundo lugar, Ladd traduz a palavra grega *ezēsan*, em ambas as suas ocorrências nesta passagem, por "tornaram à vida" (p. 33). Esta é, confiro, uma tradução possível.

Outra tradução igualmente possível, porém, é como faz a *American Standard Version* (N. do T.: assim como as versões mais utilizadas em português): "viveram",

Em terceiro lugar, Ladd interpreta *ezēsan* em ambos os casos como ressurreição física. Concordo com ele que a palavra precisa ter o mesmo significado as duas vezes que é utilizada, e que é uma exegese irresponsável dar um significado à primeira ocorrência da palavra e outro à segunda. Porém, entendo a palavra como é utilizada aqui com o significado não de regeneração, mas transição da morte física para a vida com Cristo no Céu durante o período entre a morte e a ressurreição (p.155). Os crentes falecidos tomam parte nessa vida, mas os incrédulos não (pp. 152 a 155).

Ladd entende *ezēsan* nos versos 4 e 5 com o significado de ressurreição física em ambos os casos. Para apoiar essa interpretação ele indica duas outras passagens no livro de Apocalipse onde *ezēsan* tem este significado: 2.8 e 13.14. Concordo com ele sobre 2.8, mas não 13.14. A segunda passagem fala da besta, "que recebera a ferida da espada e vivia". Ladd comenta que a ferida foi "ferida mortal", ou ferida que levou à morte, e que "vivia" aqui, portanto, significa ressurreto dentre os mortos (p. 35). Mas o verso 3, a que se refere, não diz que a besta morreu, mas que uma de suas cabeças foi "como golpeada de morte, mas essa ferida mortal foi curada" (grifo meu). A palavra grega hōs usada aqui diz-nos que a besta não foi morta, mas apenas pareceu ter sido morta. Portanto esta razão creio que "vive", no verso 14, não pode significar ressurreição física.

Há, no entanto, outros usos do verbo *zao* (de onde vem *ezēsan*) no livro de Apocalipse que não têm o significado de ressurreição física. Em 7.2 e 15.7, por exemplo, a palavra é usada para descrever o fato que Deus vive para sempre; em 3.1 é usada para descrever o que poderíamos chamar de uma vida espiritual: "tens nome de que vives, e estás morto". A referência a outros usos do verbo *zao*, portanto, não pode ter força decisiva neste assunto.

Eu prefiro fazer alusão ao paralelo de Apocalipse 20.4, 5 e que encontramos no capítulo 6.9-11. Aqui, João viu "as

almas daqueles que tinham sido mortos por causa da Palavra de Deus e por causa do testemunho que sustentavam" (veja a semelhança na linguagem, com 20.4: "as almas dos decapitados por causa do testemunho de Jesus, bem como por causa da Palavra de Deus"). Essas almas de mártires falecidos estão aparentemente conscientes e podem se comunicar; são-lhes dadas vestiduras brancas e lhes dizem que repousem. As vestiduras brancas e o descanso sugerem que eles estão gozando um tipo de bênção provisória, que aponta para o *eschaton* final. Esta é exatamente a situação das almas descritas do capítulo 20, que diz-se que reinam com Cristo enquanto esperam a ressurreição do corpo, que ainda não ocorreu (veja 20. 11-13). Apesar da palavra "viveram" (*ezēsan*) não ser usada em 6.9-11, a situação descrita nestes versos é paralela à situação descrita em 20.4.

Minha interpretação do significado de *ezēsan*, portanto, não está em desarmonia com o restante do livro de Apocalipse. Também não está em desarmonia com o restante do capítulo 20, que prediz a ressurreição do corpo e o julgamento final no final no fim do capítulo, após a descrição do reinado de mil anos. Apesar dos pré-milenistas costumarem entender a ressurreição descrita nos versos 11-15 como ressurreição dos incrédulos mortos apenas, não há indicação nestes versos que a ressurreição mostrada aqui limita-se a eles. Na verdade, o verso 15 diz: "Se alguém não foi achado inscrito no livro da vida, esse foi lançado para dentro do lago do fogo". Mas há alguma indicação de que nenhum dos que diz-se aqui foram ressuscitados dos mortos foi achado inscrito no livro da vida?

Em quarto lugar, concordo que o governo de Cristo agora é praticamente invisível (embora não inteiramente) e que esperamos a expressão visível total desse governo após o retorno de Cristo. Mas por que limitar essa expressão visível a um período de mil anos? Por que essa expressão visível do governo de Cristo precisa ainda acontecer, como Ladd diz na página 37, *na História* (quer dizer, "no mundo como nós o conhecemos")? Por que, por exemplo, os crentes precisam ser ressuscitados para viver num mundo que ainda não foi glorificado e ainda geme por causa da presença do pecado, rebelião e morte

(veja 8.19-22)? Por que o Cristo glorificado precisaria voltar à terra para governar sobre seus inimigos com vara de ferro e assim ter de suportar ainda oposição à sua soberania? Esta fase de sua obra não ficou completa durante seu estado de humilhação? Não está Cristo voltando na plenitude de sua glória para introduzir, não um período intermediário de paz e bênçãos limitadas, mas o estado final de perfeição ilimitada?

II PRÉ-MILENISMO DISPENSACIONALISTA

2

PRÉ—MILENISMO DISPENSACIONALISTA
HERMAN H. HOYT

Um mundo em torvelinho anseia por um período na História quando a humanidade poderá gozar os benefícios do reino milenial como é descrito na Bíblia, um período áureo da civilização. Este reino milenial será introduzido por uma manifestação divina, sobrenatural e catastrófica do Céu na Segunda Vinda de Cristo. Será estabelecido na terra quando as condições de vida tiverem atingido as profundezas de uma grande tribulação. O desenrolar dos fatos hoje sugere que o estabelecimento do reino não está muito longe.

Não pensemos, porém, que todos os teólogos concordam acerca deste assunto. Na verdade, área alguma da profecia preditiva escapou das divergências de opinião dos estudiosos das Escrituras. Da mesma forma que vários setores da cristandade discordam vigorosamente acerca do arrebatamento da igreja, a grande tribulação e o estado eterno, há também divergências acerca do assunto do reino milenial.

Minha abordagem a este tópico é freqüentemente classificada como a abordagem pré-milenista da perspectiva dispensacionalista. Prefiro considerar este ponto de vista como o desdobramento ordenado e progressivo deste tema nas Escrituras proféticas. Mais precisamente, o reino milenial é um aspecto do tema mais amplo do reino de Deus nas Escrituras.

O Reino Declarado na Escritura

Não importa a que corrente escatológica pertença um teólogo, se ele está procurando desenvolver um esforço sério em expor as Escrituras, ele precisa admitir sem hesitação que a Bíblia apresenta uma doutrina do reino de Deus. A própria palavra *reino* aparece mais de quatrocentas e cinquenta vezes na Bíblia. Aproximadamente duzentas destas descrevem um reino divino, escatológico. Mas o ensino não está de modo algum restrito à palavra *reino*. A idéia vai muito além da terminologia específica e percorre toda a Bíblia. John Bright declara:

Porque o conceito do Reino de Deus envolve, num sentido real, a mensagem total da Bíblia. Ele não apenas avulta-se nos ensinamentos de Jesus; encontra-se também de uma forma ou de outra, através da Bíblia em todos os sentidos. (. . .) Assim, o Antigo Testamento e o Novo Testamento combinam-se como os dois atos de um mesmo drama. O Ato I aponta para sua conclusão no Ato II, e sem este, a peça é algo incompleto e insatisfatório. Mas o Ato II deve ser lido à luz do Ato I, ou perderá seu sentido. Porque a peça é uma só, organicamente. A Bíblia é um livro só. Se tivéssemos de dar um título a esse livro, poderíamos justificadamente chamá-lo "O Livro do Reino Vindouro de Deus".

O assunto de domínio é introduzido no primeiro capítulo da Bíblia. Imediatamente após a criação do homem à imagem de Deus, o primeiro mandamento dado a ele é acerca do exercício de controle soberano sobre a criação (Gn 1.26, 28). Este tema desdobra-se de maneira progressivamente maravilhosa através da Bíblia até que por fim o trono de Deus seja estabelecido na terra (Ap 22.1, 3) e os santos redimidos reinem com ele para sempre (Ap 22.5).

Escrituras tais como as que se seguem assinalam o desenvolvimento deste pensamento através da Bíblia. Elas indicam que o propósito de Deus é estabelecer um reino na terra. No Sinai, o Senhor organizou Israel em um reino de sacerdotes (Ex 19.5, 6), sendo Moisés o mediador de sua Palavra ao povo

(Ex 7.1, At 7.35). Um profeta como Moisés foi prometido para o futuro, a quem todos os povos se submeteriam (Dt 18.15-18, At 3.19-23). Davi foi ungido rei sobre Israel e seu reino deveria durar para sempre (2 Sm 7 12-16), e isto foi perpetuado através de Salomão (1 Cr 28.5, 7). O profeta Isaías anunciou a vinda de um rei e de um reino que não teria fim (Is 9.6, 7). Daniel declarou, depois, que o Deus do Céu estabelecerá seu reino e todos os povos, nações e línguas, o servirão (Dn 7.13, 14, 27). O anjo enviado a Maria informou-a que Deus daria a seu filho o trono de seu pai Davi, e seu reinado sobre a casa de Jacó seria para sempre (Lc 1.32, 33). Durante seu ministério pós-ressurreição, Cristo ensinou aos discípulos as coisas concernentes a esse reino e provocou neles a pergunta sobre a restauração do reino a Israel (At 1.3, 6). Paulo encorajou os santos a viverem em antecipação do aparecimento do Rei e seu reino (2 Tm 4.1). **E no último livro da Bíblia, ao soar da sétima trombeta, declara-se que esse reino tão esperado tornou-se finalmente “de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará pelos séculos dos séculos (Ap 11.5).**

O Princípio de Interpretação da Escritura

A mensagem da Bíblia foi dirigida ao povo de Deus tanto do Antigo Testamento quanto do Novo. Moisés disse isto claramente em seus últimos discursos ao povo de Israel nas planícies de Moabe. “As coisas encobertas pertencem ao Senhor nosso Deus; porém, as reveladas nos pertencem a nós e a nossos filhos para sempre, para que cumpramos todas as palavras desta lei” (Dt 29.29). Através dos séculos, Deus enviou profetas à nação de Israel para revelar sua vontade (Mt 23.37). Vez após vez no Novo Testamento mostra-se claramente que a sua mensagem era destinada aos santos da igreja (Lc 1.3, 4; Jo 20.30, 31; At 1.1; Fp 1.1).

Esta mensagem foi enviada ao povo para que certos benefícios morais e espirituais pudessem ser discernidos por eles. As Escrituras constituíram uma mensagem e um método para torná-los sábios para a salvação (2 Tm 3.15). Instruía-lhes na Palavra e vontade do Senhor (Dt 29.29; 2 Tm 3.16, 17).

Fornecia palavras de encorajamento e conforto (Rm 15.4). Servia para advertí-los dos perigos do caminho (1 Co 10.11). Além de tudo isto, deu-lhes esperança em meio às trevas e ao terror deste mundo (Rm 15.4).

Por esta razão, a mensagem tinha de ser dada de uma maneira simples, direta e clara (1 Co 2.1-5) para atingir as mentes das pessoas e realizar o propósito de Deus. Na boa providência de Deus, até mesmo a linguagem da Bíblia é a linguagem comum do povo para o qual foi originalmente enviada. O Antigo Testamento está escrito no hebraico que era familiar ao povo, e a linguagem do Novo Testamento era a utilizada correntemente do princípio ao fim do império romano. Isto tornava a mensagem acessível ao povo de Deus, "de fio a pavo". Nenhuma classe especial, como profetas, professores, teólogos ou eclesiásticos, se interpunha entre o povo e essa mensagem.

Tudo isto justifica um princípio de interpretação que traz o sentido da Bíblia para dentro do que o povo de Deus, "de fio a pavo", poderia alcançar. Este princípio, colocado de maneira clara, é o de tomar as Escrituras no seu sentido normal e literal, entendendo que isto se aplica à Bíblia toda. Isto quer dizer que o conteúdo histórico da Bíblia deve ser tomado literalmente; o material doutrinário também deve ser interpretado desta maneira; a informação moral e espiritual, do mesmo modo, segue este padrão; e o material profético também deve ser entendido desta maneira. Isto não quer dizer que não se usa linguagem figurada na Bíblia. Mas quer dizer que onde tal linguagem é empregada, interpreta-se a passagem desta maneira como aplicação do método literal. Qualquer outro método de interpretação rouba parcialmente, se não totalmente, do povo de Deus a mensagem que lhe foi enviada.

O método literal de abordar o ensino da doutrina premilenista e dispensacionalista do reino é absolutamente fundamental. Tanto os aliados quanto os inimigos desta doutrina admitem livremente que isto faz parte do fundamento da doutrina. Walvoord, claramente um expoente do pré-milenismo, afirma:

O pré-milenismo fundamenta-se principalmente na interpretação do Antigo Testamento. Interpretado literalmente, o Antigo Testamento dá uma imagem clara da expectativa profética de Israel. Eles anteviam com confiança a vinda de um Salvador e Libertador, um Messias que seria Profeta, Sacerdote e Rei. Eles esperavam que ele os livrasse de seus inimigos e introduzisse um reino de justiça, paz e prosperidade, em uma terra redimida. (. . .) A interpretação pré-milenista oferece o único deslince literal possível para as centenas de versículos de testemunho profético.²

Adversários convictos deste método de interpretação admitem de forma igualmente clara e importância da abordagem literal às Escrituras para estabelecer a doutrina do pré-milenismo. Allis admite de forma inequívoca: "As profecias do Antigo Testamento, interpretadas literalmente, não podem ser consideradas cumpridas ou passíveis de cumprimento nesta era presente".³ Floyd Hamilton, igualmente contrário ao pré-milenismo, cede com pesar à mesma conclusão:

Agora, devemos admitir com franqueza que uma interpretação literal das profecias do Antigo Testamento nos dá justamente uma tal imagem de um reino terreno do Messias como descreve o pré-milenista. Era esse tipo de reino messiânico que os judeus no tempo de Cristo esperavam, baseados em uma interpretação literal do Antigo Testamento.⁴

Onde quer que prevaleça o pré-milenismo, vê-se que ele não apenas está fundamentado na interpretação literal das Escrituras, mas que a partir daí, elabora todo um sistema de teologia que incorpora a Bíblia toda. De fato, ele é o princípio unificador que permite ao crente ver cada aspecto da fé cristã em relação com o todo. Ao contrário de acusações que têm sido levantadas contra o pré-milenismo, ele não se baseia em alguns textos isolados e nem mesmo em uma seleção arbitrária de textos. Ele é um sistema de teologia que consiste simplesmente da Bíblia, confronta os problemas propostos pela Bíblia, confina-se à Bíblia e comunica esperança a um mundo miseravelmente falido e dominado pelo medo.

Acima de tudo, o pré-milenismo fornece uma filosofia da História que é a melhor e mais brilhante de todas as filosofias. Leva em consideração cada aspecto da realidade. Considera a vida de agora e a do porvir (1 Tm 4.8). Reconhece o lugar do que é terreno e do celestial também (1 Co 15.48). Valoriza a vida no presente e ao nível terreno tanto quanto considera valiosa a vida no plano celestial. Vê a importância da História (Rm 15.4, 1 Co 10.11), e sugere que podemos aprender algo que pode ser aplicado no presente tanto quanto esperado no futuro.

O pré-milenismo indica o fato que Deus está avançando progressivamente através da História e dirigindo o curso dos eventos para um bom final. É verdade que através do pecado a humanidade falhou. Mas apesar deste fato, o movimento da História é para frente e para cima, e chega, afinal, a uma esplêndida consumação no futuro sob o poder de Deus. Fracassamos porque desviamos nossos rostos de Deus — Mas temos sido bem sucedidos pelo poder de Deus vencendo a doença, evitando algumas guerras, acrescentando anos ao curso da vida, eliminando alguns males políticos e sociais, conquistando o espaço e aumentando a produtividade do solo. Tudo isto aponta para o dia quando, dentro do contexto do poder e graça de Deus e ao nível terreno, será introduzida a era áurea da civilização.

Este tipo de filosofia faz sentido; dá sentido ao esforço humano. Fornece uma atmosfera de otimismo à História, e o incentivo para o exercício de todas as aspirações e esforços da humanidade para lutar pelo que é melhor, entendendo que todos os verdadeiros valores da vida serão preservados e atingirão seu cumprimento completo naquele reino vindouro de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.⁵

Interpretações do Reino

Por causa dos teólogos terem abordado o assunto do reino com diferentes princípios de interpretação, várias interpretações surgiram. Uma síntese de nove destas nos será útil para chegarmos ao ponto de vista bíblico.⁶

1. Antes de Cristo vir, havia judeus que criam que este reino limitava-se a Israel. Mesmo os apóstolos eram desta opinião; isto levou-os a levantar a questão sobre a restauração do reino a Israel (At 1.6).

2. A expressão "o reino dos Céus" fez com que alguns identificassem com o Céu, insistindo que é o reino de Deus no Céu. Uma passagem como Mateus 19.23, 24 é explicada como tendo o significado de ir para o Céu agora, enquanto que Mateus 25.34 refere-se ao futuro.

3. Espiritualizando-se a Escritura, a igreja tem sido entendida como sendo a totalidade do reino. Passagens como Colossenses 1.13 já foram usadas para apoiar esta opinião. O catolicismo romano interpretou a hierarquia visível como sendo o reino, enquanto que os reformadores apontaram para a igreja invisível.

4. Alguns teólogos foram tão dominados pelo princípio de espiritualização que interpretaram o governo de Deus no coração como sendo o reino. Já que o novo nascimento resulta na impetração de nova vida, citou-se Lucas 17.20, 21 como prova desta opinião.

5. Para fugir da explicação puramente materialista e carnal do reino, alguns foram atraídos para um propósito moral e espiritual, e acharam em Romanos 14.17 um texto que, na sua avaliação, apoia esta opinião sobre o reino.

6. Dentre os últimos anos a organização da sociedade e melhoria global da humanidade ofereceram uma bem recebida explicação de um reino presente, ao invés de um reino escatológico futuro. O movimento ecumênico na sua totalidade é condicionado por este tipo de raciocínio.

7. Alguns ousaram acusar os escritores da Bíblia, e até mesmo o Senhor Jesus Cristo, de ilusões de grandeza. Eles tomaram o texto da Bíblia literalmente, mas afirmaram que estava totalmente errado, descartando assim todo sistema escatológico.

8. Barth e Brunner trouxeram à atenção do público cristão uma visão extremamente fantástica do reino. Eles o elevaram para fora do ciclo de eventos espaço-temporais da História e o puseram no âmbito da eternidade, que per-

tence somente a Deus.

9. O ponto de vista bíblico, tomando a Escritura no sentido que ela afirma ter, é de um reino estabelecido na terra na Segunda Vinda de Cristo. Esta era a opinião da igreja primitiva, uma opinião que persistiu pelos primeiros dois séculos e meio. Não foi senão no tempo de Agostinho que alguma outra opinião contrária adquiriu suficiente estatura para desviar os homens do pré-milenismo.

A Interpretação Bíblica do Reino

Um exame do que é dito acima revela haver uma divergência generalizada entre os teólogos acerca da natureza do reino. Muito dessa divergência, sem dúvida, vem de opiniões parciais e bitoladas. Uma perspectiva limitada no estudo do reino criou esta situação. Alguns não compreenderam plenamente o que Daniel declarou em sua profecia acerca da "grandeza do reino" (Dn 7.27) (N. do T.: segundo a versão inglesa utilizada pelo autor). No esforço de reduzir o assunto do reino a um único princípio, ignoraram a variedade infinita em favor de uma unidade estéril.

Estes fatos tornam claro que qualquer abordagem ao termo bíblico "reino de Deus" deve ser buscada com um padrão bíblico de interpretação para que o resultado seja o sentido autorizado, o que lhe é dado na Palavra de Deus. Apenas um estudo indutivo do material bíblico trará resultados positivos. A concepção verdadeira do reino não se deve basear em um texto ou passagem apenas. Todo o material bíblico deve ser pesquisado, e este exame deve ser feito em relação ao progresso da revelação divina seguindo o método da teologia bíblica.

Nas páginas introdutórias de sua obra clássica, *"The Greatness of the Kingdom"* ("A Grandeza do Reino"), Mc Clain fornece uma tentativa de definição do conceito de *reino*:

Uma síntese geral do material bíblico indica que o conceito de reino tem em vista uma situação total, contendo

pelo menos três elementos essenciais: em primeiro lugar, um governante com autoridade e poder adequados; em segundo, um conjunto de elementos a serem governados; em terceiro, o próprio exercício da função de governo.⁷

A explicação acima mostra claramente que não pode haver reino sem que haja estes três elementos, relacionados entre si de maneira correta. Apesar de que é verdade que o elemento mais importante é o governante com autoridade, sem que haja os elementos a serem governados e o exercício da função de governar não pode haver reino no sentido fundamental. Acerca do reino de Deus, então, ele pode ser definido como o governo de Deus sobre as suas criaturas.

Um exame das passagens sobre o reino revela algumas distinções de certa importância. Muitas passagens apresentam o reino como algo que *sempre existiu* (Sl 10.16), mas outros textos sugerem que o reino deve ter um *começo definido* (Dn 2.44). Algumas passagens retratam o reino como de âmbito *universal* (Sl 103.19), outras ainda apresentam o reino como um governo *local* na terra (Is 24.23). Em algumas passagens, Deus é descrito *governando diretamente* (Sl 59.13), enquanto que em outras ele governa através de um mediador (Sl 2.4-6). Muitos reinos apresentam o reino como algo que está totalmente no *futuro* (Zc 14.9), e em outros ele é descrito como uma *realidade presente* (Sl 29.10). Em muitos lugares, o reino é descrito como o governo *incondicional* de Deus sobre suas criaturas (Dn 4.35, 36), mas em outros este governo baseia-se em uma *aliança* negociada por Deus com os homens (Sl 89.27-29).

Muitos tentaram reconciliar estes detalhes conflitantes sobre o reino, alguns chegando a uma ou mais das seguintes conclusões: há um só reino com dois aspectos; há dois reinos, um de poder e o outro de graça; o governo divino é por um lado soberania universal e governo teocrático por outro; Deus é Rei já, mas o exercício de seu reinado é ainda futuro; há uma realidade presente vitoriosa, mas há também um governo futuro muito mais vitorioso; há o reino de Cristo e o rei-

no de Deus; há o reino de Deus e o reino dos Céus; ou, ainda, há o reino na terra e o reino sobre a terra.

A explicação razoável reconhece a existência de dois reinos, mas deve-se ter cuidado para evitar a idéia errada de que estes reinos são totalmente diferentes um do outro. Eles constituem dois aspectos, ou fases, do governo de Deus sobre suas criaturas, que é um só. Portanto, dois termos apresentam-se ao pré-milenista como melhor descrevendo estes aspectos do governo de Deus. O primeiro é *universal*, descrevendo a extensão do governo de Deus. O segundo é *mediatório*, descrevendo o método do governo de Deus. Em cada caso, é a qualidade ou natureza do governo de Deus que o identifica.

Antes de passar para uma discussão do reino mediatório, que é o assunto próprio para discussão aqui, parece prudente alistar uma série de detalhes que distinguem o reino universal do reino mediatório. O reino universal é eterno (Sl 145.13). Envolve toda a criação (1 Cr 29.12). O governo é quase totalmente providencial, isto é, através de causas secundárias (Ex 14.21, Sl 29.3, Is 10.5-15). Há época em que o governo é ministrado através de meios sobrenaturais, como eventos miraculosos (Ex 11.9; Dt 4.34, 35; Dn 6.27) — O reino universal opera qualquer que seja a atitude dos que estão sujeitos (Sl 103.20; Dn 4.35; At 3.17, 18). O reino universal é sempre mediado através do Filho eterno (Cl 1.17, Hb 1.2) O reino universal não é especificamente como o reino pelo qual Cristo insiste que seus discípulos orem (Mt 6.10). O reino universal é sempre presente, enquanto o reino mediatório é uma promessa para o futuro. Quando afinal o propósito de Deus for cumprido no reino mediatório, e todo o inimigo for afinal sujeitado ao Filho (1 Co 15.24-28), então o reino mediatório se confundirá com o reino universal e haverá um único trono (Ap 22.3).

A discussão até este ponto deve ter deixado claro que há três áreas corretamente identificadas como o reino de Deus. Há primeiramente o reino universal de Deus (Sl 103.19). Dentro desta área maior, há a esfera mais limitada do reino mediatório (Dn 2.44). Dentro da área do reino mediatório há uma área ainda mais restrita, a saber, a igreja, que participa das

características do reino universal e do reino mediatório. Portanto, é bem adequado para Paulo dizer que um santo foi transportado para o reino de Cristo (Cl 1.13). O reino mediatório pertence aos membros da igreja no sentido que como esposa de Cristo e rainha ela governará e reinará com Cristo em seu reino (Hb 12.28, Ap 3.21).

A História do Reino Mediatório

Daqui para a frente a discussão se confinará à área bíblica do reino mediatório. Tenha em mente que por reino de Deus entendemos o governo de Deus sobre sua criação. Já que o reino mediatório é a primeira etapa na concretização do reino eterno ou universal, muito do que descreve o reino mediatório será também verdade em relação ao reino universal.

Já que escolhemos usar a palavra *mediatório* com referência a este reino, deve-se reconhecer que isto limita a palavra reino a um conceito particular. Isto significa que Deus exerce controle sobre este reino através de um representante divinamente escolhido que fala e age por Deus com o povo, por um lado, e por outro representa o povo para Deus. É claro que este reino relaciona-se especialmente com a raça humana na terra e que o mediador é sempre um membro da raça humana. Apesar da palavra mediador não aparecer no Antigo Testamento, há uma palavra bem semelhante, a palavra *árbitro* (Jó 9.33). Entretanto o Novo Testamento usa uma palavra que significa mediador (*mesistes*), e ela aparece seis vezes (Gl 3.19-20; 1 Tm 2.5; Hb 8.6, 9.15, 12.24) As funções do mediador são tríplices profeta, sacerdote e rei.

No desdobramento progressivo da revelação acerca do reino mediatório, a duração deste reino não é revelada senão no último livro. Seis vezes nos sete versículos iniciais de Apocalipse 20, declara-se que este reino tem a duração de mil anos. Na versão latina, a palavra *millenium* traduz a palavra grega para mil, e isto explica a utilização do termo em referência ao reino.

O preparo para a inauguração do reino mediatório na História começou na criação. Deus criou o homem à sua própria imagem, que incluía as potencialidades para o domínio, e então ordenou, realmente, que ele exercesse essa função que provinha de Deus (Gn 1.26-28). Isto se estenderia a "toda a terra", incluindo a humanidade. A humanidade não hesitou em exercer esta função, mas falhou recusando-se a reconhecer que não provinha de si própria (Rm 5.12, 19; 1 Tm 2.14). Isto introduziu o caos e desordem na terra (Gn 4.19-24), que terminou por trazer o abandono por Deus (Gn 6.3) e catástrofe universal (Gn 6.1-13). O governo humano falhou (Gn 9.5, 6) e foi necessário o julgamento da confusão de línguas para pôr um freio no governo mundial ímpio (Gn 11.1-9).

Neste ponto Deus mudou de direção para realizar sua vontade. Ele buscou governar seu povo pela mediação dos patriarcas. Ele chamou Abraão de Ur dos caldeus (Gn 12.1-3), e através deste homem viriam reis (Gn 17.6) que serviriam na capacidade de mediadores genuínos, exercendo autoridade absoluta (Gn 14.14, 21.9-21). A partir de Abraão, seguem-se na linha de sucessão Isac, Jacó, José, Moisés, Josué, os juízes, Samuel e os reis, desempenhando a responsabilidade de liderança mediatória.

No sentido mais formal, o reino mediatório originou-se com Moisés no êxodo do Egito, no monte Sinai e durante a peregrinação no êrmo. "Com sinais e milagres (. . .), e com grandes espantos (Dt 4.34) o povo foi levado a crer em um Deus sobrenatural governando através de seu líder escolhido, Moisés. Nestes acontecimentos veio "o nascimento de Israel como nação"⁸. Apesar de Moisés não ser citado como rei, ele desempenhou funções de rei (At 7.35). Como mediador, ele representava Deus para o povo (Ex 4.16, 7.1), e o povo para Deus (Dt 9.24-29). Desta maneira Moisés tornou-se tipo do mediador perfeito que viria, Cristo (Dt 18.15).

A magnificência deste reino mediatório na História atinge sua plenitude no reinado de Saul, Davi e Salomão. Essa estrutura monárquica foi predita em profecia (Gn 17.5-7, 35.9-11), e certos cuidados foram estabelecidos (Dt 17.14-17).

A deterioração espiritual no período dos juízes levou à escolha de um rei (Jz 8.22, 23; 1 Sm 8.1-9, 19-22). Mas Deus escolheu o rei (1 Sm 10.17-24, 12.1-25). Durante todo esse período de Moisés a Salomão a presença da glória — Shekinah — indicava a aprovação da regência mediatória por Deus (Ex 40.34, 2 Cr 7.1, Ne 9.19).

A partir de Reoboão houve um declínio gradual na função mediatória, e assim o governo de Deus tornou-se mais indireto. Neste ponto os profetas entraram em cena. Esta era a maneira de Deus transmitir sua mensagem ao povo apesar do fracasso dos reis. Este declínio foi predito em cada etapa de deterioração (1 Sm 8.7-20). Os profetas diagnosticaram as condições espirituais em vista do julgamento que se aproximava (Am 5.18-24). Mas a inviolabilidade da aliança do reino (Jr 33.17-21) levou os profetas a prometerem um reino futuro e ideal (Zc 14.7-9).

Mas a degeneração e apostasia em Israel trouxeram inevitavelmente a desaprovação do Senhor e sua partida. A presença da glória (Shekinah) havia sido o símbolo da presença de Deus no meio de seu povo desde o Sinai. Mas a rebelião desesperada e o aprofundamento no pecado havia atingido seu ponto crucial no tempo de Ezequiel. Por isto Deus deu a Ezequiel uma visão da relutância e da partida gradual da glória de Israel (Ex 8.3, 4; 9.3; 10.4, 18; 11.23; veja também 8.7-17). Já que o povo havia abandonado a Deus, então Deus abandonou a nação. Apesar de haver dois templos posteriores depois da destruição do templo de Salomão por Nabucodonozor, não havia glória. No sentido histórico, o reino mediatório havia sido interrompido. Mas na boa providência de Deus, uma promessa divina foi dada a Israel para o futuro (Ez 11.16; 39.21-29; 43.1-7; Zc 14.1-4).

A explicação do fracasso do reino mediatório na História deve ser relacionada com três coisas: Espiritualmente, a maior parte do povo não estava em simpatia com o Senhor nem em harmonia com suas leis. Intelectualmente, o povo estava convencido que para ser bem sucedido Israel devia conformar-se às nações em redor (1 Sm 8.5, 20). Além disso, politicamente os governantes eram cheios de imperfeições.

A promessa para o futuro corrigirá estas fraquezas. A grande maioria do povo terá experimentado o novo nascimento (Ez 11.17-20) e estará, portanto, em harmonia com o Rei e suas leis (Sl 110.1-3). Os reis imperfeitos serão suplantados por um Rei mediatório perfeito, o Senhor Jesus Cristo (Is 42.1-4), completamente submisso a Deus, alheio ao sensacionalismo vazio do mundo, desempenhando um ministério de salvação para com seus súditos e capaz de realizar seu programa de governo com sucesso absoluto.

Desde 600 d.C. muitos esforços foram feitos para ressuscitar o antigo estado judaico, mas sem sucesso. Mesmo o estado presente de Israel não deve ser tomado por reino mediatório incipiente, embora possa ser um sinal de que vem pela frente. O estado final e permanente de Israel é inseparavelmente ligado ao reino mediatório e espera a vinda do Senhor Jesus Cristo. O reino mediatório será restaurado (At 1.6), e a profecia afirma que isto é um fato seguro para o futuro (Os 3.4, 5).

O Reino na Profecia

Situações históricas da vida real proporcionaram oportunidades para profecias preditivas sobre o reino mediatório. Começando com um evento ou pessoa no futuro próximo, o profeta seguia para algum evento ou pessoa no futuro mais remoto de Israel e do reino mediatório. Quando acontecia o evento próximo, tornava-se o penhor e o sinal divino do evento distante e final (Is 33.17; 14.4; veja 14.5, 6).

A profecia no Antigo Testamento começa com algumas referências esparsas e um tanto obscuras nos livros de Moisés. A maior parte disto está centrada no Rei mediatório. Ele será o descendente da mulher (Gn 3.15) que habita nas tendas de Sem (9.27), vem através de Abraão (Nm 24.17) e um profeta como Moisés (Dt 18.15). Durante o período do reino histórico, faz-se uso proeminente da referência dupla na profecia do reino (2 Sm 7.1-16; 1 Cr 17.1-14). Davi é assegurado de que sua casa, reino e trono, serão estabelecidos para sempre (1 Cr 17.1-4, 2 Sm 7.14). Isto precisa ter cumprimento pleno

em Cristo, que é seu descendente (Lc 1.31-33). Salomão também é assegurado da mesma coisa (1 Cr 22.6-10). Conforme Israel declinava, a profecia do Antigo Testamento aumentava, e está registrada em todos os profetas maiores e menores. Nesta área da profecia preditiva encontra-se uma descrição clara do reino vindouro.

Será um reino *literal* no sentido pleno da palavra. Esse reino não é um ideal abstrato pelo qual os homens estão lutando, mas nunca atingirão. Será tão real quanto qualquer reino na face da terra, tão real quanto o reino histórico em Israel. O lugar verdadeiro que será o seu centro será Jerusalém e suas vizinhanças (Ob 12-21). Um Rei verdadeiro se assentará em seu trono material (Is 33.17). As nações da humanidade participarão de seu ministério de bem estar e salvação (Is 52.11). Os reinos ímpios deste mundo serão levados a um fim repentino e catastrófico na vida de Cristo, e seu reino os suplantará (Dn 2.31-45). Esse reino será um reavivamento e continuação do reino davídico histórico (Am 9.11; veja At 15.16-18). **Um renovo fiel e regenerado de Israel será restaurado e feito o núcleo desse reino, e assim a aliança com Davi será cumprida (Mq 4.7, 8; Jr 33.15-22; Sl 89.3, 4, 34-37) — Jerusalém se tornará a capital do grande Rei, da qual ele governará o mundo (Is 2.3, 24.23).**

A *manifestação* do reino mediatório também é literal. É algo que é parte do desenrolar progressivo dos eventos na sequência do tempo. Alguns profetas o viram bem próximo, e usaram expressões como “dentro em pouco” (Ag 2.6-9 e Is 29.17.20). Em outras ocasiões os profetas referiram-se a este evento como algo mais para além no futuro, como algo que vai acontecer nos “últimos dias” (Is 2.2). Oséias declara que Israel esperará “por muitos dias” antes que aconteça este evento (Os 3.4, 5). No fim das contas, estes cálculos de tempo devem ser avaliados do ponto de vista de Deus (2 Pe 3.8-10). Mas quando o reino for estabelecido, será precedido por uma série de julgamentos de âmbito mundial que serão sentidos em toda a estrutura da natureza: Sol, lua, estrelas, terremotos, inundações, fogo, fome e pestilência, todos eles afetando as nações da humanidade (Is 24; Jl 2.30, 31; 3.9-115).

Tudo isto significa que o estabelecimento do reino não será um processo longo, estendido, mas será repentino, catastrófico, sobrenatural, na esfera da experiência sensível, de tal forma que toda a humanidade saberá que Deus está interrompendo o curso da História humana e introduzindo algo de divino na ordem natural (Is 40.5; Ez 20.33-38; Dn 2.34, 44; Jl 3.1, 2; Am 9.9, 10, Ml 3.1-6; Mt 25.31-46).

De suma importância na descrição do reino vindouro é o *Rei*, uma pessoa literal, divino-humana. Envolve-o uma glória que não há espaço que possa abarcar. Seus nomes e títulos tornam perfeitamente claro que ele é ao mesmo tempo humano e divino. Ele é apresentado como "um (homem) rei" (Is 32.1, 2); "um rebento do tronco de Jessé" (Is 11.1) e como "o Filho do homem" (Dn 7.13). Por outro lado, diz-se que ele é "o Senhor" (Sl 2.7), "nosso Deus" (Is 40.9, 10), "Deus forte" (Is 9.6). Todas as qualificações necessárias para um reinado bem sucedido estão presentes nele: uma plenitude de poder multiplicada sete vezes (Is 11.2), um exercício perfeito do poder em seu procedimento (Is 11.3, 4) e uma perfeição de caráter em justiça e fidelidade (Is 11.5). Mas há um mistério sobre sua pessoa. No curso de sua carreira ele é "tirado", morto (Dn 9.26). O profeta entende algo do mistério desse servo, suas dores, sua submissão sofredora, sua satisfação (Is 52.13-53.12). Os sofrimentos e glória presentes nessa pessoa única confundiram os profetas, deixaram atônitos os homens e surpreos os apóstolos (1 Pe 1.10-12).

A *forma de governo* no reino mediatório é monárquica. Isto também é literal. A Bíblia diz que "o governo está sobre os seus ombros" (Is 9.6). Ao mesmo tempo que é verdade que seu direito ao trono no lado humano deve ser ligado ao fato que ele é o filho de Davi, a Bíblia ainda afirma que o Rei recebe e mantém sua autoridade por concessão divina. "Foi-lhe dado domínio, e glória, e o reino" (Dn 7.14). O Pai declara: "Eu constituí o meu Rei sobre o meu santo monte Sião" (Sl 2.6). Em sua ascensão, Cristo voltou ao Céu "com o fim de tomar posse de um governo; legislativa, judicial e executiva" (Is 33.17-24). Isto não significa que ele executará cada função pessoalmente, mas que a autoridade final repousa sobre

ele, e ele delega e dirige sua execução. Haverá uma fusão perfeita de severidade e ternura. Ele governará as nações com vara de ferro (Sl 2.7-9, 12), e "entre os seus braços recolherá os cordeirinhos, e os levará no seio; as que amamentam, ele guiará mansamente" (Is 40.11). "(Ele) julgará com justiça os pobres, e decidirá com equidade a favor dos mansos da terra; ferirá a terra com a vara de sua boca, e com o sopro dos seus lábios matará o perverso" (Is 11.4). Como resultado destas qualidades sobrenaturais em sua operação plena, "do incremento deste principado e de paz não haverá fim, sobre o trono de Davi e no seu reino, para o firmar e o fortificar em juízo e em justiça, desde agora para sempre" (Is 9.7 — Edição Revista e Corrigida). Finalmente, e como nunca foi antes, será a era dourada da civilização sobre a terra.

A *organização externa* do reino mediatório é um fenómeno surpreendente. Nunca se planejou uma estrutura política como esta. Ao invés de supremacia, "reinará um rei com justiça" (Is 32.1). "O Senhor será rei sobre toda a terra; naquele dia um só será o Senhor, e um só será o seu nome" (Zc 14.6). As múltiplas responsabilidades do governo serão delegadas a uma nobreza espiritual. Esse grupo é formado de três companhias de santos ressurretos: a igreja (1 Co 6.2; Ap 3.21, 20.6), os santos do Antigo Testamento (Ez 37.24, 25; Dn 7.18, 22, 27), e os mártires da tribulação (Ap 20.4). A nação viva de Israel, redimida, regenerada e unida novamente á sua terra, será a cabeça sobre todas as nações da terra (Dt 18.1, 13; Is 41.8-16). Tendo moldado esta nação sobre as palmas de suas mãos, Deus não pode esquecer-se deles (Is 49.15, 16). Portanto, ele os exalta sobre as nações gentílicas (Is 60.1-3, 12). No nível mais baixo estão as nações gentílicas vivas e salvas. Elas são organizadas como nações com reis ou monarcas reinantes, e possuindo todas as outras subdivisões dos bons sistemas de governo. Estas são as ovelhas de Mateus 25.34. Duas nações são mencionadas em particular: Assíria e Egito (Is 19.23-25). Elas adorarão o mesmo Deus (Mq 4.2) e farão peregrinações anuais à cidade do grande Rei (Zc 8.18-23, 14.16-19) e serão do Senhor, como "nações que são chamadas pelo meu nome" (Am 9.12).

Cada aspecto de um reino verdadeiro caracterizará a *natureza essencial* do reino mediatório. Esse reino não apenas será marcado por mudança universal na estrutura e operação da sociedade, mas a natureza radical dessa mudança, e a riqueza do reino podem ser apresentadas nas seis considerações seguintes, colhidas das Escritas proféticas:

Basicamente, o reino será de *natureza espiritual*. Isto não quer dizer que seja etéreo. Mas sim que ele pertence ao Espírito de Deus e será governado por ele. Possui todas as qualidades tangíveis e materiais de um reino verdadeiro, sob o controle e direção do Espírito Santo. Perdão, conhecimento direto de Deus (Jr 31.34), justiça (Jr 23.5, 6), purificação espiritual (Ez 36.24-26) e regeneração (Ez 36.26-28), todos estarão presentes.

O fruto do governo espiritual será manifesto em *conduta ética*. Um sistema de valores morais estará em vigor nesse período (Is 40.4). O padrão objetivo da Lei será a regra de medida (Mt 4.4). Essa Lei será de Jerusalém para toda a terra (Is 2.3). E todas as discussões sobre o que é certo e o que é errado serão decididas no contexto desse padrão absoluto (Is 8.20). O valor moral dos indivíduos será reconhecido de forma precisa e verdadeira (Is 32.5). O castigo pelo erro será rápido, certo e inescapável (Is 11.3, 4; Mt 3.1-5).

Nesse reino haverá a restauração do relacionamento *social* perfeito. A guerra será totalmente eliminada como método de resolução de disputas internacionais (Is 2.4). Mesmo as artes e indústrias voltadas à guerra serão retiradas da economia. Os recursos, dinheiro e tempo previamente utilizados para a guerra serão aplicados em empreendimentos construtivos. Cada esforço positivo será utilizado para fazer com que os frutos do solo e o potencial intelectual da humanidade sejam disponíveis para todos (Is 65.21, 22).

A maldição será em grande parte abolida, o que resultará em *transformação física*. Haverá mudanças geológicas (Zc 14.3, 4), mudanças climáticas (Is 32.15, 16; 35.7), fertilidade do solo aumentada (Is 35.1, 2; Am 9.13), mudanças na natureza dos animais (Is 11.6-9, 62.25), curas físicas (Is 33.24; 35.5, 6), restauração da vida longa (Is 65.20, 22) e a

eliminação de perigos físicos (Is 65.23, Ex 34.23-31).

Mudanças políticas caracterizarão também esse reino. Jerusalém será a cidade onde se arbitrarão disputas nacionais, e a autoridade central será soberana e inflexível (Is 24.4, Mq 4.3). Segurança nacional será um dos benefícios para todas as nações (Is 32.18, Mq 4.4). Israel será restaurado permanentemente à sua terra (Am 9.14, 15), resultando no restabelecimento e unificação do estado judaico (Ez 37), e um lugar de pre-eminência entre as nações (Is 60.10-14).

Ocorrerá *purificação religiosa*, já que o governante desse reino seguirá o padrão de Melquisedeque, sendo ao mesmo tempo rei e sacerdote (Sl 110). Ele será o objeto único de adoração por todas as nações (Is 66.23), e cada nação será compungida e usufruir desse privilégio (Zc 14.16-19). Um santuário central será estabelecido em Jerusalém para ser utilizado pelos povos de todas as nações (Ez 37.27, 28), e a glória (Shekinah) tomará novamente o lugar que lhe é de direito no templo (Ez 43.1-7). A intenção original de Deus para com Israel será cumprida neste povo tornando-se os líderes e mestres religiosos (Is 61.6).

Estes seis aspectos do reino colocam em nítido relevo algo de sua grandeza. É uma perspectiva completa e que satisfaz, reconciliando todos os pontos de vista legítimos. Suas dimensões são surpreendentes. A terra ocupada é de extensão mundial (Zc 14.20, 21). Todas as nações estão dentro de seu controle (Sl 72.8-11). Todos os elementos essenciais que contribuem para a vida humana estarão presentes (Zc 14.20, 21). De seu crescimento (o principal problema dos reinos de hoje) não haverá fim (Is 9.7 — Edição Revista e Corrigida). Sua duração é eterna. A primeira fase será de mil anos (Ap 20.4-6). Então se unirá ao estado eterno e durará para sempre (Sl 45.6; Dn 7.13, 14; Mq 4.7; 1 Co 15.24-28; Ap 22.1-5).

O Reino nos Evangelhos

Há um mistério acerca do reino mediatório conforme é apresentado nos Evangelhos que causou uma variedade de in-

interpretações. Os amilenistas concentram sua atenção nos elementos espirituais, ignorando os sociais e políticos, e chamam isto de "Reino no Novo Testamento". Os liberais argumentam que Cristo queria estabelecer uma ordem Cristã na sociedade que resultasse numa melhoria das condições sociais da humanidade. A escola crítica insiste que Cristo acomodou-se ao idealismo dos profetas do Antigo Testamento. A perspectiva bíblica é tomar o ensino de Cristo em seu verdadeiro valor e entender que Cristo apresentava o mesmo reino apresentado pelo Antigo Testamento.

Encontram-se nos Evangelhos muitos anúncios formais acerca desse reino. Foi proclamado por um anjo (Lc 1.30-33), antecipado pelos magos (Mt 2.1, 2), anunciado por João Batista (Mt 3.1, 2) e pregado por Cristo (Mt 4.17, 23), os doze apóstolos (Mt 10.5-7) e os setenta discípulos (Lc 10.11). Certas expressões marcam a proximidade desse reino. Cristo é apresentado como a fonte de seu poder (Lc 11.20). Isto se explica pelo fato que o Rei estava entre eles (Lc 17.21 - Ed. Revista Corrigida). O Reino estava próximo deles porque o Rei estava presente (Mc 1.15, Lc 10.9). Estava bem certo referir-se a esse reino como o "reino do Céu" (o Céu representando Aquele que habita no Céu) e o "reino de Deus" (Deus designando Aquele que governa) — veja Mateus 4.17 e Marcos 1.15). As duas expressões são, portanto, equivalentes (Mt 19.23, 24).

Um estudo cuidadoso indica o fato que o reino dos Evangelhos identifica-se com o reino mediatório da profecia veterotestamentária. O próprio nome "reino do Céu" veio das profecias de Daniel (2.44, 7.13, 14), e seu governante, o "Filho do homem" vem da mesma fonte. Isto explica porque Cristo apelava constantemente aos profetas do Antigo Testamento em apoio de sua mensagem sobre o reino (Lc 4.18, 19 — veja Is 61.1, 2; Lc 7.27 — veja Mt 3.1; Lc 20.41-44 — veja Sl 110.1).

Os Evangelhos associam sempre o reino anunciado por Cristo com aquele reino da profecia do Antigo Testamento. Seu trono pertence a Davi (Lc 1.30-33). Seu governante é aquele proclamado por Isaías (Mt 3.3 — veja Is 40.3). Sua luz é Cristo, a luz que Isaías anunciou (Mt 4.12-17 — veja

Is 9.1, 2). Em lugar algum Cristo insinua que sua concepção do reino seja diferente em qualquer sentido daquele que aparece na profecia do Antigo Testamento. Afinal, ele veio cumprir a Lei e os profetas (Mt 5.17, 18). Sua aparição na terra foi marcada pelo cumprimento literal das profecias. Ele nasceu em Belém (Lc 2.1-6 — veja Mq 5.2-5), e foi a Jerusalém montado em um jumento (Mt 2.1-5 — veja Zc 9.9, 10).

De muitas maneiras a mensagem e ministério de Cristo exibem os vários aspectos do reino conforme é apresentado na profecia do Antigo Testamento. Aquilo que é espiritual torna-se condição de admissão (Jo 3.3-5). Os padrões éticos mais elevados são descritos e enfatizados (Mt 5.19-21, 27) — Os súditos do reino demonstrarão resultados a nível social (Mt 13.41-43; Lc 6.20, 21). A purificação do templo demonstra purificação religiosa (Mc 11.15-17), e acontecerão mudanças radicais no ambiente físico (Mt 9.35, 10.5-8).

Apesar do ensino tão claro de Cristo, o Rei e seu reino foram rejeitados. Na época do primeiro anúncio do reino, Jesus compreendeu que havia condições. O oferecimento do reino era genuíno, mas era também condicionado ao homem (Mt 10.5-7, 17.24). "Se o quereis reconhecer, ele mesmo é Elias, que estava para vir" (Mt 11.13-15, 17.10-13). Conhecendo o resultado de antemão, Cristo profetizou esse fato antes de acontecer (Jo 2.19-22; 3.14, 15). Confirmando o que ele sabia que iria acontecer, Jesus encontrou oposição desde o princípio de seu ministério público. Ele foi repudiado em Nazaré (Lc 4.28, 29). Na segunda páscoa, procuravam matá-lo (Jo 5.18, 43). Mesmo sua popularidade diante do povo simples variava de ocasião em ocasião. Num dia queria fazê-lo rei, mas no dia seguinte o desamparavam (Jo 6.15, 60-66). A oposição cresceu sempre até atingir a proporções de crise. Ele foi acusado de blasfêmia e de estar de acordo com o diabo (Mt 9.3-6, 10-12, 34). Seu ministério no sábado agravou a situação (Mt 12.3, 14). A nação de Israel havia claramente confirmado seu pecado (Mt 12.24, 25). Isto culminou finalmente na morte de Cristo, a rejeição do reino e sua suspensão no presente (Mt 12.38-40). Tendo rejeitado o Rei, a nação de Israel rejeitou o reino que ele veio estabelecer.

Compreendendo que sua rejeição e de seu reino seria inevitável, Cristo procurou preparar seus apóstolos para esse evento. Em uma série de parábolas ele esquematiza a forma de "ministério" do reino durante o período de rejeição por Israel. Haverá uma sementeira em antecipação de um cumprimento futuro do reino (Mt 13.3-9). Isto resultará num crescimento misterioso (Mc 4.26-30). O crescimento será misto (Mt 13.24-30), e fora do normal (Mt 13.31, 32). Erros de doutrina se infiltrarão entre os que professam a fé bíblica e se espalharão de forma generalizada (Mt 13.33). Um remanescente fiel de Israel permanecerá no campo para ser redimido (Mt 13.44), e uma pérola de grande preço, a igreja, também no campo será redimida (Mt 13.45, 46). No fim dos tempos haverá uma separação do que é bom e do que é mau (Mt 13.47-50).

Nessa hora Cristo revela planos para uma mudança de direção em seu ministério para cumprir seu propósito para a época de rejeição do reino. Ele vai edificar a igreja, uma nova sociedade de crentes (Mt 16.13.20). Ele começa também a instruir seus discípulos mais claramente sobre a necessidade de sua morte e ressurreição (Mt 16.21; 17.22, 23; 20.17-22, 28; 21.33-42). Mas ele também lhes assegura que voltará em glória para estabelecer seu reino. Na transfiguração ele lhes dá uma antevisão de sua natureza literal (Mt 16.27-17.8; 2 Pe 1.16-18) e promete que eles participarão desse reino (Mt 19.27, 28; Lc 22.28-30).

Nenhum elemento importante de instrução foi omitido por Cristo ao preparar os seus para o que estava para vir. Ele deixou claro que não haveria demora no estabelecimento do reino (Lc 19.11-27). Apesar de saber o que iria acontecer, como Rei ele fez uma oferta sincera do reino de acordo com as profecias (Lc 19.29-44; Zc 9.9, 10). Ele fez então um discurso profético esquematizando o curso de eventos intermediários antes de sua volta para estabelecer o reino (Lc 21.5-31). Vem então a noite da traição, seguida de julgamentos. Em tudo isso ele nunca mudou suas reivindicações, mas continuou a afirmar ser o Rei mediatório da profecia do Antigo Testamento (Mt 26.63-66; Mc 11.61, 62; Jo 18.33-39).

O reino identificava-se de tal maneira com o Rei que rejeitá-la era rejeitar o reino. Os evangelhos dão uma explicação em seis ítems para a rejeição.⁹ Desde o princípio evidenciava-se que os requisitos espirituais para entrada no reino eram elevados demais para serem aceitos (Mt 5.20; 6.2, 5, 16). Daí a recusa de Cristo de estabelecer um reino meramente social e político (Lc 12.13, 14). A veemente denúncia de Cristo contra a religião que era meramente externa, cerimonial, tradicional, irritou os judeus (Lc 11.3-41). O julgamento da liderança civil e religiosa de Israel perante o tribunal da verdade absoluta constituiu razão para a rejeição (Mt 23, Lc 11.42-12.1). A surpreendente associação de Cristo com os pecadores para levá-los à salvação não podia ser tolerada pelos judeus (Lc 15.1, 2). Acima de todas as razões para sua condenação estavam as elevadas reivindicações que ele fazia para si e sua conduta no sábado (Jo 5.16-18).

Cristo e seu reino experimentaram rejeição completa por Israel. A nação toda estava representada na Páscoa (Lc 23.13-35). A nação era formada de três classes de pessoas: as "autoridades", o governo civil, os "sacerdotes", liderança religiosa (13), e o "povo", os cidadãos da nação. Apesar de aparentemente o povo ter-lhe sido leal quase até o fim (Lc 19.48-20.8, 19-26, 21.37-22.2), no final os sacerdotes provocaram uma mudança (Mc 15.8-15). Isso demonstrou que o povo era de forma geral leal à sua liderança. Eles consideravam ser direito dos sacerdotes falar com autoridade em assuntos de religião. Seu herói desapontou-os pois não trouxe os benefícios sociais e materiais que eles esperavam obter (Jo 6.14-16, 66). Portanto, governantes, sacerdotes e povo uniram-se em uma totalidade como nação para rejeitar completamente o Rei e seu reino.

O Reino na Época Atual

A época atual deve ser considerada um período de transição para o reino mediatório. Havia uma expectativa constante por seu estabelecimento (At 1.6), mas os crentes não pude-

ram harmonizar essa esperança com a cruz e o túmulo (Lc 24.13-27, 44, 45). Foi o elemento tempo que os confundiu (1 Pe 1.10-12). No entanto, o ensino anterior de Cristo não foi de maneira alguma anulado pelas novas instruções dadas pelo Senhor (At 1.8, Mt 28.16-20, Lc 24.47-49).

Aos crentes foram dadas novas certezas após a ascensão de Cristo como confirmação adicional do ensino de Cristo. Os sinais e prodígios prometidos nas profecias do Antigo Testamento continuaram no período inicial da igreja. Houve o derramamento do Espírito no Pentecoste (At 2.1-4, 16-18), cura de enfermos (At 3.1-10 — veja Is 35.1-10), milagres físicos (At 4.31, 8.39, 16.26 veja Jl 2.28-32), julgamento sobre os pecadores (At 5.1-11, 12.23, 13.11 — veja Ez 11.13), visões miraculosas (At 7.55, 9.3, 10, 11.5 veja Jl 2.28-32) e ministério angélico direto (Jo 1.51: At 5.19, 10.3, 12.7; Hb 1.6, 7, 14).

Houve também outros oferecimentos do reino durante este período de transição. No pentecoste, Pedro dirigiu-se à nação (At 2.14-21) e destacou o fato que a vinda do Espírito era cumprimento de profecia (16-21), que certificava que Cristo havia sido feito Senhor e Cristo (23-36). Isso trouxe grande convicção de pecado sobre o povo, e foram exortados a arrependerem-se e voltarem para Cristo. Três mil corresponderam ao apelo (37-41). Em uma ocasião posterior, a oportunidade foi fornecida por uma cura milagrosa. Pedro confrontou novamente o povo com Cristo e seu reino e instou-os a se arrependerem e converterem “para serem cancelados os seus pecados, a fim de que da presença do Senhor venham tempos de refrigério, e que envie ele o Cristo, (. . .) Jesus” (At 3.19, 20).

Acompanhando os Evangelhos, houve oposição crescente entre os judeus ao ensino sobre o Rei e seu reino. Os saduceus eram claramente opostos a Cristo e o sobrenatural (At 4.1-4). Os fariseus estavam divididos quanto à sua atitude para com a nova seita (At 5.33-39). Os judeus incitaram distúrbios contra a pregação de Cristo (At 2.22, 23: 23.10-22). Os apóstolos por fim foram forçados a passar dos judeus para os gentios com sua mensagem de Cristo e seu reino (At 13.

43-48; 18.5, 6; 19.8, 9; 28.17-31). Conforme crescia a onda de oposição, a mensagem acerca do reino foi gradualmente passando para segundo plano, e a mensagem acerca da igreja tornou-se proeminente. A glória do reino e sua expectativa passaram, e a igreja tornou-se pre-eminente com uma glória que é toda sua. Mas a mensagem do reino não desapareceu por completo. Pois o propósito de Deus nesta época foi formar uma aristocracia para o reino; a igreja deveria associar-se com Cristo governando e reinando sobre esse reino (1 Co 4.8, 6.2; Hb 12.28).

Em um sentido peculiar, o reino mediatório foi adiado ou posto em estado de suspensão durante o período que vai do Pentecoste à volta de Cristo. Isto quer dizer que ele não está sendo experimentado em seu sentido pleno, conforme é descrito na profecia do Antigo Testamento. Se ele existisse neste sentido, os membros da igreja estariam governando sobre a terra (1 Co 4.8). Na realidade, não lhes seria necessário orar a oração que o Senhor Jesus ordenou que orassem: "Venha o teu reino" (Mt 6.10).

A proclamação deste reino deve ser pregada ainda, como fazia Paulo (At 20.24-27). É parte de todo o desígnio de Deus. Em um sentido limitado, os membros da igreja experimentam hoje o que é participar neste reino. Pela conversão e regeneração, pessoas estão sendo transportadas para este reino (Cl 1.13), quer dizer, estão tornando-se parte daquela fase do reino que servirá como a aristocracia e nobreza governante quando este estiver sido completamente estabelecido na terra na Segunda Vinda de Cristo. Assim, os crentes na realidade entram no reino antes de seu estabelecimento material e visível na terra (Jo 3.3-5).

A forma presente do reino é assim descrita por Cristo como um mistério ou segredo (Mt 13.11). Eu já discorri sobre isto em minha discussão do reino nos Evangelhos (p. 78). Desenvolvimentos paralelos aos descritos em Mateus 13 estão ocorrendo durante esta era, como preparação para o reino. Há a preparação de um núcleo espiritual que consiste de diversas companhias de santos. Estes são conhecidos como "os filhos do reino" (Mt 13.38). Há a igreja sendo preparada duran-

te o período da tribulação (Ap 3.21, 20.4). Mas, além disto durante o período da tribulação há uma grande companhia de salvos no estado natural, entre os quais há judeus (Ap 7.1-8) e gentios (Mt 25.34) que entrarão no reino como a população original. O mal também se desenvolve por seus próprios caminhos durante a presente era. "Os filhos do maligno" (Mt 13.38, 39) crescerão até serem um vasto ajuntamento da humanidade que se organizará em um falso reino sob a liderança do Anti-cristo (Ap 13.5, 7). Sobre este último reino mundial cairá com poder esmagador a pedra cortada da montanha sem auxílio de mãos, pulverizando-o (Dn 2.34, 35, 44, 45). Esta é a colheita do fim dos tempos (Ap 14.14-20), uma colheita feita pelo Senhor Jesus Cristo, a Pedra, e servos angélicos (Mt 13.36-43, 47-50). É este concurso de eventos que introduzirá o reino mediatório de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo (Dn 2.43, 35, 44, 45).

Cumprimento do Reino

O reino mediatório será introduzido por Cristo naquele ponto no tempo quando ele retornar à terra. O período de sete anos, ou um pouco mais, que imediatamente antecede a isto será marcado pelos julgamentos providenciais e imediatos que expulsarão os usurpadores da terra. Estes julgamentos são liderados por Cristo que está no Céu segurando em suas mãos o título de propriedade da terra, selado com sete selos. Ele remove os selos um por um até que os julgamentos que estão sob os selos, as trombetas e os cálices, tenham se cumprido (Ap 6-19). Então Cristo retorna à terra com a igreja (Ap 19.7, 8, 14) que ele havia levado para o Céu antes de começar esse terrível período (1 Ts 4.13-17).

Nesse ponto Cristo começará a exercer a autoridade que lhe foi delegada (Mt 28.18) para estabelecer seu reino (Ap 11.15-17). A presença pessoal de Cristo é a característica distintiva principal desse reino. É a Pedra Cristo, que cresce e enche toda a terra (Dn 2.34, 35, 44, 45). Cristo virá em glória (Mt 24.30, 25.31) com poder sobrenatural. Os anjos o acompa-

nharão, e ele estabelecerá e se assentará sobre o seu trono (Ap 19.11-21). A última companhia dos santos mortos terá sido ressuscitada dentre os mortos (1 Co 15.23, 24). Os santos da igreja terão sido ressuscitados no período do arrebatamento, que antecedeu a tribulação. No meio da tribulação serão ressuscitadas as duas testemunhas martirizadas (Ap 11.11). No final da tribulação a grande companhia dos mártires da tribulação será ressuscitada (Ap 20.4), bem próximos dos santos do Antigo Testamento (Is 26.19-21; Dn 12.1, 2).

O reino mediatório então se cumprirá em todos os seus aspectos. Pouco se diz no Novo Testamento das vastas mudanças que ocorrem no âmbito do reino. Estas encontram-se na profecia do Antigo Testamento. Mas Cristo assegurou aos crentes de que essas mudanças ocorrerão exatamente como estabelece a profecia do Antigo Testamento (Mt 5.17, 18; At 3.19-26). A maldição será parcialmente revogada, tanto que Isaías descreve a mudança como um novo céu e nova terra (Is 65. 17). Será necessário exercer um governo severo e inflexível de justiça para controlar o pecado e perpetuar as virtudes desse reino (Ap 12.5, 19.15). Durante todo o período do reino mediatório, o ministério de Cristo será dirigido e uma progressiva sujeição de todos os inimigos de seu governo pessoal e oficial (1 Co. 15.25, 26; Ap 20.7-10; 22.2, 3). Quando essa missão for cumprida, ele então entregará voluntariamente o reino nas mãos do Pai, e o reino mediatório se confundirá com o reino universal (1 Co 15.24, 28) que introduzirá o estado eterno (Ap 21.1, 2). Então haverá um trono apenas, pelos séculos dos séculos (Ap 22.1, 3).

UMA RESPOSTA
PRÉ-MILENISTA
HISTÓRICA
GEORGE ELDON LADD

A exposição de Hoyt reflete o principal problema na discussão do milênio. Várias vezes ele contrasta os pontos de vista não dispensacionalista com os seus próprios, que rotula "o ponto de vista bíblico" (pp. 62, 63, 64, 76). Se ele estiver certo, então os outros pontos de vista, incluindo os meus próprios, são "anti-bíblicos" ou até heréticos. Esta é a razão porque ao longo dos anos tem havido pouco diálogo criativo entre os dispensacionalistas e as outras escolas de interpretação profética.

Não há nada de distintamente dispensacionalista na definição de reino de Hoyt, apesar de extraída de McClain. Além disto, sua distinção entre o reino de Deus e seu reino mediatório não é a característica usual dos dispensacionalistas. Do modo que eu vejo, Deus é o Rei universal do universo, mas o seu reino vem aos homens sendo sempre *mediado* por Cristo tanto no presente quanto no futuro. É interessante ver também que Hoyt não faz distinção entre o reino de Deus e o reino dos Céus. Walvoord o principal teólogo dispensacionalista americano, as distingue assim: o reino dos Céus é a *espera* da *profissão de fé*, o reino de Deus a *espera* dos verdadeiros crentes.¹

É difícil perceber como Hoyt pode demonstrar satisfatoriamente que o reino mediatório foi "suspense" (a palavra comum entre os dispensacionalistas é "adiado") quando ele foi rejeitado por Israel. O fato é que a oferta do reino por Je

sus não foi rejeitada *universalmente*. Um bom número de pessoas recebeu-a e tornou-se discípulos de Jesus. Paulo fala de uma aparição do Jesus ressurreto para mais de quinhentos irmãos (1 Co 15.6). Estes formavam um "pequenino rebanho" (Lc 12.32) — uma idéia que aparece freqüentemente no Antigo Testamento (Israel como o rebanho das pastagens de Deus). O pequenino rebanho recebeu o reino oferecido por Jesus e assim tornou-se o povo do reino — o verdadeiro Israel espiritual.

Um ponto importante proeminente no dispensacionalismo que Hoyt menospreza é o caráter judaico do reino do milênio. É verdade, ele diz que "este reino será um reavivamento e continuação do reino davídico histórico" (p. 71), mas ele deixa de enfatizar que isto significa a reconstrução do templo e a restauração do culto do Antigo Testamento, com seu ciclo infundável de sacrifícios sangrentos. Isto é impossibilitado por Hebreus 8.13.

Uma última palavra: Hoyt escreve — "Em lugar algum Cristo insinua que sua concepção do reino seja diferente em qualquer sentido daquela que aparece na profecia do antigo Testamento" (p. 77). Isto, em minha maneira de ver, deixa escapar a mensagem central dos Evangelhos. Jesus disse: "Se, porém, eu expulso os demônios pelo Espírito de Deus, certamente é chegado o reino de Deus sobre vós" (Mt 12.28). Jesus asseverou que em sua pessoa — um homem entre homens — residia o poder do Espírito Santo, e sua atividade era nada menos que o poder do reino de Deus. Aqui está algo inteiramente diferente da esperança escatológica predominante no Antigo Testamento. Antes do reino vir no poder e glória escatológicos, ele já veio aos homens em uma forma inesperada — na pessoa e mensagem de um mestre nazareno. Isto, para mim, é o "mistério" — o segredo revelado — do reino de Deus.

UMA RESPOSTA PÓS-MILENISTA

LORAINÉ BOETTNER

Na tentativa de replicar à interpretação que Hoyt faz do milênio, não tratarei das profecias isoladas, mas estabelecerei princípios básicos que, em minha opinião, refutam o sistema dispensacionalista e mostram o que a Bíblia realmente ensina. Esta discordância surge primariamente por causa dos diferentes métodos de interpretação. É geralmente aceito que as profecias tomadas em seu sentido literal predizem, realmente, a restauração da nação de Israel na Terra da Palestina com os judeus em posição de proeminência no reino e governando sobre as outras nações.

Em muitas de nossas Bíblias (N. do T.: em inglês), como a American Standard Version de 1901, na página que separa o Antigo do Novo Testamento há as palavras:

A Nova Aliança,
comumente chamada
Novo Testamento

A Antiga Aliança foi estabelecida com a nação de Israel no Monte Sinai pouco depois dos israelitas terem sido libertos do Egito. Antes da Aliança ser dada, Deus, falando através de Moisés, disse ao povo: "Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz, e guardardes a minha aliança, então sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos porque toda a terra é minha; vós me sereis reino de sacerdotes e nação santa" (Ex 19.5, 6). Após a preparação de dois dias,

quando o povo devia santificar-se e lavar suas vestes, Deus desceu no Monte Sinai e deu a Aliança de uma maneira muito impressionante. É-nos dito que houve trovoadas e relâmpagos, uma nuvem escura, um alto soar de trombeta; a montanha fumegou e tremeu; o povo, vendo e ouvindo isto, estremeceu; e Deus falou com voz audível.

O que chamamos Antiga Aliança foi dado, consistindo primariamente dos Dez Mandamentos, registrados em Êxodo 20.1-17, juntamente com várias outras leis, registradas até o capítulo 24 — o que poderíamos chamar de a “constituição” e os “estatutos” pelos quais Israel teria de ser governado pelo restante de sua existência como nação.

Na ocasião certa, aquela aliança seria substituída pelo que seria chamado Nova Aliança, que Deus faria com a igreja. Isto foi predito mais plena e claramente pelo profeta Jeremias, que escreveu:

“Eis aí vêm dias, diz o Senhor, e firmarei nova aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá. Não conforme a aliança que fiz com seus pais, nos dias em que os tomei pela mão, para os tirar da terra do Egito; porquanto eles anularam a minha aliança, não obstante eu os haver desposado, diz o Senhor. Porque esta é a aliança que firmarei com a casa de Israel depois daqueles dias, diz o Senhor. Na mente lhes imprimirei as minhas leis, também no coração lhes inscreverei; eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo. Não ensinará jamais cada um ao seu próximo, nem cada um ao seu irmão, dizendo: Conhece ao Senhor, porque todos me conhecerão, desde o menor até ao maior deles, diz o Senhor. Pois, perdorei as suas iniquidades, e dos seus pecados jamais me lembrarei.” (Jr 31.31-34).

Um fenômeno bem marcante na ciência do estudo da Bíblia é que bem poucos dos que se intitulam cristão evangélicos dão alguma atenção ao fato de que a Antiga Aliança, que temos na primeira parte de nossas Bíblias como Antigo Testamento, foi feita exclusivamente com a nação de Israel e foi agora substituída pela Nova Aliança, que chamamos Novo Testamento, que foi feita *exclusivamente* com a igreja. “Eu

sou o Senhor teu Deus, que te tirei da Terra do Egito, da casa da servidão", disse o Senhor quando a Antiga Aliança foi estabelecida com a nação de Israel (Ex 20.2). Isto significa Israel. Só eles saíram do Egito. Portanto, aquela Aliança claramente *não* foi feita com os egípcios, ou os filisteus, ou os persas, ou os gregos. Ela foi feita especificamente com um grupo, e só com ele. No entanto, como vemos depois, prosélitos gentios podiam entrar na nação de Israel e no relacionamento de aliança com Deus, mas apenas através de certos rituais prescritos.

O Novo Testamento, que é, ele só, o documento autorizado para a igreja cristã, deveria ser chamada Nova Aliança. *Testamento*, como a palavra é usada, significa a vontade de alguém ao morrer, ou legados finais de sua propriedade. Mas o Novo Testamento não é a vontade de Jesus quando estava morrendo. É a Nova Aliança que foi dada em cumprimento da promessa que veio através de Jeremias. Foi isto que Cristo anunciou quando instituiu a Ceia do Senhor. "Este cálice que é derramado por vós é a nova aliança em meu sangue" (Lc 22.20) (Tradução da versão utilizada pelo autor).

O escritor da Espístola aos Hebreus citou a promessa feita através de Jeremias e declarou que a Nova Aliança havia tornado a primeira antiquada. Ela estava mesmo desaparecendo (Hb 8.7-13). Logo desapareceria completamente com a destruição do templo e seu culto ritual, o sacerdócio as genealogias, a cidade de Jerusalém, a devastação da terra e dispersão dos judeus pelas nações no ano 70 a.D. Assim ele mostrou que a Antiga Aliança havia cumprido a sua função e havia sido substituída pela Nova Aliança.

Com linguagem forte Paulo diz que quando estávamos mortos em ofensas e pecados, Cristo nos "deu vida juntamente com ele, perdoadando todos os nossos delitos; tendo cancelado o escrito de dívida, que era contra nós e que consistia de ordenanças, o qual nos era prejudicial, removeu-o inteiramente, encravando-o na cruz". O antigo estado de coisas morreu quando Cristo morreu. Nenhum requerimento da Antiga Aliança tem força legal sobre o cristão, exceto os princípios morais repetidos na Nova Aliança. O Antigo Testamento

é nosso livro de *História*. Não é nosso livro de *leis*.

É verdade, certamente, que no Antigo Testamento certas promessas foram feitas a Israel acerca de um re-ajustamento do povo e restauração da terra. Mas estas promessas eram *sempre* condicionadas à obediência, declaradamente ou de modo claramente implícito. Vez após vez o povo *era avisado que a apostasia cancelaria a promessa de bênçãos futuras, que a bênção futura poderia ser perdida*.

A terra da Palestina, por exemplo foi dada a Abraão e à sua descendência "em possessão perpétua" (Gn 17.8). Mas a mesma coisa é dita da duração perpétua do sacerdócio de Arão (Ex 40.15), a Páscoa (Ex 12.14), o sabbath (Ex 31.17) e o trono de Davi (2 Sm 7.13, 16, 24). Mas à luz do Novo Testamento todas estas coisas passaram. Usamos a mesma terminologia quando um título garante ao comprador o uso de um pedaço de terra ou propriedade "para sempre" ou "em perpetuidade". Não queremos dizer que o comprador a reterá realmente para sempre, mas que ela torna-se dele por tanto tempo quanto ele quiser, ou até a mudança das condições. Além disto o povo foi exilado da terra por setenta anos durante o cativeiro Babilônico e quase dois mil anos entre o tempo que Jerusalém foi destruída pelos romanos e a formação do estado de Israel atual. Isto é na realidade quase o dobro do Tempo que eles realmente a possuíram. Como poderia agora ser considerado o cumprimento da promessa feita a Abraão se lhes fosse dada a posse da terra apenas durante um reino de um milênio? Certamente aquela promessa foi há muito anulada, no que concerne ao Israel na carne.

Quando Deus livrou os filhos de Israel do Egito, ele prometeu que os levaria a "uma terra boa e ampla, terra que mana leite e mel" (Ex 3.8). Mas quando eles se rebelaram após ouvir os relatórios dos doze espias, ele disse:

"Não entrareis na Terra, pela qual jurei que vos faria habitar nela, salvo Calebe, filho de Jefoné, e Josué, filho de Num. Mas os vossos filhos, de que dizeis: Por presa serão, farei entrar nela; e eles conhecerão a terra que vós desprezastes. Porém, quando a vós outros, os vossos cadáveres cairão neste deserto" (Nm 14.30-33) "E conhecereis

minha quebra da promessa" (Nm 14.34) (Tradução da versão utilizada pelo autor).

Imediatamente depois dos filhos de Israel saírem do Egito, Moisés falando como profeta de Deus, deu-lhes esta promessa aparentemente incondicional: "aos egípcios, que hoje vedes, nunca mais os tornareis a ver" (Ex 14.13). Mas em seu discurso de despedida uns quarenta anos depois, ele os avisou especificamente das consequências da desobediência: "O Senhor te fará voltar ao Egito em navios, pelo caminho de que te disse: Nunca jamais o verás; seréis ali oferecidos para venda como escravos e escravas aos vossos inimigos, mas não haverá quem vos compre" (Dt 28.68). A bênção foi prometida à nação se ela fosse obediente; mas a punição foi ameaçada, mesmo a destruição da nação, se ela fosse desobediente (Dt 28.13-25, 45, 46).

Jeremias declarou de forma clara a natureza condicional da promessa de Deus a Israel: "no momento em que eu falar acerca de uma nação ou de um reino, para o edificar e plantar, se ela fizer o que é mal perante mim, e não der ouvidos à minha voz, então me arrependerei do bem que houvera dito lhe faria" (Jr 18.9, 10). Samuel avisou o desobediente Eli: "Portanto, diz o Senhor Deus de Israel: Na verdade dissera eu que a tua casa e a casa de teu pai andariam diante de mim perpetuamente; porém agora diz o Senhor: Longe de mim tal coisa, porque aos que me honram honrarei, porém os que me desprezam serão desmerecidos" (1 Sm 2.20). Desta forma, a promessa de bênção foi perdida, e a casa de Eli eliminada para nunca mais ser restaurada.

Outro exemplo clássico de promessa aparentemente incondicional foi a que foi dada através do profeta Jonas: "ainda quarenta dias, e Ninive será subvertida" (Jn 3.4). Mas quando o povo de Nínive arrependeu-se, a cidade foi poupada. Ainda que Jonas desejava ver a cidade destruída e ficou muito desapontado quando ela não foi, ele não sentiu que Deus havia violado sua promessa, pois lemos:

"Com isso desgostou-se Jonas extremamente, e ficou irado. E orou ao Senhor, e disse: Ah! Senhor! não foi isso o que eu disse, estando ainda na minha Terra? Por

isso me adiantei, fugindo para Társis, pois sabia que és Deus clemente, e misericordioso, tardio em irar-se e grande em benignidade, e que te arrependes do mal." (4.1, 2).

Numerosos outros exemplos deste tipo poderiam ser citados. Mas estes são suficientes para mostrar que Deus não estaria sob obrigação alguma de cumprir qualquer promessa a um Israel desobediente. Nesta base não hesitamos em dizer que *Todas as promessas feitas a Israel no Antigo Testamento ou foram cumpridas ou foram perdidas pela desobediência.*

Incidentalmente, acerca da que é geralmente considerada a promessa mais importante que Deus fez a Israel, a saber, que eles possuiriam a terra da Palestina, esta promessa foi cumprida em uma ocasião. Ela foi dada a Israel através das conquistas de Josué. Eles a perderam somente por causa de sua desobediência. Portanto, não há razão para que ela deva ser dada a eles outra vez. Em Josué 21.43, 45, lemos: "Destá maneira deu o Senhor a Israel toda a terra que jurara dar a seus pais: e a possuiram e habitaram nela. (. . .) Nenhuma promessa falhou de todas as boas palavras que o Senhor falara à casa de Israel: Tudo se cumpriu". E mais uma vez, é-nos dito: "Dominava Salomão sobre todos os reinos desde o Eufrates até à terra dos filisteus e até ao termo do Egito; os quais pagavam tributo, e serviam a Salomão todos os dias da sua vida" (1 Rs 4.21). Na realidade, Deus deu-lhes misericordiosamente uma segunda chance, quando os cativos voltaram da Babilônia. Mas novamente eles a perderam pela desobediência.

O fato é que quando Cristo veio e foi rejeitado, ele depôs os líderes do judaísmo apóstata os fariseus e anciãos, e indicou um novo grupo de oficiais, os apóstolos, através dos quais estabeleceu sua igreja. Certa vez ele disse aos líderes judeus: "o reino de Deus vos será tirado e será entregue a um povo que lhe produza os respectivos frutos" (Mt 21.43). E porque eles rejeitaram e crucificaram o Messias, e persistiram na oposição à igreja, chegaram a uma condição na qual, como Paulo solenemente diz "a ira sobreveio contra eles definitivamente" (1 Ts 2.16). Isto não deixa lugar para uma conversão futura em termos nacionais. De acordo com isto, o sis-

tema do judaísmo foi abolido inteiramente, terminado levado a cabo, e a igreja tomou seu lugar. A Nova Aliança agora é o instrumento autorizado para Deus lidar com seu povo. Esta doutrina bíblica das alianças torna, em minha opinião, impossíveis tanto a posição do pré-milenismo histórico quanto a do dispensacionalista. É compatível tanto com a posição amilenista quanto com a pós-milenista.

Para obter informação acerca da primeira vinda de Cristo, vamos ao Antigo Testamento. Ele veio exatamente como foi predito, e todas aquelas profecias ou foram cumpridas ou perderam-se pela desobediência. Mas para obter informações acerca de sua Segunda Vinda e que desenvolvimentos haverá no futuro, vamos apenas ao Novo Testamento.

Ali aprendemos que quando ele vier novamente, não virá estabelecer um reino. Isto ele fez em sua primeira vinda e está reinando agora. Em Marcos 9.1, Jesus diz: "Em verdade vos afirmo que, dos que aqui se encontram, alguns há que, de maneira nenhuma passarão pela morte até que vejam ter chegado com poder o reino de Deus". Portanto, sabemos que o reino já veio — ou então alguns dos que se encontravam lá naquele dia estão vivos ainda, o que certamente não é o caso.

Em Atos 2 encontramos que o reino veio realmente com poder no Pentecoste e que foi dado aos apóstolos poder — poder que transformou discípulos fracos e apavorados em apóstolos fortes e destemidos que naquele dia e depois pregaram a mensagem de salvação às nações com resultados maravilhosos. A manifestação externa deste reino é a igreja. E quando Cristo vier novamente, ele não virá para sentar-se no trono de Davi, porque ele já está sentado neste trono. Em seu sermão no Pentecoste Pedro declarou que "o patriarca Davi (. . .) morreu e foi sepultado"; e acrescenta: "Sendo, pois, profeta e sabendo que Deus lhe havia jurado que um dos seus descendentes se assentaria no seu trono; prevendo isto, referiu-se à ressurreição de Cristo, que nem foi deixado na morte, nem o seu corpo experimentou corrupção" (At 2.29.32). Aqui é dito que o propósito da ressurreição de Cristo era que ele se assentasse no trono de Davi. E nos versos 34 e 35 deste mes-

mo capítulo, Pedro, citando Salmo 110.1, diz que ele deve sentar-se nesse trono e reinar até seus inimigos tenham sido feitos o escabelo de seus pés.

Paulo diz que Deus Pai “nos libertou do império das trevas e nos transportou para o reino do Filho do seu amor” (Cl 1.13). (Observe o tempo passado nos dois casos). E João também nos diz que estamos no reino: “Aquele que nos ama, e pelo seu sangue nos libertou dos nossos pecados, e nos constituiu reino (. . .)” (Ap 1.5, 6).

Portanto, quando Cristo vier novamente, não será para reinar em um reino milenial. Ele já está reinando em seu reino mediatório. E ele não virá para combater seus inimigos, pois eles terão sido derrotados e desaparecerão antes disto.

Ao invés, nós lemos:

E então virá o fim, quando ele entregar o reino ao Deus e Pai, quando houver destruído todo principado, bem como toda potestade e poder. Porque convém que ele reine até que haja posto todos os inimigos debaixo dos seus pés. O último inimigo a ser destruído é a morte. Porque todas as coisas sujeitou debaixo dos seus pés. E quando diz que todas as coisas lhe estão sujeitas, certamente exclui aquele que tudo lhe subordinou. Quando, porém, todas as coisas lhe estiverem sujeitas, então o próprio Filho também se sujeitará àquele que todas as coisas lhe sujeitou, para que Deus seja tudo em todos.” (1 Co 15.24-28; o grifo é meu).

Portanto, quando Cristo vier novamente será para unir seu reino mediatório do presente com o reino eterno para que Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo possam reinar como um único Deus por toda a eternidade.

**UMA RESPOSTA
AMILENISTA
ANTHONY A. HOEKEMA**

Pode haver muitas declarações na exposição de Hoyt com as quais eu concordo, mas eu basicamente discordo da posição que ele expõe. Minha discordância relaciona-se principalmente ao seu método de interpretar a Escritural

Na página 60, Hoyt indica seu princípio-mor de interpretação da Escritura:

"Este princípio colocado de maneira clara, é o de tomar as Escrituras no seu sentido normal e literal, entendendo que isto se aplica à Bíblia toda. Isto quer dizer que o conteúdo histórico da Bíblia deve ser tomado literalmente; o material doutrinário também deve ser interpretado desta maneira; a informação moral e espiritual, do mesmo modo, segue este padrão; e o material profético também deve ser entendido desta maneira. (. . .) Qualquer outro método de interpretação rouba parcialmente, se não totalmente, do povo de Deus a mensagem que lhe foi enviada".

O que torna a exposição de Hoyt difícil de avaliar é que ele em lugar algum nos dá uma exegese específica de alguma passagem escriturística. A maior parte do tempo ele simplesmente dá referências bíblicas entre parênteses; ocasionalmente ele cita um versículo; mas nunca dá uma interpretação detalhada e arrazoada de alguma passagem. É claro que todos nós fazemos estas coisas um pouco. Mas certamente em uma

exposição sobre "Pré-milenismo Dispensacionalista" era de se esperar no mínimo uma exegese cuidadosa de Apocalipse 20.1-6. Hoyt simplesmente pressupõe que Apocalipse 20 ensina um reino terreno de Cristo no milênio e então descobre que este reino terreno é predito na profecia do Antigo Testamento. Mas a questão crucial é: Como podemos ter certeza de que Apocalipse 20 ensina um reino terreno desta natureza? Esta ele não responde.

A única maneira de conjecturar como Hoyt interpreta as várias passagens bíblicas que ele menciona é observar o que ele diz em conexão com estas referências. Vejamos algumas destas declarações para ver se ele é fiel ao seu princípio declarado de interpretação. Encontrei os seis casos seguintes onde Hoyt deixou de seguir o método literal de interpretação.

1. Na página 72 o autor encontra prova para o estabelecimento sobrenatural do reino mediatório (que para ele significa o reino do milênio) em Mateus 25.31-46). Esta interpretação, entretanto, não se baseia no método literal. Pois as ovelhas no julgamento vão "para a vida eterna" (v. 46); mas entrar no reino do milênio não é de forma alguma igualado a receber a vida eterna. Não há, de acordo com o ensino pré-milenista, ainda pessoas não regeneradas no milênio, algumas das quais irão rebelar-se contra Cristo no fim dos mil anos e irão para a perdição?

2. Na página 76 Hoyt diz: "Certas expressões marcam a proximidade deste reino. Cristo é apresentado como a fonte de seu poder (Lc 11.20). Isto se explica pelo fato que o Rei estava entre eles (Lc 17.21)". Mas estas passagens dizem que o *reino* é chegado sobre eles (Lc 11.20) e que o *reino* de Deus está neles ou entre eles (Lc 17.21); não apenas que o *rei* está em seu meio.

3. Na página 78 o autor afirma que o tesouro escondido num campo, mencionado por Jesus em Mateus 13.44 é Israel e que a pérola de grande preço de Mateus 13.45, 46 é a igreja. Mas onde esta identificação é mencionada na Escritura? Isto é "interpretação literal"?

4. Na página 78, Hoyt diz que durante o seu julgamen-

to Jesus continuou a afirmar-se como o Rei mediatório da profecia do Antigo Testamento, o que quer dizer (uma inferência da parte anterior da exposição) o Rei de um reino terreno, que envolveria sentar-se num trono terreno e governar sobre Israel. Uma das passagens mencionadas em apoio a esta declaração é Jo 18.33-39. Mas no curso deste diálogo com Pilatos, Jesus diz: "O meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, os meus ministros se empenhariam por mim (. . .) mas agora o meu reino não é daqui" (Jo 18.36). Quando Pilatos então pergunta a Jesus: "Logo tu és rei?", Jesus responde: "tu dizes que sou rei. Eu para isso nasci e para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade" (Jo 18.37).

Certamente as respostas de Jesus a Pilatos indicam que ele não é o Rei de um reino terreno, mas ele é Rei na esfera da verdade — em outras palavras, o Rei de um reino que é primariamente espiritual, não terreno.

5. Na página 80 o autor diz: "Os apóstolos por fim foram forçados a passar dos judeus para os gentios com sua mensagem de Cristo e seu reino". Como prova ele cita, entre outras passagens, At 19.8, 9 e 28.17-31. Ambas as passagens, entretanto, mostram Paulo levando a "mensagem de Cristo e seu reino" a judeus.

6. Na página 83 Hoyt diz que Cristo "estabelecerá e se assentará sobre o seu trono (Ap 19.11-21)". Mas a passagem não menciona trono. Ela descreve Cristo sentado sobre um cavalo.

Em todos estes seis casos, o autor não seguiu o seu próprio princípio de interpretação, o de "tomar as Escrituras no seu sentido normal e literal". Outros casos poderiam ser observados, mas estes são suficientes para demonstrar que é uma simplificação grosseira e excessiva sugerir que a divergência básica entre dispensacionalistas e não dispensacionalistas é de interpretação literal ou não da Bíblia. Os dispensacionalistas às vezes interpretam de maneira não literal, e os não dispensacionalistas às vezes interpretam literalmente.

A pergunta crucial é: "O pré-milenismo dispensacionalista está baseado em um método correto de interpretação da Escritura? A esta pergunta minha resposta é: Não.

O verdadeiro princípio básico de interpretação por trás da exposição de Hoyt parece ser este: O Antigo Testamento parece a chave para a interpretação do Novo Testamento. Hoyt edifica sua argumentação a favor da restauração futura de Israel como nação principalmente em profecias do Antigo Testamento e então passa a interpretar o Novo Testamento à luz de sua interpretação literal destas profecias do Antigo Testamento que mostram que o futuro do Israel crente não pode separar-se do futuro dos crentes que não são israelitas.

O próprio Novo Testamento, porém, indica que Cristo e os apóstolos são os intérpretes autorizados do Antigo Testamento. O livro de Hebreus dá a chave deste princípio da revelação: "Havendo Deus, outrora, falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias nos falou pelo Filho" (Hb 1.1, 2). Cristo disse a seus discípulos antes de deixá-los: "Não vos deixarei órfãos, voltarei para vós outros" (Jo 14.18). Pelos dois versos anteriores sabemos que ele virá a eles e permanecerá com eles através do Espírito Santo que o Pai dará a eles. Depois, no mesmo discurso, Jesus diz a seus discípulos: "Tudo quanto o Pai tem é meu; por isso é que vos disse que há de receber do que é meu, e vo-lo há de anunciar" (Jo 16.15). Qual pode ser o significado disto, a não ser que o Espírito Santo guiará agora os discípulos, que juntamente com Paulo serão os autores principais das Escrituras do Novo Testamento, para um entendimento mais profundo e preciso da verdade acerca da missão e da obra de Jesus? Em concordância com isto, Lucas nos diz em Atos 1.1: "Escrevi o primeiro livro, o Teófilo, relatando todas as coisas que Jesus começou a fazer e a ensinar", implicando claramente que o livro que ele está escrevendo agora vai contar o que Jesus continuou a fazer e a ensinar. Paulo confirma isto quando diz aos gálatas que o evangelho que ele pregou a eles não foi segundo o homem, pois ele o recebeu "mediante revelação de Jesus Cristo" (Gl 1.11, 12). Por todas estas passagens conclui-se que o que os apóstolos nos ensinam sobre como entender as profecias do Antigo Testamento é claramente autorizado para nós, já que eles foram ensinados por Cristo através do Espírito Santo que ele enviou.

Os cinco ensinamentos básicos do pré-milenismo dispensacionista que se seguem, como se encontram na exposição de Hoyt, devem ser rejeitados por não estarem em harmonia com a Escritura:

1. *O Antigo Testamento prediz o reino milenial de Cristo.* Esta é obviamente a posição de Hoyt, já que muitas, se não a maioria das passagens que ele cita para descrever este reino milenial são tiradas do Antigo Testamento. Na verdade, porém, o Antigo Testamento nada diz sobre tal reino. As passagens que Hoyt cita ou faz referência como se descrevessem este reino do milênio, na realidade descrevem a nova terra ou o estado final de bem-aventurança.

Assim, por exemplo, na página 83 o autor cita o que Isaías 65.17 diz sobre os novos céus e nova terra como se referisse ao reino do milênio. Mas obviamente esta expressão refere-se ao estado final, não ao milênio, como se evidencia pelo uso das palavras em Apocalipse 21.1. Como, realmente, poderá ser uma *nova* terra quando a maldição terá sido apenas *parcialmente* revogada (p. 83)? Na página 74 diz-se que no reino do milênio a guerra será completamente eliminada, com uma referência a Isaías 2.4. Mas de acordo com o ensino dispensacionista, a guerra não será completamente eliminada no milênio, já que a grande batalha de Gogue e Mogue descrita em Apocalipse 20 deve ocorrer ainda! Apenas na nova terra a profecia de Isaías sobre o fim da guerra será cumprida. Outra característica do reino do milênio é que "Israel será restaurado permanentemente à sua terra" (p. 75); a passagem citada em apoio é Amós 9.14, 15. Mas esta passagem diz que Israel já não será arrancado de sua terra. O que aparece aqui não é apenas um habitar na terra por um período de mil anos, mas por todo o tempo. Estas palavras são uma descrição da nova terra, não apenas do reino do milênio.

2. *Há uma nítida separação entre Israel e a igreja no programa redentivo de Deus, de forma que se diz que Israel terá um futuro bem distinto do da igreja.* Mas o Novo Testamento mostra claramente que o muro de separação entre gentios crentes e judeus crentes foi quebrado (Ef 2.14), que Deus reconciliou judeus e gentios consigo mesmo "em um só cor-

po" (Ef 2.16) e que portanto os gentios crentes pertencem agora à mesma família de Deus à qual pertencem os judeus (Ef 2.19). Semelhantemente, em Romanos 11, onde Paulo descreve a incorporação na comunhão do povo de Deus nos termos de ser enxertado em uma árvore, esta comunhão não ilustrada como duas árvores (uma judaica e uma gentia), mas *uma oliveira* (Rm 11.17-24). E Pedro, em palavras que obviamente ecoam Exodo 19.5, 6, aplica à igreja do Novo Testamento (consistindo tanto de judeus quanto gentios) palavras que foram originalmente ditas a Israel: "Vós sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus" (1 Pe 2.9). Isto indica que a igreja do Novo Testamento é hoje realmente o Israel espiritual, o povo de posseção de Deus. Se a igreja é hoje realmente *a nação santa de Deus*, que lugar sobra para que emergja outra nação santa, distinta da igreja?

3. *As profecias do Antigo Testamento sobre Israel são sempre interpretadas literalmente.* O próprio Novo Testamento, rejeita este princípio. Como exemplo, vejamos como Amós 9.11 é interpretado em Atos 15. Amós 9.11 diz: "Naquele dia levantarei o tabernáculo caído de Davi". Estas palavras poderiam ser interpretadas para dizer que algum dia no futuro haverá uma restauração, em termos de um reino terreno, do reino de Davi que jaz em ruínas. Esta é, de fato, a maneira como Hoyt interpreta a passagem (p. 71, referindo-se a Atos 15.16-18). Mas observemos com mais atenção a passagem em Atos. O cenário é o chamado "Concílio de Jerusalém". Primeiramente Pedro, e depois Paulo e Barnabé contam como Deus trouxe gentios à fé através de seu ministério. Então Tiago levanta-se e diz:

"Expôs Simão como Deus primeiro visitou os gentios, a fim de constituir dentre eles um povo para o seu nome. Conferem com isto as palavras dos profetas, como está escrito: Cumpridas estas coisas, voltarei e reedificarei o tabernáculo caído de Davi; e, levantando-os de sua ruínas, restaurá-lo-ei. Para que os demais homens busquem o Senhor, e todos os gentios sobre os quais tem sido invocado o meu nome, diz o Senhor que faz estas cousas

conhecidas desde séculos". (At 15.14-18).

Tiago está dizendo que a coisa maravilhosa que está acontecendo, a saber, os gentios entrando na comunhão do povo de Deus, é cumprimento das palavras do profeta Amós a respeito da reedificação do tabernáculo caído de Davi. Em outras palavras, o tabernáculo caído de Davi está sendo edificado não materialmente (através de um reino terreno restaurado) mas espiritualmente (com a entrada dos gentios no reino de Deus): As palavras "cumpridas estas coisas" não é uma referência a um evento ainda no futuro, mas simplesmente uma tradução das palavras de Amós, "naquele dia". Aquele dia é hoje! Aqui está um exemplo claro onde o Novo Testamento "espiritualiza" ou interpreta figurativamente uma profecia do Antigo Testamento sobre o tabernáculo ou reino de Davi.

Outros exemplos poderiam ser dados. Martim Wyngaarden mostrou em seu livro *"O Futuro do Reino"* ("The Future of the Kingdom, Baker, 1955), que o Novo Testamento frequentemente dá uma interpretação figurada de conceitos como os seguintes: Sião, Jerusalém, a terra Santa, o reino, a descendência de Abraão, Israel, os sacrifícios e o templo.

4. *Há uma centralidade no futuro para Israel como nação.* Na página 70 Hoyt cita Atos 1.6 como prova que o reino mediatório será restaurado (o que quer dizer uma restauração do Israel nacional). Mas o que temos em Atos 1.6 é uma pergunta: "Senhor, será este o tempo em que restaures o reino a Israel?". Jesus responde aos discípulos: "Não vos compete conhecer tempos ou épocas que o Pai reservou para sua exclusiva autoridade; mas recebereis poder ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas. . ." (At 1.7, 8). Creio que é possível alguém dizer que a resposta de Jesus para a sua pergunta dá lugar à possibilidade de que o reino seria realmente restaurado a Israel no sentido em que os discípulos esperavam que isto acontecesse. Mas também é possível dizer que a resposta de Jesus leva o pensamento dos discípulos numa direção totalmente diferente: Testemunhar a todos os povos ao invés de esperar por um reino israelita restaurado. De qualquer maneira, o simples fato de que os discípulos fizeram esta pergunta não prova que o que eles estão pedindo vai realmente acontecer.

Mas por que Hoyt cita as palavras de Jesus registradas em Mateus 21.43 — “Portanto vos digo que o reino de Deus vos será tirado” (dos príncipes dos sacerdotes, anciões e fariseus, com quem ele está falando, que representam a nação de Israel)” e será entregue a um povo que lhe produza os respectivos frutos”.? Em lugar algum do Novo Testamento lemos que estas palavras tenham sido revogadas. As palavras de Jesus não significam que não há possibilidade de salvação para judeus, mas certamente excluem uma centralidade futura da nação judaica. Mesmo se alguém entender as palavras de Paulo em Romanos 11.26 (“e assim todo o Israel será salvo”) como ensinando uma conversão futura de Israel (e eu não estou convencido disto), elas ainda não dizem nada da nação de Israel como unidade política — ou sobre a Palestina ou sobre Jerusalém. O que Paulo está dizendo nos capítulos 9 a 11 de Romanos é que os israelitas podem ser salvos da mesma maneira que os não-israelitas, a saber, pela fé em Cristo (veja Rm 11.23).

O Novo Testamento não prediz uma restauração futura de Israel como nação, mas considera as promessas feitas a Israel cumpridas na ressurreição de Jesus Cristo e no perdão de pecado que pode ser obtido através de Cristo. Isto é mostrado por Paulo em seu sermão aos judeus reunidos na sinagoga de Antioquia da Psídia:

Nós vos anunciamos o evangelho da promessa feita a nossos pais, como Deus a cumpriu plenamente a nós, seus filhos, ressuscitando a Jesus, como também está escrito no Salmo segundo: “Tu és meu Filho, eu hoje te gerei”. E, que Deus o ressuscitou dentre os mortos para que jamais voltasse à corrupção, desta maneira o disse:” E cumprirei a vosso favor as santas e fiéis promessas feitas a Davi”.) (. . .) Tomai, pois, irmãos, conhecimento de que se vos anuncia remissão de pecados por intermédio deste. (At 13.32-34, 38).

5. *O reino mediatório de Deus é apenas futuro.* Na página 82, após fazer um sumário de vários eventos que precederão a Segunda Vinda de Cristo, Hoyt diz: “É este concurso de eventos que introduzirá o reino mediatório de nosso Se-

nhor e salvador Jesus Cristo". Em outras palavras, o reino mediatório de Cristo não começará antes que ele venha novamente. Na verdade, eu responderia, o reino de Deus conforme descrito na Escritura tem realmente um aspecto futuro. Mas dizer que ele é *apenas futuro* e negar que o reino mediatório começou na época da primeira vinda de Cristo é incorrer numa séria distorção do ensino bíblico.

Vejamos algumas das palavras de Jesus sobre este assunto. De acordo com Mateus 12.28, Jesus disse aos fariseus: "se, porém, eu expulso os demônios pelo Espírito de Deus, certamente é chegado o reino de Deus sobre vós". Em Lucas 17. 20, 21, Jesus é citado dizendo, novamente aos fariseus: "Não vem o reino de Deus com visível aparência. Nem dirão: Ei-lo aqui! ou: Lá está! porque o reino de Deus está dentro em vós (outras versões trazem "entre vós" ou "no meio de vós"). No Sermão do Monte, as beatitudes descrevem o tipo de pessoa que pode-se dizer: "deles é o reino dos céus" (Mt 5.3). Quando os discípulos fazem a Jesus uma pergunta sobre quem é maior no reino dos céus, Jesus chama uma criança para o meio do grupo e diz: "Portanto, aquele que se humilhar como esta criança, esse é o maior no reino dos céus" (Mt 18.4). E quando os discípulos estavam repreendendo aqueles que levavam crianças a Jesus, Jesus disse: "Deixai os pequeninos, não os embarceis de vir a mim, porque dos tais é o reino dos céus" (Mt 19.14). Todas estas passagens mostram que o reino de Deus ou dos céus já estava presente quando Jesus estava na terra.

Que o reino de Deus é uma realidade presente, tanto como futura, também é evidente pelas palavras de Paulo. Em 1 Coríntios 4.19, 20, ouvimo-lo dizer: "mas em breve irei visitar-vos, se o Senhor quiser, e então conhecerei não a palavra, mas o poder dos ensoberbecidos. Porque o reino de Deus consiste, não em palavras, mas em poder". Em Romanos 14.17, Paulo escreve: "Porque o reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo". E em Colossenses 1.13 Paulo resume a condição privilegiada dos crentes dizendo que Deus Pai "nos libertou do império das trevas e nos transportou para o reino do Filho de seu amor".

Tanto Jesus quanto Paulo falaram também do reino em seu aspecto futuro. Mas é óbvio pelas palavras citadas acima que eles ensinaram claramente a presença do reino em sua época. Manter a posição que o reino mediatório é apenas futuro, portanto, é deixar de fazer justiça a ensinos claros do Novo Testamento.

III PÓS-MILENISMO

...trabalho e result
Purificação
especialmente em New York

3

PÓS-MILENISMO LORAINÉ BOETTNER

Barbara Hodge

Pós-milenismo é aquela concepção das últimas coisas que sustenta que o reino de Deus está sendo estendido agora no mundo pela pregação do evangelho e a obra salvadora do Espírito Santo no coração dos indivíduos, que o mundo irá finalmente ser cristianizado e que a volta de Cristo ocorrerá no final de um longo período de retidão e paz comumente chamado de milênio.¹ Deve-se acrescentar que pelos princípios pós-milenistas a Segunda Vinda de Cristo será seguida imediatamente pela ressurreição geral, julgamento geral, e a introdução da plenitude do Céu e do inferno.

O milênio que os pós-milenistas aguardam é, desta forma, uma era áurea de prosperidade espiritual dentro da atual dispensação, isto é, na Era da Igreja. Isto vai ser provocado por forças que já estão em atividade no mundo. Ele vai durar por um período indefinidamente longo de tempo, talvez muito mais que mil anos literais. O caráter transformado dos indivíduos se refletirá numa vida social, econômica, política e cultural melhor para a humanidade. O mundo todo gozará um estado de retidão que até agora só foi visto em grupos relativamente pequenos e isolados: por exemplo: alguns círculos familiares, e alguns grupos de igrejas locais e organizações semelhantes.

Isto não significa que haverá um tempo nesta terra quando cada pessoa será cristã ou o pecado será abolido. Mas signifi-

ca realmente que o mal em suas múltiplas formas será finalmente reduzido a proporções desprezíveis, que os princípios cristãos serão a regra, não a exceção, e que Cristo voltará para um mundo verdadeiramente cristianizado.

O pós-milenismo sustenta ainda que a proclamação universal do evangelho e a conversão final da grande maioria dos homens em todas as nações durante a atual dispensação foi a ordem expressa, o significado e a promessa da grande Comissão dada pelo próprio Cristo quando disse:

Toda a autoridade me foi dada no céu e na Terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo: ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco até à consumação do século.

Cremos que a Grande Comissão inclui não apenas o anúncio formal e externo do evangelho pregado como "testemunho" às nações, como sustentam os pré-milenistas e amilenistas, mas a verdadeira e efetiva evangelização de todas as nações de modo que os corações e vidas das pessoas sejam transformados. Isto parece ser bem claro, pelo fato que toda autoridade no céu e na terra e uma vitória esmagadora e conquista eternas foram dadas a Cristo, e através dele a seus discípulos especificamente para este propósito. Eles foram ordenados não simplesmente a pregar, mas a fazer discípulos de todas as nações. Não foi a alguma experiência duvidosa que eles foram chamados, mas a um triunfo certo. A pregação do evangelho sob a direção do Espírito Santo durante esta dispensação é, portanto, o meio todo — suficiente para atingir este propósito.

Devemos reconhecer que a igreja nos últimos dezenove séculos tem sido extremamente negligente de seu dever e que a necessidade gritante de nosso tempo é que ela leve a sério a tarefa que lhe foi designada. Ao invés de discussões de problemas sociais, econômicos e políticos, resenhas de livros e vulgaridades divertidas vindas do púlpito, a necessidade é de sermões com real conteúdo evangélico, visando mudar vidas e salvar almas. A acusação de negligência aplica-se, é claro, não apenas aos ministros, mas igualmente aos leigos. Cada cristão

individualmente é chamado a dar seu testemunho falado e mostrar sua fé pelo testemunho de sua vida, pela distribuição da palavra impressa ou pelo uso generoso e eficaz de seu tempo e dinheiro para propósitos cristãos. Cristo ordenou a evangelização do mundo. Esta é nossa tarefa, certamente ele não irá e na realidade, nem poderia, voltar e dizer à sua igreja: "Muito bem, servo bom e fiel" até que esta tarefa tenha sido cumprida. O Rev. J. Marcellus Kik disse:

O fato de haver ainda um resquício de paganismo e papismo no mundo é principalmente culpa da igreja. A Palavra de Deus é tão poderosa em nossa geração quanto era durante a história antiga da Igreja. O poder do Evangelho é tão forte neste século quanto era nos dias da Reforma. Estes inimigos poderiam estar completamente eliminados se os cristãos de hoje, de nossa era, fossem tão vigorosos, tão ousados, tão zelosos, de tanta oração e fidelidade quanto eram os cristãos nos primeiros séculos e na época da Reforma.²

Deve ser recordado, entretanto, que apesar dos pós—, a— e pré-milenistas discordarem com respeito à maneira e a época da volta de Cristo, quer dizer, com respeito aos fatos que devem preceder ou seguir-se ao seu retorno, eles concordam que ele voltará pessoalmente, visivelmente em glória. Todos aguardam "a bendita esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus" (Tt 2.13). Todos reconhecem a declaração de Paulo que "o Senhor mesmo, dada a sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descera dos céus" (1 Ts 4.16). A volta de Cristo é ensinada tão clara e repetidamente na Bíblia que não pode haver dúvida neste respeito para os que aceitam a Bíblia como Palavra de Deus. Eles concordam também que à sua vinda ele ressuscitará os mortos, executará julgamento e finalmente instruirá o estado eterno. Nenhum destes pontos de vista tem tendência inerente ao liberalismo. Portanto, os assuntos em que eles concordam são muito mais importantes que aqueles em que eles têm divergências. Isto deveria possibilitar que eles cooperassem entre si como evangélicos e apresentassem uma frente unida contra os liberais e modernis-

tas que mais ou menos consistentemente negam o sobrenatural em todo o campo da verdade bíblica.

Terminologia Inadequada

Uma dificuldade que enfrentamos constantemente nesta discussão é a de uma terminologia inadequada. O uso dos prefixos pré — e pós-ligados à palavra milênio é até certo ponto infeliz e ilusória. Porque a distinção envolve bem mais que simplesmente “antes” ou “depois”. O milênio esperado pelo pré-milenista é algo bem diferente não apenas quanto à época e o modo como será estabelecido, mas primariamente quanto à natureza do reino e a maneira como Cristo exerce seu controle.

O pós-milenista aguarda uma era áurea que não será essencialmente diferente da nossa no que concerne aos fatos básicos da vida. Esta era vai gradualmente unindo-se à do milênio conforme uma proporção crescente dos habitantes do mundo convertem-se ao cristianismo. O casamento e a família continuarão a existir, e os novos membros entrarão na raça humana pelo processo natural de nascimento, como hoje. O pecado não será eliminado, mas será reduzido a um mínimo, conforme o ambiente moral e espiritual da terra torna-se predominantemente cristão. Os problemas sociais, econômicos e educacionais continuarão a existir, mas com seus aspectos desagradáveis grandemente eliminados e seus aspectos desejáveis intensificados. Os princípios cristãos de crença e conduta serão os padrões aceitos. A vida no milênio estará para a vida do mundo de hoje da mesma forma que a vida em uma comunidade cristã para a vida em uma comunidade pagã ou não religiosa. A igreja, muito mais zelosa no testemunho da verdade, e muito mais influente nas vidas das pessoas, continuará a ser então, como agora, a manifestação exterior e visível do reino de Deus na terra. E o milênio se encerrará com a Segunda Vinda de Cristo, a ressurreição e o julgamento final. Em suma, os pós-milenistas apresentam um reino espiritual nos corações dos homens.

Por outro lado, o milênio esperado pelo pré-milenista

envolve o reino pessoal, visível de Cristo, o Rei, em Jerusalém. O reino será estabelecido não pela conversão de almas individuais durante um longo período de tempo, mas de forma repentina e com irresistível poder. Os judeus se converterão não como indivíduos, como aquelas pessoas de outros grupos da população, mas em massa, à simples visão de Cristo. Eles se tornarão os principais líderes no novo reino. A natureza participará das bênçãos do milênio e se tornará abundantemente produtiva. Até mesmo a natureza feroz dos animais selvagens será domada. O mal, entretanto, não deixa de existir, nem diminui, necessariamente, em quantidade, mas é mantido seguro pelo governo com vara de ferro de Cristo. No fim do milênio, ele é liberado numa rebelião terrível que quase derrota os santos e a cidade santa. No milênio, os santos em corpos glorificados misturam-se livremente com homens ainda na carne.

Este elemento, em particular parece apresentar uma inconsistência — um reino híbrido, a nova terra e a humanidade glorificada e sem pecado misturando-se com a velha terra e a humanidade pecaminosa; Cristo e os santos em corpos ressurreitos imortais vivendo em um mundo que ainda contém muito pecado e cenas de morte e corrupção. Trazer Cristo e os santos para viverem novamente no ambiente pecaminoso deste mundo pareceria equivaler a introduzir o pecado no céu. Como observou o amilenista William J. Grier, tal sociedade seria realmente um "mixtum gatherum".

Os amilenistas, é claro, rejeitam tanto a concepção do pré-quanto a do pós-milenismo. Eles normalmente se contentam em dizer que não haverá milênio algum, em qualquer acepção da palavra.

Os termos são, portanto, um pouco imprecisos e enganadores. Por esta razão, alguns teólogos hesitam em rotular-se pré, pós ou amilenistas. Mas não temos termos mais apropriados à disposição. Eles servem pelo menos para distinguir as diferentes escolas de pensamento, e o seu significado é normalmente compreendido.

Mas, apesar das três escolas divergirem quanto ao significado da palavra *milênio*, isto não quer dizer que ela seja sem

sentido ou que as diferenças entre os sistemas são sem importância ou imaginários. Bem ao contrário. Estes sistemas na verdade representam opiniões bem divergentes acerca deste assunto muito importante que, como veremos, têm consequência de bem longo alcance.

Uma terminologia mais ampla e talvez mais precisa foi proposta por alguns — a de Quiliastas e Anti-quiliastas. Os Quiliastas incluíam os pré-milenistas, tanto históricos quanto dispensacionalistas, enquanto que os Anti-quiliastas incluíam tanto os pós quanto os amilenistas, sem ser necessário escolher entre estes.

Além disto, o fato que alguns que se designam amilenistas mantêm que a atual era da Igreja é o milênio e que Cristo virá no fim da Era da Igreja poderia parecer torná-los pós-milenistas. Mas como o dogma principal do pós-milenismo, como é normalmente entendido, é que a vinda de Cristo virá logo após uma era áurea de retidão e paz, os que vêem a Era da Igreja como um todo como o milênio não são normalmente chamados pós-milenistas.

Um Mundo Redimido

O pós-milenismo põe forte ênfase na universalidade da obra redentora de Cristo. Sustenta uma esperança para a salvação de um número incrivelmente grande de pessoas da raça humana. Já que foi o mundo, ou a raça, que caiu em Adão, foi o mundo, ou a raça, o objeto da redenção de Cristo. Isto não significa que cada indivíduo será salvo, mas que a raça, como raça, será salva. Jeová não é mera divindade tribal, mas é descrito como "o grande rei de toda a terra" e "o Senhor de toda a terra" (Sl 47.2, 97.5). A salvação que ele visava não pode ser limitada a um pequeno grupo seletivo, ou uma minoria favorecida. As boas novas da redenção não eram meramente notícias locais para umas poucas vilas na Palestina, mas uma mensagem mundial; e o Testemunho abundante e contínuo da Escritura é que o reino de Deus deve *encher* a terra, "de mar a mar, e desde o Eufrates até às extremidades da Terra" (Zc 9.10).

O escritor do Apocalipse diz:

Vi, e eis grande multidão que ninguém podia enumerar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, em pé diante do trono e diante do Cordeiro, vestidos de vestiduras brancas, e com palmas nas mãos; e clamavam em grande voz, dizendo: Ao nosso Deus que se assenta no Trono, e ao Cordeiro, pertence a salvação. (Ap 7.9, 10).

Deus escolheu redimir milhões incontáveis da raça humana. Que proporção exata foi incluída em seus propósitos de misericórdia, não somos informados; mas tendo em vista os dias de prosperidade no futuro que são prometidos à igreja, pode-se bem inferir que a grande maioria terminará por estar neste número. Supondo que aqueles que morrem na infância são salvos, como a maior parte das igrejas tem ensinado, e a maior parte dos teólogos tem crido, a maior parte da raça humana já está salva.

A idéia que os salvos serão muito mais numerosos que os perdidos é realizada também nos contrastes traçados nas Escrituras. O céu é uniformemente retratado como o mundo vindouro, um grande reino, um país, uma cidade; enquanto por outro lado o inferno é representado uniformemente como um lugar comparativamente pequeno: uma prisão, um lago (de fogo e enxofre), um abismo (que talvez seja profundo, mas é estreito) (ver Lc 20.35; Ap 21.1; Mt 5.3; Hb 11.16; 1 Pe 3.19; Ap 19.20, 21.8-16). Quando os anjos e santos são mencionados na Escritura, diz-se que eles são hostes, miríades, multidão que não se pode enumerar, milhões de milhões e milhares de milhares (Lc 2.13, Is 6.3, Ap 5.11). Mas tal linguagem nunca é usada em relação aos perdidos. Em comparação, seu número sempre parece ser relativamente insignificante. A descrição do grande Trono branco de julgamento encontrada em Apocalipse 20.11-15 termina com a declaração: "E, se alguém não foi achado inscrito no livro da vida, esse foi lançado para dentro do lago do fogo". Esta linguagem indica que no julgamento o normal será que o nome da pessoa esteja inscrito no livro da vida. Tal linguagem implica que aqueles cujos nomes não estão inscritos lá são os casos excepcionais: até — podemos dizer — casos raros.

"O círculo da eleição de Deus", diz o Dr. W.G.T. Shedd no volume 2 de sua *Teologia Dogmática*, "é um grande círculo dos céus, e não uma roda de moinho. O reino de Satanás é insignificante em comparação com o reino de Cristo. Na área imensa do domínio de Deus, o bem é a regra, e o mal a exceção. O pecado é uma sujeirinha na abóboda celeste da eternidade, uma manchinha no sol. O inferno é apenas um cantinho do universo".

A julgar destas considerações parece, se podemos arriscar um palpite, que o número dos salvos pode, eventualmente, estar em proporção semelhante ao número de perdidos à do número de cidadãos livres na comunidade de hoje em relação aos que estão em prisões e penitenciárias. Ou pode-se comparar a companhia dos salvos com o tronco principal da árvore, que cresce e floresce, enquanto que os perdidos não são mais que os raminhos e apenas que são podados e destruídos no fogo. Esta é a expectativa que o pós-milenismo pode oferecer. Quem, mesmo entre os que defendem outro sistema, não gostaria que fosse verdadeira?

Progresso Espiritual no Mundo

A redenção do mundo é um processo prolongado e lento, extendendo-se através dos séculos, mas certamente aproximando-se de um objetivo estabelecido. Vivemos no tempo do avanço vitorioso, apesar dos muitos revéses aparentes. Do ponto de vista humano, freqüentemente parece que as forças do mal estão quase prevalecendo. Períodos de avanço e prosperidade espiritual alternam-se com períodos de declínio e depressão. Mas, na sucessão das eras, está havendo progresso.

Olhando para trás, através dos quase dois mil anos que se passaram desde a vinda de Cristo, podemos ver que houve realmente um progresso maravilhoso. Este progresso será finalmente completado e, antes de Cristo vir novamente, veremos um mundo cristianizado. Isto não significa que todo o pecado será erradicado. Haverá sempre algum joio no meio do trigo até o tempo da colheita - e a colheita, o Senhor nos diz

é o fim do mundo. Mesmo o justo cai, algumas vezes amargamente, em tentação e pecado. Mas significa, verdadeiramente, que os princípios cristãos de vida e conduta tornar-se-ão os padrões aceitos na vida pública e privada.

Que um grande progresso espiritual tem sido feito, devia ser claro para todos. Pense, por exemplo, nas terríveis condições morais e espirituais que havia na terra antes da vinda de Cristo - a maior parte do mundo tateando desamparadamente nas trevas do paganismo, com a escravidão, poligamia, as condições oprimidas das mulheres e crianças, a falta quase completa de liberdade política, a ignorância, pobreza e condições primitivas da medicina, enfrentados por todos, exceto as classes dominantes.

Hoje o mundo como um todo está em um plano muito mais elevado. Os princípios cristãos são os padrões aceitos em muitas nações, apesar de não serem praticados consistentemente. A escravidão e poligamia praticamente desapareceram. A situação das mulheres e crianças melhorou enormemente. As condições sociais e econômicas em quase todas as nações alcançaram um outro nível. Um espírito de cooperação está se manifestando entre as nações muito mais do que jamais ocorreu. Incidentes internacionais que apenas há alguns anos atrás teriam resultado em guerras são agora normalmente resolvidos por arbitragem.

Como evidência de boa vontade internacional, confira o fato que os Estados Unidos em um ano fiscal recente designou mais de 3 bilhões de dólares para o programa de auxílio externo e segurança mútua. Desde o fim da Segunda Guerra Mundial, eles deram a outras nações mais de 160 bilhões de dólares para estes fins. Já que nossa população (a dos E.U.A. - n. do T.) é de aproximadamente 210 milhões, isto significa uma contribuição média de 800 dólares de cada homem, mulher e criança dos Estados Unidos. E isto não inclui as outras somas bem consideráveis que foram dadas por indivíduos, igrejas e outras organizações. Essa enorme quantidade de bens e serviços foi dada livremente por esta nação esclarecida e predominantemente cristã a nações de outras raças e religiões, sem nenhuma expectativa de retorno - uma

efetiva expressão de liberalidade e boa vontade internacional. Esta marca nunca foi nem de longe alcançada por esta ou qualquer outra nação na História do mundo.

O London Times, um dos principais jornais da Inglaterra, após elogiar a sabedoria e generosidade com que os Estados Unidos agiam, disse:

Há outras coisas tão óbvias para nós que as tomamos por reconhecidas por todos. Mas como o silêncio pode ser mal interpretado, vale a pena dizer novamente que nação alguma já teve em suas mãos tamanho poder para o bem ou para o mal, para a liberdade ou a tirania, para amizade entre os povos do mundo, e que nação alguma na História usou tais poderes, de maneira geral, com maior visão, restrição, responsabilidade e coragem.

Hoje há muito mais recursos financeiros consagrados ao serviço da igreja do que jamais houve; e, apesar da deserção para o modernismo que ocorre em alguns lugares, parece estar havendo muito mais atividade evangelística e missionária realmente séria do que jamais houve no passado. Isto é indicado por uma série de desenvolvimento. Cito particularmente os seguintes:

Até a época da Reforma, a Bíblia era um livro apenas para os sacerdotes. Era escrita em latim, e a igreja Romana recusava-se a permitir que ela fosse traduzida para as línguas do povo comum. Mas quando os reformadores entraram em cena, tudo aquilo mudou. A Bíblia logo foi traduzida para todas as línguas vernaculares da Europa, e onde quer que fosse a luz da Reforma, tornava-se o livro do povo comum. Os decretos de papas e concílios eclesiásticos deram lugar à Palavra da vida. Lutero traduziu a Bíblia inteira para o alemão para o povo de sua terra natal, e no período de vinte anos desde sua aparição, uma centena de edições da Bíblia alemã foram confeccionadas. O mesmo ocorreu na França, Holanda, Inglaterra e Escócia. As Sociedades Bíblicas protestantes hoje colocam em circulação mais Bíblias a cada ano do que foram postas em circulação nos quinze séculos que precederam a Reforma.

Hoje a Bíblia é disponível inteira ou em parte nas línguas nativas de 98% das pessoas do mundo. Certamente isto

deve ser considerado um grande progresso, e uma base bem grande e sólida para edificar a estrutura futura do cristianismo. Nenhum dos chamados "best sellers" atingem mais que uma pequena fração do número de Bíblias vendidas.

Além disto, a mensagem cristã está sendo irradiada nas principais línguas do mundo. Vários programas de rádio evangélicos, com cobertura nacional ou mundial, tem sido lançados nos últimos anos — por exemplo, a "Hora Luterana" (Sinodo de Missouri), com 22 milhões de ouvintes semanais estimados, sendo irradiada para o mundo todo em mais de cinquenta línguas, a "Back to God Hour" ("Luz Para o Caminho", Igreja Cristã Reformada) e a "Hora da Decisão" (independente), só para mencionar alguns. Há literalmente centenas de outros programas de rádio evangélicos atingindo áreas mais limitadas, alguns sendo ouvidos diariamente. O evangelho assim é levado a muitos lares, muitos leitos de enfermidade, muitas áreas rurais distantes, ou campos de madeiragem ou mineração, a pessoas nas estradas e navios no mar, onde não seria ouvido de outra forma. Com isto é maravilhoso, comparado com a proclamação tão limitada que predominou por tantos séculos! O resultado geral é que pela primeira vez na História pessoas do mundo inteiro têm a seu alcance a mensagem cristã evangélica.

O número de seminários teológicos, institutos bíblicos e universidades cristãs onde a Bíblia é estudada de forma sistemática cresce mais que a população, e o número de alunos matriculados vem crescendo regularmente. Muitas revistas cristãs de larga circulação têm se estabelecido nos últimos anos. Uma proporção considerável dos novos livros editados trata especialmente do cristianismo ou de algum aspecto da religião.

As estatísticas indicam que ao redor do mundo o cristianismo cresceu mais no último século que nos dezoito anteriores. Tem agora quase tantos adeptos nominais quanto o total combinado de quaisquer outras duas religiões. Estas cifras mostram que há aproximadamente 968.000.000 de cristãos, 276.000.000 de confucionistas (incluindo os taoístas), 513.000.000 de muçulmanos, 516.000.000 de hindus, 224.000.000 de budistas, 63.000.000 de xintoístas e 14.000.000

de judeus. E apesar de que muitos dos que são arrolados como cristãos o são apenas "nominalmente", a proporção de verdadeiros cristãos é provavelmente tão grande ou maior que a dos verdadeiros adeptos de qualquer uma das religiões pagãs. Todas as outras religiões, com a exceção do islamismo, são muito mais antigas que o cristianismo. Todas as religiões falsas estão morrendo. Apenas o cristianismo consegue crescer e florescer na civilização moderna, enquanto todas as outras logo se desintegram quando expostas à sua penetrante luz.

Tenho perfeita segurança em dizer que todas as filosofias e religiões anti-cristãs de nossos dias são demonstravelmente falsas. Suas Histórias mostram como elas falham completamente em elevar os padrões morais, espirituais e intelectuais de seus adeptos. Elas aguardam apenas o golpe de misericórdia de um cristianismo despertado e vigoroso que as renegará ao esquecimento. Ligado a isto, o Dr. Albertus Pieters bem disse:

Na igreja primitiva o ebionismo, gnosticismo, montanismo, arianismo e pelagianismo punham em risco a vida da igreja. Eles são lembrados hoje apenas pelos historiadores da igreja. Depois foi o romanismo e socinianismo. Na vida moderna é o unitarismo, o modernismo, russellismo, Ciência Cristã, espiritualismo, etc. — uma comprida lista de movimentos de origem satânica que chega como uma inundação e por algum tempo faz com que os crentes mais tímidos temam que a igreja seja esmagada e o evangelho perdido para sempre para o mundo — mas isto nunca acontece. As heresias do presente desaparecem como aquelas do passado.³

Apenas nestes último século as missões estrangeiras atingiram a sua devida posição. Do modo como elas tem sido desenvolvidas, com grandes organizações eclesiásticas por detrás delas e abundantes recursos para traduzir e publicar literatura cristã em muitas línguas, elas estão em posição de levar a cabo um trabalho de evangelismo em terras estrangeiras como o mundo nunca viu. É seguro dizer que a geração atualmente vivendo na Índia, China, Japão, Coreia, Indochina e o Oriente Próxi-

mo viu maiores mudanças na religião, sociedade e governo do que haviam ocorrido nos dois mil anos anteriores. Não apenas foi lançado o fundamento na maioria destes países para um avanço evangélico maior, mas sob a influência benigna da igreja incontáveis igrejas locais, escolas e hospitais foram fundados, a cultura ética e os serviços sociais progrediram muito, e os padrões morais estão muito mais elevados do que quando a igreja foi primeiramente estabelecida.

Devemos destacar que alguns escritores pós-milenistas, bem como outros, caíram no erro de presumir um progresso rápido demais. O Dr. Snowden, por exemplo, após mostrar com tanta clareza o erro dos pré-milenistas em estabelecer datas e presumir estar bem próximo o retorno de Cristo, foi adiante comentando o mesmo tipo de erro presumindo que o milênio estava para despontar. Em seu livro "A Vinda do Senhor", ele presumiu que a Primeira Guerra Mundial, que estava então em progresso, teria uma conclusão bem sucedida no futuro próximo, poria um fim no militarismo para sempre e seria seguida de um rápido progresso em direção à era do milênio. Que as lições aprendidas na Primeira Guerra Mundial deveriam ter tido este efeito, nós concordamos prontamente. Mas se o tempo será breve ou prolongado, não temos maneira alguma de saber. Mas isto nós podemos dizer: o pós-milenismo não perde a esperança no poder do evangelho para converter o mundo, como também sustenta que ele não pode ser vencido, que triunfará em seu caminho no decorrer dos séculos e no final o alvo será atingido.

A grande prosperidade material de que a Bíblia fala como acompanhando a era do milênio será em grande parte, o resultado natural da elevada vida moral e espiritual desta época. Estas bênçãos também são de Deus. Em numerosas profecias, bênçãos temporais são expressamente representadas seguindo na trilha das bênçãos da nova aliança. Certamente não deve-se duvidar que quando as outras características da era do milênio forem cumpridas, esta prosperidade material encontrará também seu lugar. A piedade e a vida sóbria realmente trazem a sua própria recompensa. "Buscai em primeiro lugar o reino (de Deus) e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acres-

centadas", disse Jesus (Mt 6.33). "A piedade para tudo é proveitosa, porque tem a promessa da vida que é agora e da que há de ser" (1 Tm 4.8). "O deserto e a terra se alegrarão; o ermo exultará e florescerá como o narciso" (Is 35.1).

A administração correta da terra pelo homem, tarefa conferida a ele antes da queda, irá muito além de restaurar uma vida vegetal e animal proveitosa. Corrija a condição pecaminosa no homem, e uma transformação maravilhosa ocorrerá na natureza. Luther Burbank e outros muito fizeram para restaurar muitas variedades de plantas e frutos à sua condição original, que em seu estado inculto e negligenciado haviam degenerado até ficarem praticamente inúteis.

Aconteceu uma revolução nos transportes, comunicações aparelhos domésticos e outras áreas durante o tempo de nossa vida. Nossos meios de viagem e transporte mudaram mais nos últimos 150 anos que nos 2.000 anteriores. George Washington, usando a carruagem puxada a cavalo (o melhor meio de transporte disponível em seus dias) viajou quase da mesma maneira que os antigos persas e egípcios. Automóveis, rodovias asfaltadas, energia elétrica, viagens aéreas, rádio, televisão e assim por diante são todos comparativamente novos. E agora as novas ciências da energia atômica e solar, e todo o novo campo da eletrônica, do qual apenas arranhamos a superfície, prometem muito para o futuro. Um proeminente industrial disse recentemente: "Os Estados Unidos estão para entrar em uma nova era áurea de prosperidade que dependerá da utilização do átomo e do advento da era da eletrônica". Uma nova descoberta segue-se a outra, e vemos mais e mais claramente os tremendos potenciais disponíveis para o bem, potenciais estes que através de todos estes séculos permaneceram praticamente sem ser utilizados.

O conhecimento se tornou bem difundido. Escolas, mesmo para estudos avançados, foram postas à disposição de todas as classes de pessoas. Livros, revistas, jornais, bibliotecas, laboratórios científicos e assim por diante, tornaram disponíveis grandes somas de conhecimentos que apenas duas ou três gerações atrás eram confinados quase exclusivamente a grupos limitados, privilegiados.

Na administração da justiça fez-se grande progresso, conforme os princípios cristãos ganharam aceitação mais ampla. A justiça inglesa e americana hoje é mundialmente afamada pela meticulosa consideração que faz dos direitos dos acusados e dos prisioneiros.

Porém, não importa o quão maravilhosa esta prosperidade material possa tornar-se, será sempre apenas o subproduto da prosperidade moral e espiritual que até certo ponto já caracteriza as nações parcialmente cristianizadas. É abundantemente claro que estas bençãos não aparecem sob as religiões pagãs. Muitas nações que são vítimas dessas religiões têm jazido na sua pobreza e ignorância, e degradação moral; por centenas ou mesmo milhares de anos, sem praticamente experimentar progressos algum. O progresso que já houve, originado principalmente nas nações protestantes da Europa Ocidental e nos Estados Unidos, foi alcançado em conexão apenas com um progresso limitado em direção ao milênio. Que maravilhosos devem vir pela frente, quando as nações do mundo todo forem cristãs, quando o milênio tornar-se uma realidade!

É claro que não se deve pensar na era áurea de retidão como se fosse começar repentinamente ou em alguma data particular. Ela não pode ser marcada no calendário com precisão, pois vem como resultado de um processo prolongado e lento. "Não vem o reino de Deus com visível aparência" (Lc 17.20). É "primeiro a erva, depois a espiga, e, por fim, o grão cheio na espiga" (Mc 4.28). Ou novamente, é preceito sobre preceito, preceito e mais preceito; regra sobre regra, regra e mais regra: um pouco aqui, um pouco ali" (Is 28.10).

A vinda do milênio é como a chegada do verão, só que muito mais lentamente e em escala muito maior. Na confrontação entre as estações há muitos avanços e muitos aparentes retrocessos. Vez após vez os primeiros sinais da primavera aparecem, apenas para serem vencidos pelos ventos do inverno. Muitas vezes parece que o confronto foi perdido, e que o frio do inverno nunca será vencido. Porém aos poucos as brisas calmas da primavera vão dominando, e depois de algum tempo achamo-nos na gloriosa estação do verão.

Tentar marcar a data do início do milênio é como tentar distinguir o dia ou ano quando a História medieval terminou e começou a História moderna. O descobrimento da América por Colombo costuma tornar-se como o marco divisório entre as duas. Pelo menos para os americanos, foi ali que terminou o medievalismo e começou a História da América. Mas esta descoberta não provocou mudança imediata alguma na vida do mundo, e na verdade o próprio Colombo morreu sem saber que havia descoberto um novo mundo. Retrospectivamente, e por conveniência, escolhemos arbitrariamente uma data como ponto divisório entre duas eras. Mas na realidade uma era vai se transformando em outra tão lenta e imperceptivelmente que mudança alguma se percebe na época. Somente da perspectiva da História podemos olhar para trás e estabelecer uma data aproximada, talvez dentro de um ou dois séculos, quando uma era terminou e começou outra. Assim é com a chegada do milênio. Não há dúvida que ela seguirá a mesma lei de todos os outros grandes períodos da História da igreja, sendo gradual e incerta sua vinda.

Princípios de Interpretação

É certo que cada um dos pontos de vista sobre o milênio foi e é sustentado por homens cuja sinceridade e lealdade à fé evangélica está fora de dúvida. O fato que cristão de fé através das eras, usando a mesma Bíblia e reconhecendo sua autoridade, chegaram a conclusões bem diferentes, parece ser devido principalmente a diferentes métodos de interpretação. Os pré-milenistas colocam forte ênfase na interpretação literal e orgulham-se de interpretar a Escritura exatamente como está escrito. Pós e amilenistas, por outro lado, tendo em mente que muita coisa tanto do Antigo quanto do Novo Testamento é indubitavelmente dada em linguagem figurada ou simbólica, não fazem objeção, em princípio, a interpretar figurativamente e aceitam prontamente que, se a evidência mostrar, assim é preferível. Isto faz com que os

pré-milenistas acusem os pós e amilenistas de racionalizar ou rejeitar partes da Bíblia que não desejam cumprir. Um escritor pré-milenista diz:

Os pré-milenistas (. . .) insistem que uma única regra geral de interpretação deve ser aplicada a todas as áreas da teologia e que a profecia não exige espiritualização, mais que os outros aspectos da verdade. (. . .) História é História, e não alegoria. Fatos são fatos. Os eventos futuros profetizados são exatamente como são profetizados.⁴

Este princípio geral de interpretação tem sido expresso como "literal sempre que possível" (H. Bonar) e "literal a não ser que seja absurdo" (Govett). Não é necessário ler muito da Bíblia para descobrir que nem tudo pode ser tomado literalmente. Jesse F. Silvers faz referência a "certos lugares" onde algum "outro significado" é indicado. Mas ele não dá regra alguma para se reconhecer estes certos lugares. Na própria Escritura não encontramos rótulos dizendo "interprete isto literalmente" ou "interprete aquilo de maneira figurada". Evidentemente o leitor mesmo deve usar a sua própria capacidade de julgar, apoiado em toda a experiência e bom senso que tiver. E isto, é claro, variará infinitamente de pessoa a pessoa.

Como exemplo do que ele quer dizer com interpretação literal, Silver diz: "Cada profecia que indicava o primeiro advento de Cristo foi cumprida literalmente ao pé da letra em cada detalhe". A mesma declaração foi substancialmente feita por vários outros pré-milenistas. Mas, simplesmente não é assim. A primeira profecia messiânica nas Escrituras encontra-se em Genesis 3.15, onde, pronunciando a maldição sobre a serpente, Deus disse: "Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar". Esta profecia certamente não se cumpriu de forma literal, por um homem esmagando a cabeça de uma serpente ou uma serpente mordendo o calcanhar de um homem. Ao invés, foi cumprida de uma maneira altamente figurativa quando Cristo ganhou vitória completa e triunfou sobre o diabo e suas forças do mal na cruz. A última profecia no Antigo Testamento encontra-se em Maláquias

4.5, e está registrada assim: "Eis que eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor". Esta profecia, semelhante, não cumprida de forma literal. O próprio Cristo disse que ela cumpriu-se na pessoa de João Batista (Mt 11.14), que veio no espírito e poder de Elias.

Novamente, temos esta profecia de Isaías:

Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor; endireitai no ermo vereda a nosso Deus. Todo vale será aterrado, e nivelados todos os montes e outeiros; o que é tortuoso será retificado, e os lugares escabrosos, aplanados. A glória do Senhor se manifestará, e toda a carne a verá, pois a boca do Senhor o disse. (Is 40.3-5).

Isto certamente não se cumpriu através de um programa de construção de estradas na Palestina, mas sim na obra de João Batista, que preparou o caminho para o ministério público de Jesus. O próprio João disse: "Porque este é o fêbreido por intermédio do profeta Isaías: (. . .)" e passou a citar estes versos (Mt 3.1-3; ver Tb Lc 3.3-6).

As palavras de Isaías 9.1, 2 acerca do povo de Zebulon e Naftali ("O povo que andava em trevas viu grande luz, e aos que viviam na região da sombra da morte resplandeceu-lhe a luz") cumprem-se figurativamente no ministério de Jesus, pois Mateus diz:

Ouvindo, porém, Jesus que João fora preso, retirou-se para a Galiléia; e, deixando Nazaré, foi morar em Cafarnaum, situada à beira-mar, nos confins de Zebulon e Naftali; para que se cumprisse o que fora dito por intermédio do profeta Isaías: Terra de Zebulon, terra de Naftali, caminho do mar, além do Jordão, Galiléia dos gentios! O povo que jazia em trevas viu grande luz, e aos que viviam na região da sombra da morte resplandeceu-lhes a luz. (Mt 4.12-16).

Nestas palavras, Isaías estava claramente falando das trevas espirituais que há onde quer que o pecado domine, e da luz espiritual que seria levada àquelas terras quando o Messias viesse.

Muitas outras profecias do Antigo Testamento em lin-

guagem figurada poderiam ser citadas, mas estas certamente são suficientes para mostrar que simplesmente não é verdade que "cada profecia que indicava o primeiro advento de Cristo foi cumprida literalmente ao pé da letra em cada detalhe".

Que uma grande parte da Bíblia é dada em linguagem figurada ou simbólica, que nem por um esforço da imaginação pode ser interpretada literalmente, devia ser algo evidente a todos. Espiritualizamos estas declarações porque consideramos que esta é a única maneira de atingir o seu verdadeiro significado. Apenas para citar alguns exemplos, no meio de um relato histórico bem prosaico do livramento dos filhos de Israel do Egito, o poder providencial e protetor de Deus é declarado nestes termos: "Tendes visto o que fiz aos egípcios, como vos levei sobre asas de águias, e vos cheguei a mim" (Ex 19.4). A Palestina é descrita como "terra que mana leite e mel" (Ex 3.8) Leia o Salmo 23 ou o 91 e observe o uso quase constante de linguagem figurada.

Espiritualizar certas profecias ou outras declarações não significa racionalizá-las para não precisarmos segui-las. As vezes o seu verdadeiro significado encontra-se apenas no mundo espiritual invisível. Os pré-milenistas frequentemente materializam e literalizam as profecias a tal ponto que as mantêm em um nível terreno, perdendo seu significado verdadeiro e mais profundo. Isto é exatamente o que os judeus fizeram em sua interpretação das profecias messiânicas. Eles aguardavam o cumprimento literal, com um reino terreno e um dominador político. O resultado é que eles perderam completamente o elemento redentivo. Quando o Messias veio, eles não o reconheceram, mas o rejeitaram e crucificaram. As terríveis conseqüências desta interpretação literalista no que diz respeito à primeira vinda devia alertar-nos contra cometer o mesmo erro quanto à Segunda Vinda.

É reconhecidamente difícil em muitos casos determinar se certas afirmações nas Escrituras devem ser interpretadas literalmente ou figurativamente. No que tange à profecia, isto freqüentemente não pode ser determinado até que ela se cumpra. A maior parte da Bíblia, entretanto, particularmen-

te as porções históricas e as de cunho mais didático, deve claramente ser interpretada de forma literal, embora algumas expressões figuradas encontrem-se ali. Mas é claramente evidente que muitas outras partes devem ser interpretadas figurativamente. Até mesmo os pré-milenistas precisam interpretar muitas expressões figurativamente, ou caem no absurdo. Já que a Bíblia não dá nenhuma regra fácil e rápida para determinar o que é literal e o que é figurado, precisamos estudar a natureza do material, o contexto histórico, o estilo e propósito do autor, e então cair no que, por falta de um termo melhor, podemos chamar de "bom senso santificado". Naturalmente, as conclusões vão variar um tanto de pessoa a pessoa, pois não pensamos todos da mesma forma, nem enxergamos da mesma forma.

Nem deveria ser preciso dizer que o verdadeiro pós-milenismo é sobrenaturalista de ponta a ponta. Os pré e amilenistas às vezes representam este sistema como se ele ensinasse a conversão do mundo através de um processo meramente humanístico e evolucionário. O modernismo de hoje realmente apresenta um programa de melhoria do mundo por meios naturais, e não sobrenaturais, e seus adversários às vezes classificam isto de pós-milenismo. Mas nem por um esforço da imaginação este sistema tem algum direito de ser chamado pós-milenismo. Este não é o sentido em que o termo tem sido historicamente usado. Porém, comentários deste tipo já fizeram surgir muitas críticas injustas. Teólogos pós-milenistas típicos como Agostinho, Brown, Hodge, Dabney e Warfield, foram sobrenaturalistas consistentemente, e cre-
ram numa Bíblia plenamente inspirada e com plena autori-
dade, e na obra regenerativa do Espírito Santo como a única
maneira pela qual uma pessoa pode ser levada à salvação.

Por outro lado, a característica distintiva do modernismo de hoje é a sua negação mais ou menos consistente do sobrenatural, isto é, negação da inspiração plenária das Escrituras, da Trindade, da divindade de Cristo, a expiação pelo sangue, os milagres, o juízo final, o Céu e inferno. Está preocupado primariamente com esta vida, e propõe-se a reformar o mundo pela educação, progresso social e econômico, melho-

res programas de saúde, melhores relações entre capital e trabalho, e assim por diante. Estas coisas em si são boas, e deveriam ser encorajadas. Mas são apenas os sub-produtos do cristianismo verdadeiro.

O fato que diferentes pontos de vista acerca da Segunda Vinda de Cristo e o milênio foram e são sustentados não deveria desencorajar ninguém de procurar zelosamente a verdade. Esta situação no campo da Teologia não diferente daquela no da medicina, onde médicos importantes tem diferentes opiniões sobre como certas doenças devem ser tratadas, ou como se deve cuidar do corpo humano. Temos, por exemplo, médicos, quiropráticos, osteopatas, especialistas em nutrição, entusiastas da educação física, e assim por diante. Mas isto não impede que acreditemos na saúde ou busquemos os melhores métodos para preservá-la. E nem nos guarda de sofreremos as conseqüências se escolhermos mal.

A situação na política e governo não é diferente. Temos diversos partidos políticos: Republicano, Democrata, Socialista, Trabalhista, Comunista e outros, cada qual defendendo diferentes princípios pelos quais a nação deveria ser governada. Ouvimos opiniões muito conflitantes, especialmente em época de eleições. Há várias teorias sobre educação e governo da igreja. Em cada uma destas esferas é nossa obrigação procurar diligentemente pela verdade e, tanto quanto possível, discernir verdade e erro. Nossas crenças acerca da maneira e a época da Segunda Vinda de Cristo não mudarão nem mesmo um pequeno detalhe do evento, mas aquilo que cremos acerca destes assuntos afetará bastante nossas vidas e conduta enquanto esperamos pelo evento.

É lamentável que estas diferenças de opinião, mesmo entre aqueles que aceitam a Bíblia como Palavra de Deus inspirada e revestida de autoridade, não podem sempre ser tratados com exegese despreconceituosa e discussão amigável, ao invés de se tornarem a base para brigas ou testes de ortodoxia. Como regra geral, os pré-milenistas, baseando suas opiniões numa interpretação mais literal das Escrituras, tendem a sentir que os que não aceitam o seu sistema estão dando menos valor às Escrituras e não são cristãos coerentes. Pode-se

notar facilmente, lendo literatura pré-milenista, a idéia de que só eles acreditam plenamente na volta do Senhor. Isto chegou a atingir um estado tal em alguns círculos dispensacionalistas que se alguém questiona o reinado pessoal de Cristo num reino terreno, encontra perguntas como: "Então você não crê que Cristo vai voltar?" Um exame dos catálogos de institutos bíblicos revela que a maioria deles restringe a participação em seu corpo docente a pessoas que defendem o pré-milenismo. Alguns relutam em diplomar algum aluno, ou pelo menos deixá-lo passar de ano, se ele não aceita esta posição. A literatura de conferências proféticas apresenta um futurismo parcialista e encoraja a inferência que as opiniões contrárias são anti-cristãs. Alguns tomam o pré-milenismo como "Hobby", encontrando-o com engenhosidade extraordinária em quase toda profecia, visão e promessa, do Gênesis ao Apocalipse, e dando-lhe uma proeminência indevida na sua pregação. Gray conta o número de referências no Novo Testamento à vinda de Cristo em três mil, pelo menos, e Morgan diz que um em cada vinte e cinco versos no Novo Testamento fala sobre ela.

As diferenças entre pós-, a- e pré-milenistas, que deveriam ser tratadas como coisas de comparativamente pouca importância, na realidade dividem as igrejas e tornam-se um sério obstáculo à comunhão cristã. Não há dúvida de que as extravagâncias de dispensacionalistas extremados (não apenas em seitas como as Testemunhas de Jeová, o Alvorecer do Milênio e alguns grupos pentecostais e "Holiness", mas também nas igrejas evangélicas convencionais) dividiram os cristãos em grupos antagônicos e fizeram muito mal à causa cristã.

Na discussão destes problemas, pois, deve-se ter em mente dois fatos importantes: (1) os evangélicos pós-, a- e pré-milenistas concordam que a Bíblia é a Palavra de Deus, plenamente inspirada e revestida de autoridade. Eles não discordam da natureza da autoridade das Escrituras, mas daquilo que entendem como o ensino das Escrituras. E (2) os três sistemas concordam que houve um Primeiro Advento e haverá um Segundo Advento, pessoal, visível, glorioso e tão real quanto foi a Ascensão, do Monte das Oliveiras.

Deve-se acrescentar que a igreja tem debatido e alcança-

do conclusões, e incorporou essas conclusões em seus credos e nas outras grandes doutrinas da fé. Mas o assunto da escatologia permanece em discussão. Sobre a maneira da volta de Cristo e o tipo de reino que ele está estabelecendo ou vai estabelecer neste mundo não se chegou a um acordo. Por esta razão, a igreja em praticamente todos os seus ramos recusou-se a tornar qualquer uma das interpretações do milênio um artigo do credo, preferindo aceitar como irmãos cristãos todos os que creem no fato da vinda de Cristo. Portanto, embora pessoalmente possamos ter opiniões bem definidas acerca da maneira e da época de sua vinda, parece que nosso lema deveria ser: "Nas coisas essenciais — unidade; nas coisas secundárias — liberdade; em todas as coisas — caridade."

**UMA RESPOSTA
PRÉ-MILENISTA
HISTÓRICA
GEORGE ELDON LADD**

Há tão pouco recurso à Escritura que tenho pouco a criticar. O argumento que o mundo está melhorando é uma espada de dois gumes. Pode-se igualmente argumentar, a partir da observação empírica, que o mundo está piorando. Na época do Novo Testamento, a civilização gozava da Pax Romana — dois séculos durante os quais o mundo mediterrâneo esteve em paz. Isto nunca se repetiu. Nossa geração viu duas guerras mundiais e uma série infindável de guerras menores — na Coreia, Vietnam, no Oriente Próximo, Irlanda, Líbano. Testemunhamos a ascensão do nazismo, com sua matança de seis milhões de judeus, a ascensão e queda do fascismo, a ascensão e estabilização dos governos comunistas. O mundo hoje é literalmente um campo armado.

Boettner comete o erro de definir pré-milenismo em termos de dispensacionalismo. Como mostra o meu capítulo, eu não sigo a hermenêutica literalista atribuída aos “pré-milenistas” por Boettner.

**UMA RESPOSTA
PRÉ-MILENISTA
DISPENSACIONALISTA
HERMAN A. HOYT**

Sem querer diminuir o homem que apresenta o ponto de vista pós-milenista, tenho de confessar que esta apresentação deixa-me numa espécie de suspensão intelectual. Por um lado não consigo ver qualquer relação para poder comparar a doutrina com o mundo real ao meu redor, e por outro lado, não consigo relacioná-la às declarações substanciais da Escritura.

Que existe um sentido em que o reino de Deus está sendo hoje estendido nos corações dos homens pela pregação do Evangelho, eu não questionaria. Estou firmemente convencido que Deus hoje está escolhendo uma aristocracia espiritual para um reino futuro. E se é isto que Boettner diz em sua introdução, eu o compreendo. Mas isto significar que o mundo inteiro será cristianizado no final parece contrário aos fatos da Escritura e da experiência. Certamente isto não significa que a igreja está introduzindo o milênio, e que o milênio assim introduzido será o mundo para o qual Cristo voltará. Até onde posso ver, nenhuma ressurreição geral ou julgamento geral virá logo em sequência da volta de Cristo.

Boettner apressa-se em definir pós-milenismo como a expectativa de uma era áurea de prosperidade espiritual dentro da atual dispensação da igreja, uma prosperidade provocada por forças que já estão em atividade no mundo. Este período é muito maior que mil anos, ele diz, indicando que não é con-

siderado essencial a esta doutrina qualquer apêgo às palavras literais da Escritura. Mas apesar de realçar o fato que a era áurea pertence ao período de prosperidade espiritual, ele insiste também que isso reflete-se em "uma vida social, econômica, política e cultural melhor para a humanidade" (p. 107). Quando essa mudança se realizar, o mundo todo gozará um estado de retidão que hoje existe em grupos bem pequenos e áreas isoladas.

Isto deve significar que este reino milenial é ainda futuro. Talvez seja bom perguntar quando ou em que estágio poderemos ter certeza que este reino realmente chegou. Boettner insiste que isto não significa que haverá um tempo quando todos serão cristãos, ou todo o pecado terá sido abolido. Mas ele realmente crê que o mal em suas múltiplas formas será finalmente reduzido, as proporções desprezíveis, e que os princípios cristãos serão a regra, não a exceção. Será então que Cristo voltará. Mas isto encaixa-se com as Escrituras? Ou vemos hoje alguma evidência?

Ele está certo, sem dúvida em que a Grande Comissão teve por objetivo incitar a proclamação universal do Evangelho (Mt 28.18-20). Isto incluía evangelização efetiva, no sentido de fazer discípulos de todas as nações. Mas ele admite, realmente, que a igreja tem sido extremamente negligente nos últimos dezanove séculos. O Evangelho não tem culpa, mas há certamente um fracasso impressionante da parte da igreja em desencumbir-se de sua responsabilidade. Há alguma razão para se crer que a situação está mudando para melhor? Ou será possível que a situação espiritual está em declínio? Mesmo assim, Boettner, como os que sustentam pontos de vista diferentes, espera "a bendita esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus" (Tt 2.13).

A terminologia inadequada realmente constitui uma dificuldade para apresentar-se os diversos pontos de vista. O milênio que o pós-milenista aguarda é bem diferente do que é esperado pelo pré-milenista. Esta diferença envolve não apenas a época e o modo como virá, mas também a natureza e o controle. Do modo que é vista pelo pós-milenista, a era áurea não será essencialmente diferente da era em que vivemos hoje,

não ser em grau. A medida que números crescentes de pessoas se convertem ao cristianismo, haverá uma fusão gradual da era presente no estado de milênio. Esta é a consumação progressiva do reino nos corações dos homens. Obviamente, isto contrasta vivamente com o milênio previsto pelo pré-milenista e parece ignorar as declarações claras da Escritura acerca da pecaminosidade crescente do mundo e a necessidade de ação divina para estabelecer o reino (Mt 13.24-30, 36-43).

Boettner está certo em apegar-se à convicção que pela provisão da redenção a maior parte da humanidade será salva. Ele pensa que a posição mantida pelos pré-milenistas, pelo menos alguns deles, é que a maior parte se perderá. Mas isso só é verdade no que concerne à era presente. No período da tribulação e do milênio, o maior período de evangelização na História do mundo vai acontecer durante a tribulação sob as condições mais adversas, e durante o milênio sob as mais favoráveis. Porque ele não sustenta uma posição pré-milenista, ele usou versos que o pré-milenista sente que pertencem à Tribulação e o milênio para apoiar sua posição (Zc 9.10; Ap 7.9-10).

Há um sentido em que o mundo está melhorando, como afirma Boettner. Mas há também um sentido em que os tempos estão piorando. Estas tendências devem ser avaliadas cuidadosamente à luz da Escritura. Todo progresso, inclusive o progresso moral e espiritual, deveria ser razão de esperança de um milênio vindouro aqui na terra introduzido pelo Senhor Jesus Cristo. Mas o declínio espiritual é motivo de alerta para um fim desta época que se aproxima, com julgamento por Cristo. Este declínio está vindo apesar da influência espiritual da igreja, e sugere que a verdadeira esperança deveria ser investida na aparição pessoal do Senhor Jesus Cristo. Isto não significa ignorar a boa vontade internacional, a Tradução e disseminação das Escrituras, os movimentos missionários mundiais, a crescente população cristã e muitos outros fatores que contribuem para uma sociedade melhor. Mas enquanto avalia estes valores, não se deve fechar os olhos para as tendências que indicam a desintegração e desmoralização da sociedade na preparação para o fim desta era.

Boettner conclui o seu tratado com uma discussão de princípios de interpretação. Como acontece também com outros autores, ele prontamente admite que os assuntos em discussão centralizam-se neste ponto. Como se esperava, ele precisa defender a espiritualização para apoiar sua posição. E, para fazer isto, ele precisa negar o literalismo na interpretação da Escritura. Após citar uma passagem de Silver afirmando que as profecias sobre a primeira vinda de Jesus cumpriram-se literalmente, ele procura destruir a declaração de Silver examinando a primeira profecia sobre a vinda de Cristo — Gn 3.15: “(Ele) Te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar”. Ele insiste que esta profecia não foi cumprida literalmente no sentido de um homem esmagando a cabeça de uma serpente ou uma serpente mordendo o calcanhar de um homem. E ele está certo, se é isto que se entende por literalismo. Mas não é. Quando uma passagem usa uma figura de linguagem, a interpretação literal é descobrir o significado da figura na Escritura e tomá-lo em seu sentido verdadeiro. Neste caso, a serpente é claramente definida como o diabo. E a mordida no calcanhar é a debilitação temporária de Cristo no cumprimento de seu ministério. O mesmo princípio deve ser aplicado a outras passagens que empregam figuras de linguagem.

Quando citou uma profecia de Malaquias 4.5 e a referência a ela no Novo Testamento, Boettner errou ignorando parte do texto em Mateus (11.4) Cristo disse que João Batista teria cumprido o papel de Elias se eles o quisessem receber. Mas eles não o receberam, o que deve significar que Elias ainda está para vir. A razão porque Cristo pôde referir-se a João Batista assim foi que João Batista veio no espírito e poder de Elias (Lc 1.17). Portanto, parece óbvio que havia um princípio em relação a Elias que era verdadeiro também para João Batista, e a referência feita por Cristo foi através de aplicação e não de interpretação. Portanto, o esforço de refutar o princípio de interpretação literal fracassa quando se usa este texto, pois não é de interpretação que se trata.

Nenhum dispensacionalista duvida do fato que muitas figuras de linguagem são usadas nas Escrituras. Ele insiste, realmente, que o literal é interpretar essas figuras conforme

o contexto próximo ou mais remoto da Bíblia o requer. Mas também é verdade que há muitas passagens do Antigo Testamento que são aplicadas pelo Novo Testamento porque há algum princípio em comum com o assunto sendo tratado. Isto não é interpretação, e portanto deve-se tomar cuidado para não serem feitas inferências falsas.

Eu tenho em minha biblioteca muitos volumes da pena do Dr. Boettner, e os estimo de grande valia. Eu creio que este homem é um filho de Deus e tem uma esperança verdadeira pela vinda de Cristo. Isto não significa que ele esteja necessariamente certo no sistema de pós-milenismo que defende. Poderia significar que ele está errado, e excluiu-se da visão de panoramas de bênçãos por deixar de seguir um sistema correto de interpretação. Por causa da escatologia ter implicações que afetam outras áreas da teologia, os vários pontos de vista nesta área não podem ser tratados como assuntos triviais. Isto não quer dizer que não se pode oferecer alguma compaixão aos que advogam pontos de vista contrários. Apesar de dar profunda importância às implicações da escatologia, eu ainda estimo muito este irmão.

UMA RESPOSTA AMILENISTA

ANTHONY A. HOEKEMA

Há muita coisa no capítulo de Boettner com que eu concordo. Entre os pontos de acordo estão os seguintes: Em primeiro lugar, que o reino de Deus está sendo estendido agora no mundo pela pregação do Evangelho e a obra salvadora do Espírito Santo nos corações dos homens (p. 107). Em segundo lugar, que Cristo voltará pessoalmente, visivelmente e em grande glória. À sua vinda ele ressuscitará os mortos, executará julgamento e introduzirá o estado eterno (p. 109). Em terceiro lugar, nem toda a profecia bíblica deve ser interpretada literalmente, mas deve-se dar lugar tanto para a interpretação literal quanto para a figurativa (pp. 122 a 126). E, finalmente, que o milênio é um período indefinidamente longo de tempo, talvez muito maior que mil anos literais (p. 107).

Discordo deste autor, porém, na questão de como devemos conceber o milênio. Na página 107, Boettner nos diz: "O milênio que os pós-milenistas aguardam é, desta forma, uma era áurea de prosperidade espiritual dentro da atual dispensação, isto é, na Era da Igreja. Isto vai ser provocado por forças que já estão em atividade no mundo". Ele prossegue dizendo que esta era áurea será introduzida gradualmente, conforme o Evangelho é pregado de forma cada vez mais ampla e uma proporção crescente dos habitantes do mundo se convertem ao cristianismo. O pecado não será então eliminado, mas reduzido a um mínimo, e princípios cristãos de fé e conduta

se tornarão os padrões aceitos. O milênio será encerrado pela Segunda Vinda de Cristo, a ressurreição e o julgamento final (p.110).

O que faz com que a exposição de Boettner seja difícil de se replicar é que em lugar algum ele nos dá a sua interpretação de Apocalipse 20.1-6 — a única passagem bíblica que fala de um milênio. Era de se esperar, certamente, que um estudioso evangélico que adote o ponto de vista pós-milenista e aceite a Bíblia como inspirada e normativa nos desse um estudo exegético desta passagem, para mostrar que seu ponto de vista sobre o milênio procede diretamente deste estudo. Mas procura-se em vão por este estudo.

Na falta disto, tudo o que podemos fazer é pressupor que Boettner crê que a era áurea do milênio que ele espera é ensinada em Apocalipse 20.1-6. Se esta suposição estiver correta, eu contra-argumentaria que Apocalipse 20.4-6 não se refere a um governo, com Cristo, de crentes que ainda estão na terra e que não morreram, mas a um governo, com Cristo, das almas de crentes que já morreram. A própria expressão "os restantes dos mortos" no verso 5 indica que esta visão não se refere a crentes ainda vivos, mas a crentes que já morreram. Se, no entanto, Boettner concordasse que Apocalipse 20.4-6 não descreve um reinado milenial na terra, mas um reinado das almas dos crentes falecidos no estado intermediário (como ele realmente diz em seu livro "*The Millennium*" — "O Milênio" — p. 66), então, com que base bíblica ele fundamenta sua esperança de uma era áurea futura de um milênio na terra?

Na realidade, Boettner dá apenas dois argumentos principais em favor de sua posição. O primeiro destes argumentos, desenvolvido nas páginas 112 a 114, é que o número dos salvos excederá em muito o número dos perdidos. Não se pode ficar bem convencido disto pelas passagens citadas pelo autor. Mas mesmo se alguém quisesse concordar que o número dos salvos excederá grandemente o dos perdidos, como isto provaria que haverá uma era dourada de um milênio na terra?

O segundo argumento de Boettner é que o mundo está melhorando (pp. 114 a 122). Muitos leitores estarão inclinados

a discordar do autor neste ponto. Para começar, seu esboço das condições mundiais está seriamente desatualizado. Pouco ou nada se diz, por exemplo, sobre a guerra no Vietnã, a tensão do Oriente Médio, a crise ecológica, a escassez global de alimentos ou a crise energética. Com certeza, a imagem do mundo hoje é bem diferente do que era em 1957! Além disso, o autor parece escolher apenas os aspectos favoráveis das condições mundiais, ignorando os aspectos desfavoráveis. Ele menciona, por exemplo, quanto progresso tem sido feito nas áreas de transporte e comunicação. Mas as invenções modernas são certamente usadas tanto para bons quanto para maus propósitos! Não é bem mais realista dizer que conforme o reino de Deus progride neste mundo há um progresso correspondente do reino do mal?

Mas novamente, mesmo se alguém concordasse com Boettner que o mundo está realmente melhorando, como isto provaria que o mundo está se dirigindo para uma era dourada de um milênio? Não é concebível que possa haver uma virada abrupta nos destinos da humanidade? Que certeza temos nós que a era em que vivemos não será seguida de uma nova Idade das Trevas?

Com relação a isto, é desconcertante não achar referência na exposição de Boettner à apostasia (ou “queda”), a grande Tribulação ou a revelação do Anticristo. Também não se comentam as palavras de Jesus registradas em Lucas 18.8: “quando vier o Filho do homem, achará porventura fé na Terra?” Estas palavras sugerem que na época da volta de Cristo o número de crentes verdadeiros poderá ser realmente bem pequeno e não parecem apoiar a alegação de Boettner que “antes de Cristo vir novamente, veremos um mundo cristianizado” (p. 114).

Concluo que o ponto de vista de Boettner sobre o milênio, apesar de atraente, não tem base sólida na Escritura.

IV AMILENISMO

AMILENISMO

ANTHONY A. HOEKEMA

Minha discussão da maneira amilenista de entender o milênio incluirá os quatro itens seguintes: a interpretação do livro de Apocalipse, a interpretação de Apocalipse 20.1-6, uma olhada em duas passagens do Antigo Testamento que costumam ser vistas como predizendo um reino milenial na terra, um breve esboço de escatologia amilenista e algumas das implicações da escatologia amilenista.

Primeiramente, uma palavra sobre a terminologia. O termo *amilenismo* não é feliz. Sugere que os amilenistas não creem em qualquer tipo de milênio ou simplesmente ignoram os seis primeiros versos de Apocalipse 20, que falam de um reino milenial. Nenhuma destas duas afirmações é verdadeira. Apesar de ser verdade que os amilenistas não creem em um reino terreno literal de mil anos que se seguirá ao retorno de Cristo, o termo *amilenismo* não é uma descrição precisa do seu ponto de vista. O Professor Jay E. Adans, do Westminster Seminary na Filadélfia, sugeriu que o Termo *amilenismo* fosse substituído pela expressão *milenismo realizado*.¹ Este termo, com certeza, descreve a posição "amilenista" de forma mais precisa que o termo mais comum, já que os "amilenistas" crêem que o milênio de Apocalipse 20 não é exclusivamente futuro, mas está hoje em processo de realização. A expressão *milenismo realizado*, porém, é um tanto desajeitada, substituindo um prefixo simples por uma palavra de cinco sílabas.

Apesar das desvantagens e limitações da palavra, portanto, continuarei a usar o termo mais curto e mais comum, *amilenismo*.

A Interpretação do Livro de Apocalipse

Para podermos ver o pano de fundo da perspectiva amilenista do milênio, devemos primeiro nos ocupar com o problema da interpretação do livro de Apocalipse. Suponhamos, por exemplo, que o livro de Apocalipse deva ser interpretado num sentido exclusivamente futurista, referindo-se apenas a eventos que devem ocorrer por volta, ou na época da Segunda Vinda de Cristo. Suponhamos também que o que é apresentado em Apocalipse 20 deve vir necessariamente depois, em ordem cronológica, do que é descrito no capítulo 19. Somos então virtualmente compelidos a crer que o reino de mil anos representado em 20.4 deve vir depois da volta de Cristo descrita em 19.11. Mas se entendermos Apocalipse 20.1-6 como descrevendo o que acontece durante toda a História da igreja, a partir da primeira vinda de Cristo, teremos uma compreensão do milênio de Apocalipse 20 que é bem diferente da que acabei de mencionar. Por esta razão será preciso primeiramente dizer algo sobre a maneira como o livro de Apocalipse deveria ser interpretado.

O sistema de interpretação do livro de Apocalipse que me parece mais satisfatório (apesar de ter também os seus problemas) é o conhecido como *paralelismo progressivo*, que foi bem defendido por William Hendriksen em "More Than Conquerors" ("Mais que Vencedores"), seu comentário sobre o Apocalipse.² De acordo com este ponto de vista, o livro de Apocalipse consiste de sete secções paralelas entre si, cada uma delas descrevendo a igreja e o mundo desde a época da primeira vinda de Cristo até a da sua segunda vinda.

A primeira destas sete secções está nos capítulos 1 a 3. João vê o Cristo ressurreto e glorificado andando no meio dos sete candeeiros de ouro. Obedecendo à ordem de Cristo, João passa a escrever cartas a cada uma das sete igrejas da Ásia Me-

nor. A visão do Cristo glorificado juntamente com as cartas às sete igrejas formam claramente uma unidade. Conforme lemos estas cartas somos impressionados por duas coisas. Primeiramente, há referência a eventos, pessoas e lugares da época em que o livro de Apocalipse foi escrito. Em segundo lugar, os princípios, recomendações e avisos contidos nestas cartas valem para a igreja de todos os tempos. Estas duas observações, na realidade, fornecem uma pista para a interpretação do livro todo. Já que o livro de Apocalipse foi dirigido à igreja do primeiro século a.D., sua mensagem tinha relação com os eventos que ocorreram naquela época e era, portanto, significativo para os cristãos de então. Mas já que o livro também se destinava à igreja através dos séculos, sua mensagem ainda é relevante para nós hoje.

A segunda destas sete seções é a visão dos sete selos que se encontra nos capítulos 4 a 7. João é levado ao Céu e vê Deus sentado em seu trono radiante. Ele vê então o Cordeiro que tinha sido morto tomar o rolo selado com sete selos da mão daquele que estava sentado no trono. Os diversos selos são quebrados, e diversos julgamentos divinos sobre o mundo são descritos. Nesta visão vemos a igreja sofrendo provas e perseguições sobre o pano de fundo da vitória de Cristo.

A Terceira secção, nos capítulos 8 a 11, descreve as sete trombetas de julgamento. Nesta visão vemos a igreja vingada, protegida e vitoriosa.

A quarta secção, capítulos 12 a 14, começa com a visão da mulher dando à luz um filho enquanto o dragão espera para devorá-lo logo que ele nasça — uma referência óbvia ao nascimento de Cristo. O restante da secção descreve a contínua oposição que o dragão (que representa Satanás) faz à igreja. Esta secção apresenta-nos também as duas bestas que são os auxiliares do dragão: a besta que emerge no mar e a que emerge da Terra.

A quinta secção encontra-se nos capítulos 15 e 16. Descreve as sete taças da ira, representando desta forma de maneira bem vívida a visitação final da ira de Deus sobre os que permanecem impenitentes. . .

A sexta secção, capítulos 17 a 19, descreve a queda da Ba-

bilônia e das bestas. Babilônia representa a cidade do mundo — as forças do secularismo e impiedade que se opõem ao reino de Deus. O final do capítulo 19 descreve a queda e punição final dos dois auxiliares do dragão: a besta que emerge do mar e o falso profeta, que parece identificar-se com a besta que emerge da Terra (veja 16.3).

A sétima secção, narra o fim do dragão, completando assim a descrição da derrota dos inimigos de Cristo. Além disto, descreve o juízo, o triunfo final de Cristo e sua igreja e o universo restaurado, chamado aqui de os novos céus e nova Terra.

Observe que apesar destas sete secções serem paralelas entre si, revelam também um certo grau de progressão escatológica. A última secção, por exemplo, leva-nos mais além para o futuro que as outras. Apesar do juízo final já ter sido anunciado em 1.7 e brevemente descrito em 6.12-17, não é apresentado detalhadamente senão quando chegamos a 20.11-15. Apesar do gozo final dos redimidos já ter sido insinuado em 7.15-17, não encontramos uma descrição detalhada e elaborada da bênção da vida na nova terra senão quando chegamos ao capítulo 21 (21.1-22.5). Por esta razão, este método de interpretação é chamado paralelismo *progressivo*.

Há progressão escatológica nestas sete secções não apenas com relação às secções em si, mas também ao livro como um todo. Se admitirmos que o livro de Apocalipse retrata a luta entre Cristo e sua igreja, de um lado, e os inimigos de Cristo e da igreja do outro, podemos dizer que a primeira metade do livro (capítulos 1 a 11) descreve a luta na terra, retratando a igreja perseguida pelo mundo. A segunda metade do livro, entretanto (capítulos 12 a 22) dá-nos o pano de fundo espiritual mais profundo desta luta, descrevendo a perseguição da igreja pelo dragão (Satanás) e seus auxiliares. À luz desta análise, vemos como a última secção do livro (capítulos 20 a 22) se encaixa no todo. Esta última seção descreve o julgamento que cai sobre Satanás, e seu fim definitivo. Já que Satanás é o supremo oponente de Cristo, é lógico que o seu fim devia ser narrado por último.

A Interpretação de Apocalipse 20.1-6

Podemos agora prosseguir para a interpretação de Apocalipse 20.1-6, a única passagem na Bíblia que fala explicitamente de um reino de mil anos. Observe, primeiramente, que a passagem obviamente divide-se, em duas partes: versos 1 a 3, que descrevem o acorrentamento de Satanás, e os versos 4 a 6, que descrevem o reinado de mil anos das almas com Cristo.

A interpretação pré-milenista destes versos os vê como uma descrição de um reinado de Cristo no milênio na Terra, que ocorrerá após a sua Segunda Vinda. E é verdade que falou-se da Segunda Vinda de Cristo no capítulo anterior (veja 19.11-16). Se, portanto, pensa-se em Apocalipse 20 como descrição do que vem cronologicamente depois do que é descrito no capítulo 19, deve-se realmente chegar à conclusão que o milênio de Apocalipse 20.1-6 virá depois da volta de Cristo.

Como foi mostrado anteriormente, porém, os capítulos 20 a 22 constituem a última das sete seções do livro de Apocalipse, e portanto não descrevem o que se segue à volta de Cristo. Ao invés, Apocalipse 20.1 leva-nos novamente ao princípio da era cristã.

Que esta é a interpretação correta destes versos é óbvio não apenas pelo que foi dito acima, mas também pelo fato que este capítulo descreve a derrota e o fim definitivo de Satanás. Certamente a derrota de Satanás começou com a primeira vinda de Cristo, como já foi claramente explicado no capítulo 12.7-9. Que o reinado milenial descrito nos versos 4 a 6 acontece antes da Segunda Vinda de Cristo é evidente pelo fato que o julgamento final, descrito nos versos 11 a 15 deste capítulo, é descrito vindo depois do reinado de mil anos. Não apenas no livro de Apocalipse, mas em qualquer outro lugar no Novo Testamento, o juízo final está ligado à Segunda Vinda de Cristo (veja Apocalipse 22.12 e as seguintes passagens: Mt 16.27; 25.31, 32; Jd 14, 15 e especialmente 2 Ts 1.7-10). Sendo assim, é óbvio que o reinado de mil anos de Apocalipse 20.4-6 deve acontecer *antes*, e não *depois* da Segunda Vinda de Cristo.

Observemos agora mais de perto Apocalipse 20.1-6 mesmo,

a começar dos versos 1 a 3, reproduzidos aqui da Edição Revista e Atualizada da Sociedade Bíblica do Brasil:

Então vi descer do céu um anjo; tinha na mão a chave do abismo e uma grande corrente. Ele segurou o dragão, a antiga serpente, que é o diabo, Satanás, e o prendeu por mil anos; lançou-o no abismo, fechou-o, e pôs selo sobre ele, para que não mais enganasse as nações até se completarem os mil anos. Depois disto é necessário que ele seja solto pouco tempo.

Nestes versos temos uma descrição do acorrentamento de Satanás. O dragão, claramente identificado aqui como "o diabo, Satanás" é, como é dito, preso por mil anos e então lançado num lugar chamado "o abismo". O propósito desta prisão é "para que (ele) não mais enganasse as nações até se completarem os mil anos".

O livro do Apocalipse é cheio de números simbólicos. Obviamente, o número "mil" que é usado aqui, não deve ser interpretado no sentido literal. Desde que o número dez significa inteireza, e mil é dez elevado à terceira potência, podemos julgar que a expressão "mil anos" representa um período completo, um período bem longo de extensão indeterminada. De acordo com o que foi dito acima sobre a estrutura do livro, é à luz dos versos 7 a 15 deste capítulo (que descrevem o "pouco tempo" de Satanás, a batalha final e o juízo final), podemos concluir que este período de mil anos vai da primeira vinda de Cristo até logo antes de sua Segunda Vinda.

Já que o "lago do fogo" mencionado nos versos 10, 14 e 15 é obviamente uma descrição do lugar de punição final, o "abismo" mencionado nos versos 1 e 3 não deve ser o lugar de punição final. A palavra *abismo* deve ser considerada uma descrição figurada da maneira como a atividade de Satanás será refreada durante o período de mil anos.

O que quer dizer, então, o acorrentamento de Satanás? Na época do Antigo Testamento, pelo menos nos tempos pós-abraâmicos, todas as nações do mundo exceto Israel estavam, por assim dizer, sob o governo de Satanás. Naquela época o povo de Israel foi o recipiente da revelação especial de Deus, e por esta razão conheciam a verdade de Deus sobre eles pró-

prios, sua pecaminosidade e a maneira de obter perdão e salvação. Ao mesmo tempo, porém, as outras nações do mundo não conheciam esta verdade, e estavam, portanto, em ignorância e erro (veja At 17.30) — exceto por alguma pessoa, família ou cidade que ocasionalmente entrasse em contato com a revelação especial de Deus. Pode-se dizer que nessa época estas nações estavam enganadas por Satanás, como nossos primeiros pais haviam sido enganados por Satanás quando caíram em pecado no Jardim do Éden.

Um pouco antes de sua ascensão entretanto Cristo deu a seus discípulos a Grande Comissão: "Ide, fazei discípulos de todas as nações" (Mt 28.19). Nesse ponto pode-se bem imaginar os discípulos levantando uma pergunta perturbadora: Como poderíamos ter alguma chance de fazer isto, se Satanás continuar a enganar as nações da maneira que fez no passado? Em Apocalipse 20.1-3, João dá uma animadora resposta a esta pergunta! Parafraseada, essa resposta é mais ou menos assim: "Na era do Evangelho, que foi iniciada, Satanás não poderá continuar enganando as nações da maneira que fez no passado, pois ele foi preso. Durante todo este período portanto, vocês, os discípulos de Cristo poderão pregar o Evangelho e fazer discípulos de todas as nações".

Isto não implica que Satanás não possa fazer mal algum enquanto estiver preso. Significa apenas o que João está dizendo aqui: Enquanto Satanás estiver preso, ele não poderá enganar as nações de tal maneira que as impeça de aprender sobre a verdade de Deus. Mais adiante no capítulo somos informados que quando os mil anos terminarem Satanás será libertado de sua prisão e sairá para enganar as nações do mundo para juntá-las para combater e se possível, destruir o povo de Deus (versos 7 a 9). Isto, entretanto, ele não pode fazer enquanto está preso. Concluimos então que o acorrentamento de Satanás na era do Evangelho significa, primeiramente, que ele não pode impedir o crescimento do Evangelho e, também, que ele não pode reunir todos os inimigos de Cristo para atacarem a igreja.

Há alguma indicação no Novo Testamento que Satanás estava preso na época da primeira vinda de Cristo? Há sim.

Quando os fariseus acusaram Jesus de estar expulsando demônios pelo poder de Satanás, Jesus replicou: "Como pode alguém entrar na casa do valente e roubar-lhe os bens sem primeiro amarrá-lo?" (Mt 12.29). É bem interessante que a palavra usada por Mateus para descrever ato de amarrar o valente é a mesma palavra usada em Apocalipse 20 para descrever o acorrentamento de Satanás. Pode-se dizer que Jesus prendeu o diabo quando triunfou sobre ele no deserto, recusando-se a ceder às suas tentações. A expulsão de demônios por Jesus, ele nos ensina nesta passagem, era evidência de seu triunfo. Pode-se replicar que a prisão de Satanás que é mencionada aqui é registrada em conexão com a expulsão de demônios e não com a pregação do Evangelho. Mas eu replicaria que a expulsão de demônios é evidência da presença do reino de Deus (Mt 12.28) e que é exatamente pelo reino ter vindo que o Evangelho pode ser pregado hoje a todas as nações (veja Mt 13.24-30, 47-50).

Quando os setenta retornaram de sua missão de pregação, disseram a Jesus: " Senhor, os próprios demônios se nos submetem pelo teu nome!" Jesus respondeu "Eu via a Satanás caindo do céu como um relâmpago" (Lc 10.7, 18). Estas palavras, nem é preciso dizer, não devem ser interpretadas literalmente. Elas devem ser entendidas com o significado que Jesus viu no trabalho que seus discípulos estavam fazendo uma indicação que o reino de Satanás havia acabado de receber um golpe esmagador — que, na realidade uma certa prisão de Satanás, uma certa restrição de seu poder, havia acabado de acontecer. Neste caso, a queda ou prisão de Satanás está associada diretamente à atividade missionária dos discípulos de Jesus.

Outra passagem que liga refreamento das atividades de Satanás com o esforço missionário de Deus é João 12.31.32: "Chegou o momento de ser julgado este mundo, e agora o seu príncipe será expulso. E eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim mesmo". É interessante notar que o verbo aqui traduzido como "expulso" (*ekballō*) deriva-se da mesma raiz que a palavra usada em Apocalipse 20.3: "(O anjo) lançou (*ballō*) — o (Satanás) no abismo". Mais importante

ainda, porém, é observar que a "expulsão" de Satanás é aqui associada com o fato que não apenas judeus, mas homens de todas as nacionalidades serão atraídos a Cristo quando ele for levantado na cruz.

Vemos, assim, que o acorrentamento de Satanás que é descrito em Apocalipse 20.1-3 significa que durante toda a era do Evangelho, na qual vivemos, a influência de Satanás, apesar de certamente não aniquilada, está tão restringida que ele não pode evitar a propagação do Evangelho às nações do mundo. Por causa da prisão de Satanás na época atual, as nações não podem vencer a igreja, mas a igreja está vencendo e conquistando as nações!³

Prosseguimos agora para os versos 4 a 6, a passagem que trata do reinado de mil anos. Na Edição Revista e Atualizada, estes versos dizem:

E a primeira ressurreição aos mil anos
Vi também tronos, e nestes sentaram-se aqueles aos quais foi dada autoridade de julgar. Vi ainda as almas dos decapitados por causa do testemunho de Jesus, bem como por causa da palavra de Deus, tantos quantos não adoraram a besta, nem tão pouco a sua imagem, e não receberam a marca na fronte e na mão; e viveram e reinaram com Cristo durante mil anos. Os restantes dos mortos não viveram até que se completassem os mil anos. Esta é a primeira ressurreição. Bem-aventurado e santo é aquele que tem parte na primeira ressurreição: sobre esses a segunda morte não tem autoridade; pelo contrário, serão sacerdotes de Deus e de Cristo, e reinarão com ele os mil anos.

De 1.º período / 2.º futuro

Já vimos que os versos 1 a 3 falam de um período de "mil anos". Vemos agora que os versos 4 a 6 também se referem a um período de mil anos. Apesar de ser possível entender os "mil anos" dos versos 4 a 6 como se descrevessem um período de tempo diferente dos "mil anos" dos versos 1 a 3, não há nada que nos force a tal. Podemos, portanto, supor com segurança que os versos 1 a 3 e 4 a 6 referem-se ao mesmo período de "mil anos". . . Este período, como vimos, estende-se por toda a dispensação do Novo Testamento, da época da primeira vinda de Cristo até quase a Segunda Vinda de Cristo.

Observemos agora mais atentamente o verso 4: VÍ também tronos, e nestes sentaram-se aqueles aos quais foi dada autoridade de julgar". A primeira questão que temos de enfrentar é: Onde estão estes tronos? Leon Morris indica que no livro de Apocalipse a palavra "Trono é usada quarenta e sete vezes e que todos menos três destes tronos (2.13, 13.2, 16.10) parecem estar no Céu." Quando juntamos isto com o fato que João vê "as almas dos decapitados", confirma-se nossa conclusão que o sítio da visão de João mudou agora para o Céu. Podemos então dizer que, apesar do período de mil anos descrito nestes versos ser sempre o mesmo, os versos 1 a 3 descrevem o que acontece na terra durante este período, e os versos 4 a 6 retratam o que acontece no Céu.

João viu aqueles aos quais foi dada autoridade de julgar (literalmente, aqueles aos quais foi dado o julgamento) sentados nos Tronos. O livro de Apocalipse é bem ligado a assuntos da justiça, especialmente em favor dos cristãos perseguidos. É, portanto, bem significativo que na visão de João aqueles que estão sentados nos tronos recebem autoridade de julgar. A descrição que João faz deles "sentados em tronos" é uma maneira concreta de expressar o pensamento que eles estão reinando com Cristo (veja a parte final do verso 4). Aparentemente, este reinado inclui a autoridade de tomar decisões. Se isto significa simplesmente concordar com e ser grato pelas decisões tomadas por Cristo, ou que aqueles que estão sentados nos tronos recebem oportunidade de tomar suas próprias decisões sobre assuntos terrenos, não nos é dito. De qualquer maneira, o reinar com Cristo descrito aqui aparentemente inclui tomar alguma parte na atividade judicial de Cristo (veja Dn 7.22).

A próxima pergunta que fazemos é: Quem está sentado nestes Tronos? A resposta é dada no restante do verso: "ví as almas dos decapitados por causa do testemunho de Jesus, bem como por causa da palavra de Deus". Já que João nos diz que viu "almas dos decapitados", é bem claro que ele não está falando de pessoas que ainda estão vivendo na Terra. Às vezes, é certo, a palavra traduzida aqui como "almas", *psychai*, pode ser usada para descrever pessoas que ainda estão vivendo na terra, como, por exemplo, Atos 2.41: "havendo

um acréscimo naquele dia de quase três mil (almas)". Mas em Apocalipse 20.4, este significado da palavra *psychai* não funciona. Não se pode traduzir *Tas psychas tòn pepelekismenôn* como "o povo daqueles que foram decapitados" ou "os homens daqueles que foram decapitados". Aqui a palavra *psychai* precisa significar as almas de pessoas que morreram. Este texto é, de fato, um tipo de paralelo de uma passagem anterior em Apocalipse 6.9: Quando ele abriu o quinto selo, vi debaixo do altar as almas daqueles que tinham sido mortos por causa da palavra de Deus e por causa do Testemunho que sustentavam".

Se alguém perguntar como João pôde ver as almas dos que haviam morrido, a resposta é: João viu tudo isto em uma visão. É o mesmo que perguntar: Como João pôde ver um anjo segurando o diabo e o prendendo por mil anos?

João vê as almas daqueles que haviam sido decapitados por causa de seu testemunho por Cristo e por causa da Palavra de Deus. Em outras palavras, ele vê as almas dos mártires — crentes que sofreram morte de martírio por causa de sua fidelidade a Cristo. Quando João escreveu o Apocalipse, muitos cristãos estavam sendo martirizados por sua fé. Nem é necessário dizer que a visão registrada aqui traria grande conforto aos parentes e amigos desses mártires — João vê as suas almas agora sentadas em tronos no Céu, tomando parte no trabalho de julgar.

"Tantos quantos não adoraram a besta, nem tão pouco a sua imagem, e não receberam a marca na fronte e na mão". A Edição Revista e Atualizada traduz estas palavras como se fossem uma continuação da descrição dos mártires citados na oração anterior. Há, porém, uma outra possibilidade que é transmitida pela tradução encontrada na versão inglesa *Revised Standard Version*: "e tantos quantos não adoraram a besta. . .". Em passagens anteriores no livro, os adversários não-crentes de Cristo e seu reino foram descritos como aqueles que adoram a besta ou sua imagem e recebem a marca da besta em sua fronte ou suas mãos (veja 13.8, 15-17, 14.9-11). Inversamente, os crentes que permaneceram fiéis a seu Senhor são descritos como aqueles que venceram a besta (15.2) ou não

adoraram a besta ou sua imagem (13.15). Eu considero, portanto, que na oração que estamos examinando agora João está descrevendo um grupo maior do que simplesmente os mártires. Por "tantos quantos não adoraram a besta, nem tão pouco a sua imagem, e não receberam a marca", João quer que entendamos todos os cristãos que permaneceram fiéis a Cristo e resistiram aos poderes anti-cristãos — todos os cristãos, portanto, que permaneceram fiéis até o fim. Os que morreram como mártires seriam parte deste grupo, mas não o grupo todo. (Apesar de João aqui não se referir especificamente a "almas"; podemos presumir com segurança que ele ainda está falando das almas dos crentes que morreram, já que ele começou falando das almas dos mártires mortos").

Seguem-se as palavras mais controvertidas nesta passagem: "viveram e reinaram com Cristo durante mil anos". Os intérpretes pré-milenistas, dispensacionalistas ou não, entendem estas palavras como uma referência a uma ressurreição literal de entre os mortos, e por isto encontram nesta passagem evidência a favor de um reinado de mil anos de Cristo na terra, após a sua Segunda Vinda. É esta a interpretação correta da passagem?

Deve-se admitir que a palavra grega traduzida "viveram", *ezêsan* pode se referir a uma ressurreição física (veja, por exemplo, Mt 9.18, Rm 14. 9 2 Co 13.4, Ap 2.8). Mas a questão é se é isto que a palavra significa aqui.

Que João está falando de uma espécie de ressurreição aqui é evidente pela segunda frase do verso 5: "esta é a primeira ressurreição" — palavras que obviamente se referem ao viver e reinar com Cristo do verso 4. Mas esta "primeira ressurreição" é uma ressurreição física — uma ressurreição corpo de entre os mortos? Obviamente não, já que a ressurreição do corpo dentre os mortos é mencionada posteriormente no capítulo como algo distinto do que é apresentado aqui (veja os versos 11 a 13). Somente quem crê em duas ressurreições físicas — uma, dos crentes, no princípio do milênio, e a outra dos não-crentes, depois do milênio — poderá entender o *ezêsan* do verso 4 como referência a uma ressurreição física. Já que as Escrituras em todos os outros lugares ensinam que haverá apenas

uma ressurreição física, incluindo tanto os crentes quanto os não-crentes (veja Jo 5.28, 29 e At 24.15), algo diferente da ressurreição física ou corpórea, que ainda está para vir.

O que significam, então, as palavras “viveram e reinaram com Cristo durante mil anos?”. A chave já foi dada no verso 4. Ali João disse: “Vi tronos onde sentaram-se aqueles aos quais foi dada autoridade de julgar”. O restante do verso deixa claro que aqueles que estavam sentados nos tronos eram as almas de pessoas que haviam morrido — mártires pela fé e outros cristãos que haviam permanecido fiéis a Cristo até o final de suas vidas. Este é o grupo que João vê “vivendo e reinando com Cristo”. Apesar destes crentes haverem morrido, João os vê vivos, não no sentido físico, mas em que eles estão gozando a vida do Céu em comunhão com Cristo. Esta vida é uma vida de grande felicidade (veja as palavras de Paulo em Fp 1. 23 e 2 Co 5.8). E uma vida na qual eles sentam-se em tronos, participando do reinado de Cristo sobre todas as coisas, e até mesmo de sua atividade judicial! Este reinado celestial é o cumprimento de uma promessa concedida anteriormente no livro: “Ao vencedor, dar-lhe-ei sentar-se comigo no meu trono, assim como também eu venci, e me sentei com meu Pai no Trono” (3.21).

Podemos avaliar a importância desta versão quando nos lembramos que na época de João a igreja estava seriamente oprimida, e frequentemente perseguida. Seria um grande conforto para aqueles crentes saber que apesar de muitos de seus companheiros cristãos terem morrido, muitos tendo até sido cruelmente executados como mártires, estes companheiros falecidos estavam agora realmente no Céu, no que concerne às suas almas, vivendo e reinando com Cristo. Este viver e reinar com Cristo, João prossegue dizendo, continuará durante os mil anos — isto é, durante toda a era do Evangelho, até Cristo vir novamente ressuscitar os corpos destes crentes da sepultura.

Não há nestes versos indicação de que João esteja descrevendo um reino milenial na terra. Nada se diz nos versos 4 a 6 sobre a terra, sobre a Palestina como centro deste reino, ou sobre os judeus.⁵ O reinado de mil anos em Apocalipse 20.4

é um reinado, com Cristo no Céu, das almas dos crentes que morreram. Este reinado não é algo para ser aguardado para o futuro; está acontecendo hoje e continuará até que Cristo volte. Portanto, o termo *milénismo realizado* é uma descrição apropriada do ponto de vista defendido aqui — se se tiver em mente que o milênio em questão não é um milênio terrestre, mas celestial.

A frase seguinte, 5a, é de natureza parentética, e é por isto colocada apropriadamente entre parênteses na *New International Version* (inglês): "Os restantes dos mortos não viveram até que se completassem os mil anos". Já dei a razão porque não creio que estas palavras descrevam uma ressurreição física a acontecer depois do milênio. A palavra *ezesan* "viveram" ou "reviveram" precisa ter o mesmo significado nesta sentença que teve na anterior. João está falando aqui dos mortos não crentes — "os restantes dos mortos" — em distinção dos mortos crentes que ele acabou de descrever. Quando ele diz que os restantes dos mortos não viveram ou reviveram, o significado é exatamente o oposto do que ele disse dos mortos crentes. Os mortos não-crentes, ele está dizendo, não viveram nem reinaram com Cristo neste período de mil anos. Enquanto os crentes após a morte gozam de um novo tipo de vida no Céu com Cristo, quando participam do reinado de Cristo, os não-crentes após a morte não têm parte nem nesta vida nem neste reinado.

Que isto é assim por todo o período de mil anos é indicado pelas palavras "até que se completassem os mil anos". A palavra grega que é traduzida por "até", *achri*, significa que o que foi dito aqui permaneceu valendo por todos os mil anos. O uso da palavra *até* não implica em que estes mortos incrédulos viverão e reinarão com Cristo depois deste período terminar. Se fosse assim, poderíamos esperar uma declaração explícita disto. (Para um exemplo deste tipo de declaração, veja Ap 20.3) Ao invés, o que acontece aos mortos incrédulos após terminarem os mil anos é o que é chamado, no versículo 6, a "segunda morte". Quando se diz o versículo 6 que a "segunda morte" não tem poder (autoridade) sobre os mortos crentes, está implícito que a "segunda morte" tem realmente po-

der sobre os mortos incrédulos. O que significa a “segunda morte”? O verso 14 explica: “Esta é a segunda morte, o lago do fogo”. A segunda morte, portanto, significa punição eterna após a ressurreição do corpo. No que concerne aos mortos incrédulos, portanto, haverá uma mudança após terminarem os mil anos, mas será uma mudança não para melhor, e sim para pior.

Então João prossegue dizendo: “Esta é a primeira ressurreição”. Estas palavras descrevem o que aconteceu aos mortos crentes que João estava descrevendo no final do verso 4, antes da declaração parentética que acabamos de discutir. À luz do que foi dito acima, devemos entender estas palavras como descrição não de uma ressurreição física, mas da transição da morte física para a vida no Céu com Cristo. Esta transição é aqui chamada de “ressurreição” — um uso incomum da palavra, certamente, mas perfeitamente inteligível contra o pano de fundo do contexto que a precede. A expressão “primeira ressurreição” para aqueles mortos crentes — a ressurreição do corpo que ocorrerá quando Cristo voltar ao fim do período de mil anos.

João diz então no verso 6: “Bem-aventurado e santo é aquele que tem parte na primeira ressurreição”. As palavras seguintes dão o motivo desta bem-aventurança: “sobre esses a segunda morte não tem autoridade”. A segunda morte, como vimos, significa punição eterna. Estas palavras sobre a segunda morte implicam que a “primeira ressurreição” que João acabou de mencionar não é uma ressurreição física. Pois se os crentes já tivessem aqui ressuscitado fisicamente, em corpo glorificado, eles já estariam desfrutando do gozo pleno e total da vida vindoura e não seria necessário dizer que sobre eles a segunda morte não tem poder.

“Pelo contrário, serão sacerdotes de Deus e de Cristo, e reinarão com ele os mil anos” (v. 6b). Durante todo este período de mil anos, portanto, os mortos crentes servirão a Deus e a Cristo como sacerdotes e reinarão com Cristo como reis. Apesar de João aqui estar pensando apenas no período de mil anos que vai até o retorno de Cristo, os capítulos finais do livro de Apocalipse indicam que após Cristo voltar,

e após a ressurreição do corpo, estes mortos crentes poderão adorar a Deus, servir a Deus e reinar com Cristo de uma maneira ainda mais rica do que agora. Eles adorarão e servirão então a Deus por toda a eternidade em perfeição sem pecado com corpos glorificados na nova terra.

Esta, então é a interpretação amilenista de Apocalipse 20.1-6. Entendida desta forma, a passagem nada diz de um reinado terreno de Cristo sobre um reino que é principalmente judaico. Ao invés disto, descreve o reinado, com Cristo, no Céu, das almas dos crentes que morreram. Eles reinam no período entre suas mortes e a Segunda Vinda de Cristo.

A Interpretação da Profecia do Antigo Testamento

Há uma diferença básica entre o método de interpretação empregado pelos pré-milenistas e o empregado pelos amilenistas. Os pré-milenistas especialmente os da linha dispensacionalista, dedicam-se ao que se costuma chamar "interpretação literal" das profecias do Antigo Testamento, John F. Walvoord, um importante porta-voz do ponto de vista pré-milenista dispensacionalista, define assim o método hermenêutico desta escola de interpretação:

A posição pré-milenista é de que a Bíblia deve ser interpretada em seu sentido gramatical e histórico usual em todas as áreas da teologia, a não ser que seja evidente por razões contextuais ou teológicas que não era isto o que o autor quis.⁶

Em sua exposição deste princípio, Walvoord admite que por vezes uma passagem do Antigo Testamento contém indicações que certas partes dela não devem ser interpretadas de maneira literal, mas figurativa; por exemplo, a "Vara de sua boca" com que diz-se que Cristo ferirá a Terra, em Isaías 11.4.⁷

Os amilenistas, por outro lado, crêem que apesar de muitas profecias do Antigo Testamento devem realmente ser interpretadas de maneira literal, muitas outras devem ser interpretadas não-literalmente.⁸ Teoricamente, um amilenista poderia concordar com a definição do método hermenêutico

pré-milenista dada por Walvoord. A diferença entre um intérprete amilenista e um pré-milenista aparece quando cada um deles procura indicar quais profecias devem ser interpretadas literalmente e quais devem ser interpretadas de forma não literal. Nisto haveria grande divergência de opinião.

Não há espaço neste capítulo curto para abordar estas diferenças de interpretação profundamente. Será proveitoso, porém, para nós, olhar rapidamente duas passagens do Antigo Testamento normalmente entendidas pelos pré-milenistas como descrição de um reino milenial futuro na terra. Quando o fizermos, veremos que a interpretação pré-milenista destas duas passagens não é de forma alguma a única possível.

Vejam os em primeiro lugar Isaías 11.6-9:

O lobo habitará com o cordeiro, e o leopardo se deitará junto ao cabrito; o bezerro, o leão novo e o animal cevado andarão juntos, e um pequenino os guiará. A vaca e a urso pastarão juntas, e as suas crias juntas se deitarão; o leão comerá palha como o boi. A criança de peito brincar sobre a toca da áspide, e o já desmamado meterá a mão na cova do basilisco. Não se fará mal nem dano algum em todo o meu santo monte, porque a terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar.

Na "Bíblia Scofield"⁹ o Título sobre Isaías 11, cobrindo os versos 1 a 10, diz: "O reino davídico a ser restaurado por Cristo: seu caráter e extensão". Uma nota de rodapé para o verso 1 diz: "Este capítulo é um quadro profético da glória do futuro reino, que será estabelecido quando o Filho de Davi voltar em glória". É óbvio, portanto, que a Bíblia Scofield interpreta esta passagem como descrição da era milenial futura.

John F. Walvoord, um pré-milenista contemporâneo típico, compartilha desta interpretação do capítulo:

Isaías 11 desenha o retrato do reinado de Cristo na Terra, uma cena que não se pode confundir com a era presente, o estado intermediário ou o estado eterno, se for interpretado com algum grau de liberalismo, conforme é apresentado, ele descreve a terra no milênio. (. . .) A

descrição (neste capítulo) descreve animais como lobos, cordeiros, leopardos, cabritos, bezerros, leões novos, todos criaturas da terra e não do céu, e retrata-os numa época de tranquilidade tal que só pode aplicar-se à terra no milênio.¹⁰

É fácil de entender que se alguém crê num milênio futuro na terra, verá uma descrição desse milênio nestes versos. Tal interpretação não é, porém, de maneira alguma, a única possível. Sabemos que a Bíblia prediz que no fim dos tempos haverá uma nova terra (veja, por exemplo, Is 65.17, 66.22, Ap 21.1). Por que não podemos entender os detalhes que encontramos nestes versos como descrições da vida na nova terra?¹¹ Isto é bem provável, especialmente quando se tem em mente a vasta visão panorâmica transmitida pelo verso 9: "a terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar". Por que temos de pensar nestas palavras como se tivessem aplicação apenas a um período de mil anos precedendo a nova Terra? Será que eles não retratam a perfeição final da criação de Deus?

A outra passagem do Antigo Testamento que eu gostaria de citar em relação a isto é Isaías 65.17-25:

(17) Pois eis que eu crio novos céus e nova terra; e não haverá lembrança das coisas passadas, jamais haverá memória delas.

(18) Mas vós folgareis e exultareis perpetuamente no que eu crio; porque eis que crio para Jerusalém alegria, e para o seu povo regozijo.

(19) E exultarei por causa de Jerusalém, e folgarei do meu povo, e nunca mais se ouvirá nela nem voz de choro nem de clamor.

(20) Não haverá mais nela criança para viver poucos dias, nem velho que não cumpra os seus: porque morrer aos cem anos é morrer ainda jovem, e quem pecar só aos cem anos será amaldiçoado.

(21) Eles edificarão casas, e nelas habitarão; plantarão vinhas, e comerão o seu fruto.

(22) Não edificarão para que outros habitem; não plantarão para que outros comam; porque a longevidade do meu

povo será como a da árvore, e os meus eleitos desfrutarão de todo as obras das suas próprias mãos.

(23) Não trabalharão debalde, nem terão filhos para a calamidade, porque são a posteridade bendita do Senhor, e os seus filhos estarão com eles.

(24) E será que antes que clamem, eu responderei; estando eles ainda falando, eu os ouvirei.

(25) O lobo e o cordeiro pastarão juntos, e o leão comerá palha como o boi, pó será a comida da serpente. Não farão mal nem dano algum em todo o meu santo monte, diz o Senhor.

Na Bíblia Scofield, o título sobre o verso 17 diz: "Novos céus e nova terra. O título sobre os versos 18 a 25, porém, diz: "condições do milênio na terra renovada com a remoção da maldição". Parece que os editores desta Bíblia, embora forçados a admitir que o verso 17 descreve a nova terra definitiva, restringem o significado dos versos 18 a 25 para fazer com que se refiram apenas ao milênio que precede a nova terra definitiva. Semelhantemente Walvoord entende Isaías 65. 17-19 como descrição do estado eterno¹² e os versos 20 a 25 deste capítulo como descrição das condições durante o milênio.¹³

Mais uma vez pode-se notar que se alguém não crê num milênio futuro, certamente não será levado a crer pelo que está escrito nestes versos. Se, porém, alguém crê mesmo em um milênio assim, ele pode bem achá-lo descrito aqui. Mas para isto, terá que enfrentar um obstáculo exegético um tanto sério.

Pode-se encontrar uma descrição do milênio nesta passagem tão somente fazendo-se vista grossa ao que está nos versos 17 e 18. O verso 17 fala de forma clara dos novos céus e nova terra (que o livro de Apocalipse descreve como marcas do estado final). O verso 18 chama o leitor a exultar "perpetuamente" — não apenas por mil anos — nos novos céus e nova terra que acabaram de ser descritos. Isaías não está falando aqui de uma novidade para durar apenas mil anos, mas uma novidade eterna! O que se segue no verso 19 está diretamente ligado as precedente: "E exultará por causa de Jerusalém, e folgarei do meu povo, e nunca mais se ouvirá nela nem voz

de choro nem de clamor" (veja Ap 21.4). Não há indicação alguma de que neste ponto, ou no verso 18, ou no 20, Isaías esteja mudando bruscamente de assunto, para a descrição de uma era de milênio precedendo a criação de novos céus e nova terra!

No verso 25, na verdade, temos uma descrição do mundo animal que nos lembra o retrato do estado final que encontramos em Isaías 11. No fim deste verso ouvimos um eco do que se encontra em 11.9: "Não farão mal nem dano algum em todo o meu santo monte, diz o Senhor".¹⁴ Verdadeiramente, uma linda descrição da nova terra! Só pode ver milênio aqui quem tiver usando seus óculos milenistas!

Um Breve Esboço de Escatologia Amilenista

Uma crítica que se costuma fazer da escatologia amilenista é que ela é demasiadamente negativa, aplicando seus esforços principalmente em fazer oposição e refutar os sistemas escatológicos de que discorda. Deixando de lado a questão de se esta crítica é verdadeira ou falsa, gostaria de opor-me, aqui, ao negativismo de algumas escatologias amilenistas esboçando rapidamente algumas afirmações positivas feitas por teólogos amilenistas. Desta maneira, poderemos ver a escatologia amilenista em sua totalidade, e não apenas como uma determinada maneira de interpretar o milênio de Apocalipse 20.

Este esboço cobrirá duas áreas - primeiramente o que a escatologia amilenista ensina em relação à escatologia inaugurada e, em segundo lugar, o que ela ensina sobre escatologia futura. Por escatologia inaugurada eu me refiro aquele aspecto da escatologia que já é presente hoje, na era do Evangelho. O termo escatologia inaugurada é melhor que escatologia realizada porque mesmo fazendo justiça completa ao fato que a grande incisão escatológica na história já foi feita, não exclui um desenvolvimento posterior e consumação final da escatologia no futuro. Quando falamos de "escatologia inaugurada", estamos dizendo que, para o crente do Novo Testamento, eventos escatológicos importantes já começaram a acontecer,

enquanto outras ocorrências escatológicas permanecem ainda para o futuro.

Em relação à *escatologia inaugurada*, o amilenismo afirma o seguinte:

1. *Cristo conquistou a vitória decisiva sobre o pecado, a morte e Satans.* Vivendo uma vida sem pecado, e morrendo na cruz como o sacrifício pela expiação de nosso pecado, Cristo venceu o pecado. Sofrendo a morte, e ressuscitando vitoriosamente da sepultura, Cristo venceu a morte. Resistindo às tentações do diabo, obedecendo de forma perfeita a Deus e morrendo e ressuscitando, Cristo desfechou um golpe fatal em Satanás e suas hostes maléficas. Esta vitória de Cristo foi decisiva e definitiva. O dia mais importante na História, portanto, não é a Segunda Vinda de Cristo, que é ainda futura, mas a primeira vinda, que ocorreu no passado. Por causa da vitória de Cristo, as questões fundamentais da História já foram decididas. Agora é apenas uma questão de tempo até que esta vitória seja levada à consumação.

2. *O reino de Deus é ao mesmo tempo presente e futuro.* Os amilenistas não crêem que o reino de Deus seja primeiramente um reino judeu envolvendo a restauração de forma literal do trono de Davi. E também não crêem que por causa da descrença dos judeus de sua época Cristo tenha adiado o estabelecimento do reino para a época de seu reino futuro no milênio, na Terra. Os amilenistas crêem que o reino de Deus foi fundado por Cristo na época de sua peregrinação na terra, está operante na História hoje e destina-se a ser revelado em sua plenitude no porvir. Eles compreendem o reino de Deus como o reinado dinamicamente ativo de Deus na História humana através de Jesus Cristo. O seu propósito é redimir o povo de Deus do pecado e dos poderes demoníacos, e estabelecer finalmente os novos céus e nova terra. O reino de Deus não é nada menos que o reinado de Deus em Cristo sobre todo o universo criado.

O reino de Deus é portanto ao mesmo tempo uma realidade presente e uma esperança futura. Jesus ensinou claramente que o reino já estava presente durante o seu ministério terreno: "Se, porém, eu expulso os demônios pelo Espí-

rito de Deus, certamente é chegado o reino de Deus sobre vós" (Mt 12.28). Quando os fariseus perguntaram a Jesus sobre quando viria o reino de Deus, ele respondeu: "Não vem o reino de Deus com visível aparência. Nem dirão: Ei-lo aqui! Lá está! porque o reino de Deus está entre vós" (Lc 17.20, 21). Mas Jesus também ensinou que havia um sentido em que o reino de Deus era ainda futuro, tanto em ditos específicos (Mt 7.21-23: 8.11, 12), quanto em parábolas escatológicas (como as da festa de casamento, do joio, dos talentos, das Dez virgens). Paulo também faz declarações descrevendo o reino tanto como presente (Rm 14.17; 1 Co 4.19, 20; Cl 1.13, 14) quanto como futuro (1 Co 6.6, Gl 5.21, Ef 5.5, 2 Tm 4.18).

O fato que o reino de Deus é presente em um sentido e futuro em outro implica que nós, os súditos do reino, vivemos em uma espécie de tensão entre o "já" e o "ainda não". Já estamos no reino, mas aguardamos ainda a manifestação plena deste reino. Já participamos de suas bênçãos, mas esperamos ainda a sua vitória total. Por causa da época exata quando Cristo vai voltar não ser conhecida, a igreja precisa viver com uma sensação de urgência, percebendo que o final da História pode estar bem próximo. Ao mesmo tempo, porém, a igreja precisa continuar fazendo planos e trabalhando por um futuro nesta terra que ainda pode durar muito tempo.

Entrementes, o reino de Deus exige de nós dedicação total a Cristo e sua causa. Precisamos encarar toda vida e toda realidade à luz do objetivo de redenção não apenas de indivíduos, mas do universo todo. Isto implica, como disse Abraham Kuyper, o renomado teólogo e estadista holandês, que não há um dedinho sequer de universo sobre o qual Cristo não esteja dizendo: "isto é meu".

Esta dedicação total implica também em uma filosofia cristã da História. A totalidade da História deve ser vista como a realização do propósito eterno de Deus. Esta visão do reino inclui uma filosofia cristã da cultura. A arte e a ciência, que refletem a glória de Deus, devem ser exercidas para o seu louvor. A visão do reino também inclui uma perspectiva cristã da vocação: Todas as vocações vêm de Deus, e tudo o que fazemos na vida cotidiana deve ser feito para o louvor de

Deus, seja estudo, ensino, pregação, negócios, indústria ou trabalho doméstico. Uma fonte comum de tensão entre os evangélicos hoje é a questão de se a igreja deve envolver-se primariamente com evangelismo ou com ação social e política. Uma visão adequada do reino, parece-me, nos ajudará a manter o equilíbrio nesta questão. Nem é preciso dizer que o evangelismo — trazer pessoas para o reino de Deus — é uma das tarefas essenciais da igreja. Mas desde que o reino de Deus exige dedicação total, a igreja também deve estar vitalmente envolvida na implementação de princípios cristãos em cada área da vida, incluindo a política e social. Evangelismo e envolvimento social, portanto, nunca devem ser encarados como opções para os cristãos escolherem; ambos são essenciais a uma obediência plena ao reino.

3. *Apesar do último dia ser ainda futuro, estamos hoje nos últimos dias.* Este aspecto da escatologia, frequentemente negligenciado nos círculos evangélicos, é parte essencial da mensagem do Novo Testamento. Quando eu digo "estamos hoje nos últimos dias, entendo a expressão "últimos dias" não meramente como referência à época imediatamente anterior à volta de Cristo, mas como uma descrição do tempo todo entre a primeira e a segunda vinda de Cristo. Os escritores do Novo Testamento estavam conscientes do fato que já estavam vivendo nos últimos dias na época em que estavam escrevendo ou falando.

Isto foi exposto especificamente por Pedro em seu sermão do dia de Pentecoste quando ele citou a profecia de Joel sobre o derramamento do Espírito sobre toda a carne nos últimos dias (Atos 2.16, 17). Ele estava, assim, dizendo na realidade: "Estamos agora nos últimos dias preditos pelo profeta Joel". Paulo disse a mesma coisa quando descreveu os crentes de sua época como aqueles "sobre quem os fins dos séculos têm chegado" (1 Co 10.11). E o apóstolo João disse a seus leitores que eles estavam vivendo já "a última hora" (1 Jo 2.18). A luz destes ensinamentos do Novo Testamento, podemos realmente falar de uma escatologia inaugurada, lembrando que a Bíblia fala também de uma consumação final dos eventos escatológicos naquilo que João costuma chamar "o último dia" (Jo 6.39, 40, 44, 54; 11.24; 12.48).

O fato que estamos vivendo hoje nos últimos dias implica que estamos provando já do princípio das bênçãos escatológicas — que, como Paulo diz, já temos “as primícias do Espírito” (Rm 8.23). Isto significa que nós, os crentes, devemos nos considerar não como pecadores impotentes, indefesos diante da tentação, mas como novas criaturas em Cristo (2. Co 5, 17), templos do Espírito Santo (1 Co 6.19), aqueles que crucificaram de uma vez por todas a carne (Gl 5.24), despiram-se do velho homem e revestiram-se do novo (Cl 3.9, 10). Tudo isto envolve termos uma imagem de nós mesmos que é primariamente positiva, e não negativa. Envolve também vermos os outros cristãos como aqueles que estão em Cristo conosco, e pelos quais devemos, portanto agradecer a Deus.¹⁵

4. *No que concerne aos mil anos de Apocalipse 20, estamos hoje no milênio.* Anteriormente neste capítulo foram fornecidas evidências que os mil anos de Apocalipse 20 vão desde a primeira vinda de Cristo até logo antes de sua segunda vinda, quando Satanás será solto por um pouco de tempo. A posição amilenista sobre os mil anos de Apocalipse 20 implica em que os cristãos que vivem hoje estão gozando os benefícios do milênio, pois Satanás foi preso por todo este período. Conforme vimos, o fato que Satanás está preso agora não significa que ele não esteja ativo no mundo hoje, mas que durante este período ele não pode enganar as nações — isto é, não pode impedir a propagação do Evangelho. O aprisionamento de Satanás durante esta era, em outras palavras, torna possíveis as missões e o evangelismo. Este fato deveria certamente ser uma ponte de encorajamento para a igreja na terra.

Os amilenistas também ensinam que durante este período de mil anos as almas dos crentes que morreram estão já vivendo e reinando com Cristo no Céu enquanto esperam a ressurreição do corpo. O seu estado é, portanto, de bem-aventurança e felicidade, embora o seu gozo não seja completo até que seus corpos tenham ressuscitado. Este ensino deveria certamente trazer conforto aqueles cujos entes queridos morreram no Senhor.

Em relação à *escatologia futura*, o amilenismo afirma o seguinte:

1. *Os "sinais dos tempos" aplicam-se tanto ao presente quanto ao futuro.* Os amilenistas crêem que a volta de Cristo será precedida de certos sinais: por exemplo, a pregação do Evangelho a todas as nações, a conversão da plenitude de Israel, a grande apostasia, a grande tribulação e a vinda do Anticristo. Estes sinais, porém, não devem ser encarados como se referissem exclusivamente a época logo antes da volta de Cristo. Eles tem estado presentes de alguma maneira desde o princípio da era Cristã,¹⁶ e estão presentes hoje.¹⁷ Isto significa que devemos estar sempre prontos para a volta do Senhor e nunca devemos empurrar, em nossos pensamentos, a volta de Cristo para um futuro distante.

Mas os amilenistas também crêem que estes "sinais dos tempos" terão seu clímax e cumprimento final logo antes de Cristo voltar. Este cumprimento não tomará a forma de fenômenos totalmente novos, mas será, sim, uma intensificação dos sinais que sempre estiveram presentes.

2. *A Segunda Vinda de Cristo será um único evento.* Os amilenistas não encontram base bíblica para a divisão que os dispensacionalistas fazem da Segunda Vinda em duas etapas (chamadas às vezes *parousia* e *revelação*), com um período intermediário de sete anos. Compreendemos a volta de Cristo como um evento único.

3. *Na volta de Cristo haverá uma ressurreição geral, tanto de crentes quanto de não-crentes.* Os amilenistas rejeitam o ensino, comum entre os pré-milenistas, que a ressurreição dos crentes e a dos não-crentes serão separadas por mil anos. Eles rejeitam também a opinião de muitos dispensacionalistas que haverá até três ou quatro ressurreições (desde que, além das duas ressurreições que acabei de mencionar, os dispensacionalistas ensinam também que haverá uma ressurreição dos santos da tribulação e uma ressurreição de crentes mortos durante o milênio). Não vemos evidência escriturística para estas múltiplas ressurreições.¹⁸

4. *Após a ressurreição, os crentes ainda vivos serão repentinamente transformados e glorificados.* A base deste ensino é o que Paulo diz em 1 Coríntios 15.51, 52: "Eis que vos digo um mistério: Nem todos dormiremos, mas transforma-

dos seremos todos, num momento, num abrir e fechar de olhos, ao ressoar da última trombeta. A Trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados”.

5. *Acontece então o “arrebatamento” de todos os crentes.*

Os crentes que acabaram de ressuscitar dos mortos, juntamente com os crentes ainda vivos que acabaram de ser transformados, são agora arrebatados entre nuvens para o encontro do Senhor nos ares (1 Ts 4.17). Que haverá um “arrebatamento”, a Bíblia ensina claramente. Mas eu pus a palavra *arrebatamento* entre aspas para diferenciar a concepção amilenista do arrebatamento da perspectiva dispensacionalista. Os dispensacionalistas ensinam que no arrebatamento, a igreja toda será levada ao Céu por um período de sete anos, enquanto os que ainda estão na terra estão passando pela grande tribulação.

Os amilenistas não vêem evidência escriturística para um tal período de sete anos ou para uma transferência da igreja da Terra para o Céu durante este período. Os corpos ressurretos e glorificados dos crentes não são para o Céu, mas para a terra. A palavra traduzida por “encontro” em 1 Tessalonicenses 4.17 (*apantésis*) é um termo técnico usado nos dias do Novo Testamento para descrever as boas vindas dadas publicamente por alguma cidade a um dignatário visitante. As pessoas costumavam deixar a cidade para encontrarem o visitante distinto, e voltar então com ele à cidade.¹⁹ Com base na analogia transmitida por esta palavra, tudo o que Paulo está dizendo aqui é que os crentes ressuscitados e os transformados são arrebatados entre nuvens para encontrarem o Senhor que vem vindo, com a implicação que após o encontro eles voltarão com ele à terra.

6. *Segue-se o juízo final.* Enquanto os dispensacionalistas costumam ensinar que haverá pelo menos três julgamentos distintos, os amilenistas discordam. Eles vêem evidências escriturísticas apenas para um único Dia do juízo, que ocorrerá na época da volta de Cristo. Todos os homens comparecerão então perante o trono de julgamento de Cristo.

O propósito do juízo final não é primariamente decidir o destino final dos homens, já que naquela época o destino final já terá sido determinado para todos os homens, exceto aque-

les que estiverem vivos ainda na época da volta de Cristo. O julgamento terá um propósito tríplice: Primeiramente, revelar a glorificação de Deus no destino final designado a cada pessoa; em segundo lugar, indicar de maneira pública e definitiva a grande antítese da História entre o povo de Deus e os inimigos de Deus; e, em terceiro lugar, revelará a medida da recompensa e a medida da punição que cada um receberá.

7. *Após o julgamento é introduzido o estado final.* Os incrédulos e todos aqueles que rejeitaram a Cristo passarão a eternidade no inferno, enquanto os crentes entrarão na glória eterna na nova terra. O conceito de nova terra é tão importante para a escatologia bíblica, que não deveríamos falar nele apenas de passagem. Muitos cristãos imaginam-se passando a eternidade em algum tipo de Céu etéreo, enquanto a Bíblia nos ensina de forma clara que haverá uma nova terra. Quando o livro de Apocalipse nos diz que a cidade santa, a nova Jerusalém descerá do Céu para a nova Terra (21.2), que Deus habitará agora com os homens (21.3) e que o trono de Deus e do Cordeiro será na nova Jerusalém (22.3), está nos ensinando em linguagem figurada que no porvir o Céu e a terra não serão mais separados, mas terão se misturado. No estado final, portanto, os crentes estarão no Céu e também na nova terra, pois ambos serão um só.

Quando se tem em mente de forma clara a visão da nova terra, muitos ensinamentos bíblicos começam a formar um padrão significativo. Conforme vimos, a ressurreição do corpo exige uma nova terra. A expressão cósmica da obra de Cristo implica em que a maldição que veio sobre a criação por causa do pecado do homem (Gn 3.17-19) será algum dia removida (Rm 8.19-22); esta renovação da criação significa que haverá realmente uma nova terra. Já vimos a profecia de Isaías sobre a nova terra em 65.17 (veja 66.12). Jesus prometeu que os mansos herdarão a Terra (Mt 5.5). Pedro fala de novos céus e nova terra, nos quais habitará a justiça (2 Pe 3.13). E os anciãos e os seres vivos que João vê na visão celestial registrada em Apocalipse 5 cantam um hino de louvor ao Cordeiro vitorioso, que contém estas palavras: "e para o nosso Deus os constituístes (aqueles que compraste com teu sangue) reino

e sacerdotes; e reinarão sobre a terra" (Ap 5.10).²⁰

À luz do ensino bíblico sobre a nova terra, muitas profecias do Antigo Testamento sobre a terra de Canaã e o futuro do povo de Deus se encaixam em seu lugar devido. No quarto capítulo do livro de Hebreus aprendemos que Canaã foi um tipo do descanso sabático do povo de Deus no porvir. Na carta de Paulo aos Gálatas aprendemos que todos os que estão em Cristo fazem parte da descendência de Abraão (Gl 3.29). Quando lemos Gênesis 17.8 ("Dar-te-ei e à tua descendência a terra das tuas peregrinações, toda a terra de Canaã, em possessão perpétua, e serei o seu Deus") com este entendimento da maneira como o Novo Testamento expande estes conceitos, vemos aí uma promessa da nova terra como possessão eterna de todo o povo de Deus, não apenas os descendentes físicos de Abraão. E quando, à luz deste ensino do Novo Testamento, lemos agora Amós 9.15 ("Plantá-los-ei na sua terra, e, dessa terra que lhes dei, já não serão arrancados, diz o Senhor teu Deus"), não nos sentimos compelidos a restringir o sentido destas palavras ao Israel nacional e a terra da Palestina. Nós as compreendemos como uma predição da habitação eterna de todo o povo de Deus, tanto gentios quanto judeus, na nova terra — da qual Canaã era tipo. Os amilenistas, portanto, não sentem necessidade alguma de postular um milênio terreno para fornecer o cumprimento de promessas deste tipo; eles encaram tais profecias como indicando o futuro eterno glorioso que aguarda todo o povo de Deus.

Por isto, quando os pré-milenistas acusam os amilenistas de ensinarem um reino que é apenas espiritual e não tem relação alguma com a terra, eles não estão expondo com clareza a perspectiva amilenista. Os amilenistas crêem que as profecias do Antigo Testamento que predizem que a terra da promessa será a possessão eterna do povo de Deus, que o lobo habitará com o cordeiro e que a terra se encherá do conhecimento do Senhor como as águas cobrem o mar, se cumprirão não apenas por um período de mil anos, mas por toda a eternidade! Esta interpretação, cremos, nos dá um entendimento mais rico, mais amplo e mais relevante daquelas profecias que aquela interpretação que restringe o seu significado

à descrição de um milênio terreno que precederá o estado final.

Algumas Implicações da Escatologia Amilenista

*Pacto
Transitorio*

Concluindo, quais são algumas das implicações da escatologia amilenista para nossa compreensão teológica? Deixe-me mencionar quatro:

1. *O que une o Antigo e Novo Testamentos é a unidade do pacto da graça.* Os amilenistas não crêem que a História deve ser dividida em uma série de dispensações distintas e discrepantes, mas veem um único pacto da graça que percorre toda a História. Este pacto da graça ainda está em efeito hoje, e culminará na convivência eterna de Deus e seu povo redimido na nova terra.

2. *O reino de Deus é fundamental na História humana.* Este reino foi predito e aguardado na época do Antigo Testamento, foi estabelecido na terra por Jesus Cristo, foi estendido e propagado tanto na época do Novo Testamento como na História subsequente da igreja, e se consumará finalmente no porvir.

3. *Jesus Cristo é o Senhor da História.* Isto significa que toda a História está sob o controle de Cristo, e demonstrará no final ter servido ao propósito dele. Devemos portanto nos ocupar não apenas em gozar os benefícios de nossa salvação, mas também em servir a Cristo com gozo como Senhor em cada área de nossas vidas.

4. *A totalidade da História caminha para um objetivo: a redenção completa do Universo.* A história não é sem sentido, mas cheia de sentido. Apesar de não podermos discernir sempre o significado de cada evento histórico, sabemos qual será o resultado final da História. Esperamos ansiosamente pela nova terra como parte de um universo renovado onde a boa criação de Deus compreenderá finalmente e de forma completa o propósito para o qual ele a chamou à existência: a glorificação do seu nome.

Tudo isto implica em que em relação à História do mundo, os amilenistas adotam uma posição de *otimismo ponde-*

rado ou realístico. A crença no governo presente de Cristo, na presença do reino de Deus e no movimento da História em direção a seu objetivo são acompanhados de um reconhecimento realístico da presença do pecado neste mundo e do desenvolvimento crescente do reino do mal. A escatologia amilenista aguarda a culminação da apostasia e da Tribulação na emergência final de um Anticristo pessoal antes de Cristo voltar. Os amilenistas não esperam ver a sociedade perfeita ser alcançada durante a presente era.

Mesmo assim, já que sabemos que a vitória de Cristo sobre o mal foi decisiva e que Cristo agora está no trono, o tom dominante na escatologia amilenista é o otimismo — otimismo cristão. Isto significa que não consideramos crise mundial alguma totalmente irreparável e tendência social alguma completamente irreversível. Significa que vivemos em esperança — uma esperança edificada sobre a fé, que se expressa em amor.

A escatologia amilenista, portanto, dá-nos uma perspectiva realística, mas basicamente otimista, do mundo e da vida. É uma escatologia emocionante, estimulante e desafiadora. É uma escatologia que nos dá uma visão inspiradora do senhorio de Cristo sobre a História e o triunfo final de seu reino.

**UMA RESPOSTA
PRÉ-MILENISTA
HISTÓRICA
GEORGE ELDON LADD**

Concordo com praticamente tudo o que Hoekema escreveu, com exceção de sua exegese de Apocalipse 20. Concordo que Mateus 12.29 ensina claramente que o ministério terreno de Jesus foi a invasão da História pelo reino de Deus, o que por sua vez foi um aprisionamento de Satanás. Mas isto é diferente do aprisionamento de Satanás em Apocalipse 20. O primeiro foi a quebra do poder de Satanás para que homens e mulheres individualmente pudessem ser livrados de seu domínio. O segundo foi que ele não mais enganaria as nações.

João ter visto as "almas dos decapitados" não prova que a cena se passa no Céu. Na verdade, é bem difícil saber no Apocalipse quando João está no Céu e quando ele está na terra. Mas neste contexto, João diz claramente que ele viu "descer do céu um anjo" (Ap 20.1), afirmando assim que o cenário passou do Céu para a terra. E se a declaração "eles viveram", "reviveram". (Ap 20.4) significa, como cremos, ressurreição física, então o cenário é a Terra.

Concordo que a maior dificuldade para qualquer tipo de pré-milenismo é que a maior parte do Novo Testamento representa a consumação ocorrendo na parousia de Jesus. Mas se alguém crê na revelação progressiva, isto não é um problema insuperável. O Antigo Testamento não prevê ou prediz com precisão a Era da Igreja. Ele vê o futuro exclusivamente em termos de Israel como o povo de Deus. Portanto, o fato que o Novo Testamento ensina sobre um reino intermediário entre esta era e a do porvir em apenas um único lugar não

é razão para rejeitá-lo.

Sinto que Hoekema não satisfaz o que se exige de uma exegese por três razões. A primeira já foi dita em minha própria exposição. Apocalipse 19 e 20 parecem ter continuidade, descrevendo a destruição do triunvirato do mal: primeiro a besta, depois o falso profeta (19.20, 21), e então o poder por trás destes dois — o diabo. Não há indício algum da recapitulação no capítulo 20.

Uma outra razão é que o verbo traduzido "eles viveram" ou "reviveram" (ezêsan, Ap 20, 4, 5) não é em lugar algum no Novo Testamento usado para uma vida após a morte, exceto na ressurreição. A palavra pode ser usada em relação a um viver espiritual (Jo 5.25) — verdadeiramente, Paulo descreve a vida em termos de ressurreição e ascensão com Cristo (Ef 2.6). Mas não é usada em lugar algum em relação à alma vivendo após a morte do corpo. Pelo contrário, várias formas do verbo são usadas em relação à vida ressurreta, referindo-se a homens em geral (Mt 9.18, At 9.41, 20.12), como também a Jesus (Lc 24.5, 23; At 1.3; Rm 14.9; 2 Co 13.4). O mesmo verbo é usado em Apocalipse 2.8 em relação à ressurreição de Jesus: "aquele) que esteve morto e tornou a viver".

Em terceiro lugar, Hoekema tem uma interpretação um tanto incomum de Apocalipse 20.5. Este verso costuma ser entendido como uma referência à ressurreição física, e a exegese deste verso por Hoekema evita a crítica que levantei contra ela em minha exposição. Hoekema argumenta que *nem 20.5 nem 20.6* referem-se à ressurreição física. Nisto ele é consistente. Porém, não consigo seguir sua exegese de 20.5. Ele o interpreta como se quisesse dizer: "Os mortos não-crentes (. . .) não viveram nem reinaram com Cristo neste período de mil anos" (p. 154). Mas isto não é o que o texto diz. "Os restantes dos mortos não reviveram (não viveram) até que se completassem os mil anos". Uma interpretação natural do texto sugere claramente que após os mil anos os restantes dos mortos realmente viveram. "Até" (achri) implica claramente nisto. Os esforços de Hoekema em contornar o sentido natural deste texto são totalmente inconvenientes.

Continuo, assim, sendo pré-milenista convicto.

**UMA RESPOSTA
PRÉ-MILENISTA
DISPENSACIONALISTA
HERMAN A. HOYT**

Ao apresentar o ponto de vista amilenista, o autor ordenou cuidadosamente a sua discussão a fim de preparar o leitor para os aspectos principais dela. A interpretação sua do Apocalipse é absolutamente indispensável como pano de fundo para a discussão de Apocalipse 20.1-6 que ele dá, na qual elimina o milênio como possibilidade futura, após a volta de Cristo. Isto é seguido de maneira lógica de uma discussão de duas passagens da Escritura, na qual ele pretende refutar o princípio da interpretação literal como a única hermenêutica válida para se entender as Escrituras. Isto prepara o caminho até o esboço do desenvolvimento da escatologia amilenista com as suas implicações.

Gosto de algumas das distinções claras que Hoekema faz acerca da posição amilenista. De certa forma ele está certo em depreciar a conotação presente no termo *amilenista*. Outros termos têm sido propostos mas não atingem a questão principal envolvida. Portanto, o termo *amilenista* é mantido e definido. Apesar dele parecer inadequado de certa maneira, por outro lado ele indica mais claramente que os que sustentam este ponto de vista não crêem que há um milênio terreno introduzido na Segunda Vinda de Cristo a ser cumprido antes do princípio do estado eterno.

A interpretação do livro de Apocalipse dá o fundamento da doutrina amilenista. Hoekema diz com sinceridade:

Suponhamos por exemplo, que o livro de Apocalipse deve ser interpretado num sentido exclusivamente futurista, referindo-se apenas a eventos que devem ocorrer por volta, ou na época da Segunda Vinda de Cristo. Suponhamos também que o que é apresentado em Apocalipse 20 deve vir necessariamente depois em ordem cronológica, do que é descrito no capítulo 19. Somos então virtualmente compelidos a crer que o reino de mil anos representado em 20.4 deve vir depois da volta de Cristo descrita em 19.11 (p. 142).

Isto parece uma conclusão inevitável, e provoca uma dúvida séria sobre a validade do método de interpretação do livro de Apocalipse.

Hoekema adota, a visão do *paralelismo progressivo*, usado por William Hendriksen em seu comentário sobre o Apocalipse. Esta consiste de sete secções que se desenvolvem paralelamente, cada uma delas descrevendo, supostamente, a igreja e o mundo, da época da primeira vinda de Cristo à época de sua Segunda Vinda. Isto divide o livro de Apocalipse da seguinte maneira: capítulo 1 a 3, 4 a 7, 8 a 11, 12 a 14, 15 e 16, 17 a 19 e 20 a 22. Esta estratégia faz com que o encarceramento de Satanás caia na primeira vinda de Cristo (20.1-3, e 20.4-6) descreve o reino milenial vindo antes da volta de Cristo para executar ressurreição e juízo (20.11-15). Isto elimina o milênio como período de tempo posterior à volta de Cristo. Nesta interpretação, o único sentido em que se pode ousar inferir um milênio é como aquele espaço de tempo entre a primeira e a segunda vindas de Cristo.

Como Hoekema francamente admite, este método de lidar com o livro de Apocalipse "tem também os seus problemas", apesar de ser o que lhe parece mais satisfatório. Mas esta é uma maneira de livrar-se de implicações futuristas no livro de Apocalipse e também de fugir de qualquer literalismo que estorve o seu sistema. Este é o método de dar-se interpretação histórica ao livro de Apocalipse. Mas por mais escolástica que seja a argumentação, os problemas não são superados tão facilmente. Apesar deste ser um livro apocalíptico, isto não significa que ele seja obscuro. Esse método de

apresentação apenas o torna mais vívido. As imagens utilizadas, porém, devem ser interpretadas em termos da Bíblia, e devem ser inteligíveis para as pessoas em geral. Além disto, há muito menos neste livro que é simbólico do que muitos desejam. Para as pessoas em geral, este esforço em colocar o milênio antes da Segunda Vinda de Cristo exige da mente humana aceder a algo que não aparece no texto em si. Mais do que isto, porém, o esforço de fazer sete divisões cobrindo o mesmo período de tempo (entre a primeira e a segunda vinda) encontrará toda sorte de confusão para estabelecer sua validade. Esta é na melhor das hipóteses uma base bem frágil para que se estabeleça sobre ela uma doutrina firme de amilenismo.

Discutindo Apocalipse 20.1-6, Hoekema faz várias afirmações que são difíceis de se apoiar no texto. O intérprete não apenas pode concluir "com segurança" que os mil anos dos versos 1 a 3 e 4 a 6 são os mesmos, mas ele é forçado a chegar a esta conclusão. A língua grega usa o artigo definido quatro vezes (vv 3.5-7). Isto é para chamar atenção ao fato que é o mesmo período que se está discutindo. Ele afirma que os versos 1 a 3 têm a ver com a terra e os versos 4 a 6 com o Céu. Mas não há nada no texto que exija tal conclusão. Se os versos 1 a 3 têm a ver com a terra, então também os versos 4 a 6. E uma passagem paralela parece favorecer o reinado na terra (Ap 5.10). O cenário em Apocalipse 6.9-11 dificilmente pode ser mencionado em apoio ao que ele está dizendo, pois ele está claramente posto no Céu (Ap 4-6).

Para fugir de uma contradição com as Escrituras em defesa do amilenismo, Hoekema precisa eliminar qualquer possibilidade de duas ressurreições físicas nos versos 4 a 6 do capítulo 20. Ele precisa admitir que João "está falando de uma espécie de ressurreição aqui" (p. 152) porque as Escrituras usam a palavra *ressurreição*. Mas ele precisa insistir que não é uma ressurreição antes do milênio e outra depois do milênio, embora o texto pareça dizer isto. A sua argumentação é que há apenas uma ressurreição, que vem antes da introdução do estado eterno na Segunda Vinda, e inclui tanto os crentes quanto os não crentes. Para firmar a sua

conclusão que o julgamento é geral, ele cita João 5.28, 29 e Atos 24.15. Mas estas passagens não provam um julgamento geral. Tudo que elas fazem é assegurar que tanto os ímpios quanto os justos serão ressuscitados. Quando, não se diz. Em Apocalipse 20.5 declara-se o elemento tempo. Apocalipse 20.11-15 tem a ver com os ímpios. Isto quer dizer que os versos 4 a 6 tratam exclusivamente dos justos (e as palavras "viveram", "reviveram", devem ser tomadas no sentido normal de ressurreição física) e que eles governarão fisicamente na terra, não como espíritos governando e reinando do céu na atualidade, como Hoekema diz.

Discutindo a situação de Satanás exposta em 20.1-3, Hoekema explica que Satanás foi preso na primeira vinda de Cristo, foi derrotado pela obra de Cristo na cruz e está hoje sob certas limitações relativas à sua atividade. Hoje ele não está mais enganando as nações, como ele fazia antes de Cristo vir, portanto os crentes são livres para disseminar o Evangelho entre as nações. Este aprisionamento não significa que Satanás não pode fazer mal algum. Sua restrição aplica-se apenas ao enganar as nações, uma restrição que será removida na Segunda Vinda de Cristo, quando ele encontrará sua condenação final. Nesta era do Evangelho ele está preso, e por isto não pode impedir a propagação do Evangelho nem ajuntar todos os inimigos de Cristo para atacar a igreja. Apesar de serem citadas várias passagens para provar que Satanás está preso durante a época do Evangelho (Mt 12.28, 29; Lc 10.17, 18; Jo 12.31, 32), elas não são muito convincentes acerca do ponto em questão.

Buscando refúgio no direito de espiritualizar a Escritura, duas passagens do Antigo Testamento que apoiam o milênio são citadas (Is 11.6-9; 65.17.25). Com a exceção de Is 65.17, as anotações na Bíblia de Scofield as classificam sob o milênio. Hoekema crê que todos estes versículos descrevem o estado eterno porque na sua maneira de ver, o único milênio de que a Bíblia fala é o período entre a primeira e a segunda vinda de Cristo, e que estas passagens não descrevem as condições da atualidade. Mas se se entende que o reino mediatório, ou do milênio, se fundirá no estado eterno, en-

tão a descrição poderia ser correta para ambos. Isaías 65.17 faz realmente referência a um novo céu e uma nova terra. A mudança que terá início no milênio será tão impressionante que é como um novo céu e uma nova terra, e esta mudança atingirá sua plenitude máxima no estado eterno. Não há razão para que algumas das mudanças que se vêm nesta passagem não sejam verdadeiras acerca do milênio, e outras do estado eterno, e, assim, não há contradição nos versos que se seguem (Is 65.18-25).

De maneira geral, concordo com o esboço que Hoekema faz da escatologia amilenista. Cristo realmente ganhou uma vitória decisiva sobre o pecado, a morte e Satanás em sua primeira vinda. Nem todos os benefícios já estão sendo experimentados. Os efeitos plenos são ainda para o futuro. O reino de Deus, no sentido universal, está em operação, e com toda certeza uma aristocracia espiritual está sendo recrutada para o futuro. Vivemos hoje, e desde a primeira vinda de Cristo, os últimos dias (Atos 2.16, 17; 1 Co 10.11; 1 Jo 2.18). Concordo perfeitamente que estes dias constituem uma escatologia inaugurada, lembrando ao mesmo tempo que vem aí uma consumação final, chamada o "último dia" (1 Jo 6.39, 40, 44, 54; 11.24; 12.48) Isto significa que os crentes estão provando as bênçãos do futuro, como "as primícias do Espírito" (Rm 8.23). E, ainda, que há uma responsabilidade urgente sobre os crentes (2 Co 5.17; 1 Co 6.19; Gl 5.24; Cl 3.9, 10). Mas não concordo que estejamos vivendo no milênio, segundo ensina a Escritura.

Hoekema está realmente certo que há "sinais dos tempos" apontando para o futuro, um futuro que pode estar bem próximo. Enquanto ele crê que a Segunda Vinda de Cristo é um evento único, eu sustento que é um evento complexo que cobre um período extenso de tempo e consiste de duas etapas. As Escrituras não apoiam a doutrina de uma ressurreição geral e um julgamento geral. Há pelo menos mil anos entre a ressurreição dos justos e a dos ímpios, Hoekema não vê lugar para um intervalo de sete anos entre a ressurreição da igreja e a volta de Cristo para estabelecer seu reino. Portanto, não há arrebatamento da igreja, no sentido de estar

ausente durante aquele terrível período descrito como a tribulação. Em sua opinião, as Escrituras ensinam que Cristo virá novamente para consumir a tribulação, arrebatá-la igreja, ressuscitar todos os mortos, executar julgamento sobre todos e introduzir o estado eterno. Ele crê, realmente, que a Nova Jerusalém virá à terra e a nova terra será o lar dos remidos através da eternidade, com Deus habitando com a humanidade na pessoa de seu Filho.

É animador ver as implicações do amilenismo, conforme indicadas por Hoekema. Um pacto da graça permeia o Antigo e o Novo Testamento e os liga em uma unidade. Concordo com isto. Mas creio que este pacto único tem duas variadas etapas, com o que Hoekema não concorda. O reino de Deus é fundamental na História humana, e se consumará finalmente no estado eterno. Com toda a certeza, Cristo é o Senhor da História. A História é a sua história, e ele a guia para o seu objetivo final, um objetivo que ele está atingindo através da redenção do universo inteiro. Tudo isto proporciona um espírito de otimismo para o crente no meio das horas mais negras da História.

UMA RESPOSTA PÓS-MILENISTA LORAINÉ BOETTNER

Há comparativamente pouca diferença entre pós-milenismo e amilenismo, pelo menos quando se compara qualquer uma destes com o pré-milenismo histórico ou o dispensacionalismo. Em poucas palavras, o pós-milenismo sustenta que o reino de Deus está hoje sendo estendido no mundo pela pregação do Evangelho e a obra salvadora do Espírito Santo, que o mundo será cristianizado no final e que a volta de Cristo ocorrerá ao fim de um longo período de justiça e paz. O amilenismo sustenta que a Bíblia não prediz qualquer período de justiça e paz antes da volta de Cristo, mas haverá um desenvolvimento paralelo e contemporâneo do bem e do mal; o reino de Deus e o reino de Satanás, que continuará até a Segunda Vinda de Cristo. Tanto o pós-milenismo quanto o amilenismo sustentam que a Segunda Vinda de Cristo será imediatamente seguida pela ressurreição e julgamento, e a ordem eterna das coisas.

Muitas pessoas simplesmente não conseguem acreditar que o mundo está melhorando. Mas devemos nos lembrar que, quanto ao mal, esta tem sido a condição natural do mundo desde a queda da raça humana em Adão. Quando Cristo veio, quase dois mil anos atrás, o mundo todo exceto a pequena Palestina estava nas trevas do paganismo. Mas desde aquela época o Evangelho tem sido levado continuamente através do mundo, e hoje há dezenas de milhões de crentes

fiéis. A maravilha não é que haja tanto mal no mundo, mas tanta retidão. Os princípios cristãos são amplamente reconhecidos como aqueles por quais as pessoas e nações *deveriam* viver e ser governadas, apesar de serem ainda aplicados de forma muito inconsistente.

Apesar de não vermos ainda um mundo cristianizado, vemos realmente a igreja fazendo muito progresso e elevando o nível de vida da humanidade, enquanto vai se tornando ativa em áreas cada vez maiores. E se o cristianismo já produziu as maravilhosas transformações que vemos em tantas áreas, como será quando esta influência benigna houver se estendendo por todo o mundo? !

A exposição de Hoekema do amilenismo concentra-se primariamente no vigésimo capítulo do livro de Apocalipse, já que em nenhum outro lugar o milênio é mencionado na Bíblia. Seu método de interpretar este livro parece-me bem louvável, como também seu método de interpretar a profecia do Antigo Testamento. Ele divide o livro de Apocalipse em sete secções que desenvolvem-se paralelamente, cada uma narrando de maneira diferente o progresso da igreja entre a primeira e a segunda vindas de Cristo.

Creio, porém, que Apocalipse 19.11-21 descreve não a Segunda Vinda de Cristo, como ele indica de forma sucinta, mas sim o progresso da igreja entre a primeira e a segunda vindas de Cristo. Esta secção utiliza imagens de uma grande batalha em que duas poderosas forças opostas estão envolvidas. Estas, eu creio, é uma batalha que campea através dos séculos, até mesmo dos milênios, enquanto Cristo de seu trono celestial dirige os interesses de seu reino na terra — cuja manifestação exterior é a igreja. E resulta numa vitória devastadora para ele e sua igreja.

Visto que o amilenismo não espera um mundo cristianizado antes da volta de Cristo, consideremos duas declarações bem conhecidas no Evangelho de Mateus que têm relação com este assunto. A primeira é a grande comissão dada por Cristo a seus discípulos em Mateus 28.18-20:

Jesus, aproximando-se, falou-lhe, dizendo: Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, fa-

zei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século.

Nestas palavras nos é dito que *toda a autoridade no Céu e na Terra* foi dada ao Cristo que reina, assunto ao Céu. E com base nesta autoridade ele mandou que seus seguidores fossem e *fizessem discípulos de todas as nações*. Para este fim ele prometeu estar com eles para sempre, mesmo até o fim do mundo. O seu propósito, portanto, durante a Era da Igreja é a cristianização do mundo. Ele nunca poderia ter mais poder que tem hoje para executar este projeto, mesmo se viesse, como crêem os pré-milenistas, e estabelecesse um reinado de mil anos na cidade de Jerusalém. Seus discípulos devem ir e ensinar às pessoas todas as coisas que ele lhes ordenou. Portanto, isto não pode ser um anúncio ou "Testemunho" meramente externo ou superficial acerca do Evangelho, mas um sistema de verdades ensinado de forma eficiente, que transforma vidas. Aqueles que se tornam discípulos devem ser batizados. Mas só os crentes verdadeiros é que devem ser batizados.

Temos algum direito de esperar que ele volte para sua igreja antes que ele tenha cumprido a obra que lhe foi designada? Não creio. Certamente o noivo não virá à sua noiva antes que ela esteja pronta! Por isto cremos que a obra designada para a igreja na Grande Comissão significa que o mundo será cristianizado no final, da forma como isto é dito nos princípios pós-milenistas.

A segunda referência que ensina que o mundo será cristianizado é Mateus 16.18. Ela diz: "Também eu te digo que Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela". Este verso segue-se imediatamente à magnífica confissão que Pedro faz de Jesus como o Cristo. A afirmação que as portas do inferno não poderão prevalecer contra a igreja tem sido normalmente entendida com o significado que a igreja poderá se defender de todos os seus inimigos, que mesmo as piores coisas

que os inimigos do Evangelho puderem fazer contra ela não poderão destruí-la. Cremos no entanto, que o verdadeiro significado é bem diferente.

Portas não são armas ofensivas, mas defensivas. Elas são fixas. Não são usadas num ataque. Naquela época, as portas das cidades eram instrumentos solidamente fortificados, planejados para resistirem mesmo às arremetidas mais fortes dos atacantes. Desta forma, elas não se moviam. Portanto, o verdadeiro significado deste verso é que a igreja tomará a ofensiva, que avançará por todo o mundo e nada, literalmente nada, poderá resistir à sua marcha para avante. Nem mesmo a própria fortaleza do inferno poderá resistir. Antes de vir o fim, a igreja terá uma vitória total. Isto, é claro, não significa que todo o mal será eliminado, pois todos que vêm a este mundo nascem como filhos de Adão não regenerados, e dependem completamente da graça de Deus para serem purificados. Como esta imagem geral combina com a vitória esmagadora atribuída ao cavaleiro do cavalo branco em Apocalipse 19.11-21! Certamente isto mostra de forma cabal o mérito da posição pós-milenista, e não da amilenista ou pré-milenista.

A interpretação de Hoekema daquela secção tão importante, Apocalipse 20.1-6, é, creio, essencialmente correta. Ele diz que os versos 1 a 3 levam-nos novamente ao princípio da época do Novo Testamento, a derrota de Satanás tendo sido conseguida na primeira vinda de Cristo, quando Satanás foi preso por mil anos. Ele não foi preso no sentido que não pode mais fazer mal algum, mas apenas não pode impedir que o Evangelho seja pregado às nações do mundo, como nos tempos pré-cristãos. Os mil anos não significam um período exato desta duração, mas um tempo indefinidamente longo — na realidade, o período entre a primeira e a segunda vindas de Cristo. Agora aquele encantamento foi quebrado, e o Evangelho está sendo pregado a todas as nações.

Os versos 4 a 6 também falam de um período de mil anos que evidentemente continua através da Era da Igreja. E, já que as almas de que se fala aqui são as almas de crentes que foram “decapitados”, está bem claro que, como Hoekema diz, o cenário na visão de João mudou da terra para o

Céu. Já que a perseguição e martírio eram tão comuns na época de João, esta figura de ter sido decapitado provavelmente tenciona incluir todos os crentes que permanecem fiéis a seu Senhor até a morte. E já que João os viu sentados em Tronos, isto significa evidentemente que eles estavam reinando com Cristo e continuariam a reinar com ele desde a época de sua morte até pelo restante do período entre os adventos.

Mas Hoekema diz que certos sinais (como a pregação do Evangelho a todas as nações, a conversão dos judeus, a grande apostasia, a grande tribulação e a vinda do Anticristo) devem preceder a volta de Cristo. Então ele acrescenta que estes sinais aplicam-se não apenas ao futuro mas também ao presente, pois têm estado conosco de alguma forma desde o princípio da era cristã. Isto, me parece, torna estes sinais praticamente sem sentido. Como saberemos quando estes sinais tiverem atingido um grau de intensidade suficiente para indicar que a volta do Senhor está prestes a acontecer?

Acerca da pregação do Evangelho às nações como sinal do fim, grandes avanços feitos em várias épocas (como os da Era Apostólica, da época de Agostinho, da Reforma Protestante, e dos reavivamentos sob Whitefield e os Wesleys), cada um fazendo grande progresso sobre qualquer coisa que tivesse acontecido antes, mas cada qual sendo seguido de período de inércia ou apostasia. Em nosso século 20, houve um grande avanço na propagação do Evangelho. Através do trabalho de grandes organizações eclesiásticas, bem como de muitas agências independentes, e através do uso da imprensa, rádio e televisão, o Evangelho hoje está literalmente sendo levado a todas as nações do mundo. Mas quem pode dizer que este avanço atual em grande escala é um sinal do fim?

Sobre a conversão dos judeus como sinal de que a volta do Senhor está próxima, apenas uma proporção comparativamente pequena do povo judeu no mundo já tornou-se cristã, o que poderia indicar que o fim ainda está longe. Contudo, especialmente a volta de um número substancial deles à Palestina e a formação do Estado de Israel, levou muitos a crerem que a volta do Senhor está bem próxima.

A chamada grande apostasia é outro assunto sobre o qual há muita divergência de opinião. Houve muitas épocas em que parecia que a luz do Evangelho iria se extinguir. Basta mencionar as invasões bárbaras e a queda de Roma no quinto século, a Era das Trevas que precedeu a Reforma Protestante e a Inquisição na Espanha e Itália e nos outros lugares, quando dezenas de milhares foram mortos por tortura por causa de sua fé. Mas nenhuma destas, apesar de tão severas, foi um verdadeiro sinal da volta do Senhor. Após cada uma, a igreja se recuperou e fez progressos muito maiores.

Muita tribulação também esteve presente em várias épocas, com grande severidade e sobre grandes áreas. Estamos pensando especialmente na invasão maometana nos séculos sétimo e oitavo, que varreu desde através do Oriente Médio à Europa, até a Itália e Austria, através da África do Norte, através da Espanha e pela França. A peste Negra devastou a Ásia e Europa no século XIV. A Guerra dos Trinta Anos arrasou grande parte da Europa central no século XVII. Houve duas chamadas Guerras Mundiais em nosso século XX. Por algum tempo cada uma destas parecia ter os atributos de uma Grande Tribulação. Mas após cada uma houve a recuperação e maiores progressos.

Quanto ao Anticristo, várias pessoas já receberam este papel: Átila o Huno no quinto século; o papa na época da Reforma Protestante; Napoleão no século XIX; Mussolini, Hitler e Stálin no século XX.

E assim vai. Todos estes sinais são confessadamente relativos e mais ou menos proeminentes em todas as épocas. Não creio que qualquer um destes sinais possa ser considerado propriamente uma prova, ou mesmo indicação, que a volta de Cristo está próxima. Ao invés disto, eu creio que os sinais mencionados em Mateus 24.1-34 tinham relação com a destruição, então vindoura, de Jerusalém, que ocorreu em 70 a.D. Estes, portanto, já se cumpriram há bastante tempo. Pois o verso 34 diz: "Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que tudo isto aconteça". "J. Marcellus Kik, em *An Eschatology of Victory* ("Uma Escatologia da Vitória"), expõe detalhadamente este capítulo. Eu recomendaria bas-

tante este livro a todos que se interessam por este assunto.

Hoekema, de forma verdadeiramente amilenista, é neutro quanto à época da volta de Cristo. Ele diz: "Por causa da época exata quando Cristo vai voltar não ser conhecida, a igreja precisa viver com uma sensação de urgência, percebendo que o final da História pode estar bem próximo". Mas acrescenta: "Ao mesmo tempo, porém, a igreja precisa continuar fazendo planos e trabalhando por um futuro nesta terra que ainda pode durar muito tempo". (p. 162).

Uma objeção que costuma ser feita ao pós-milenismo, que ensina que a volta de Cristo está provavelmente no futuro distante ainda, é que se isto é verdade, não podemos propriamente "vigiar" por sua vinda, como somos claramente ordenados a fazer. Mas esta objeção responde-se pelo fato que há várias maneiras nas quais Cristo vem. Penso que é lamentável que dos muitos livros que tratam da vinda de Cristo, a maior parte deles ignora, ou mesmo zomba da idéia que há outras maneiras nas quais ele vem além de sua vinda visível, definitiva. Pense nos seguintes.

1. *A vinda de Cristo para o cristão na hora da morte.* Jesus disse: "Vou preparar-vos lugar. E quando eu for, e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para mim mesmo" (Jo 14,2, 3). Existe uma vinda de Cristo para o crente fiel na hora da morte, quando ele recebe no reino celestial alguém comprado por tão grande preço, alguém por quem ele pessoalmente morreu, e com quem passará a eternidade. E esta entrada no reino celestial será certamente o maior clímax de toda a existência daquele crente. Esta é uma vinda que dá oportunidade de vigiar tão plenamente quanto a Segunda Vinda, porque sabemos que para cada um de nós este evento está em um futuro comparativamente próximo e que devemos estar prontos para ele em todo o tempo. Certamente esta é a vinda que nos diz mais respeito como indivíduos.

2. *A vinda de Cristo em juízo.* Em Mateus 24 temos uma predição da vinda de Cristo em juízo sobre a nação apóstata de Israel, que ocorreu no ano 70 a.D. O Verso 34, citado acima, fixa bem definidamente a época daquela vinda.

3. *A vinda de Cristo aos discípulos após a sua ressurrei-*

relação. Esta foi uma vinda literal visível, pessoal. Em seu último discurso ele disse: "Não vos deixarei órfãos, voltarei para convosco"; e: "Ouvistes que eu vos disse: Vou e volto para junto de vós" (Jo 14.18, veja Tb 14.28); e novamente: "Um pouco, e não mais me vereis; outra vez um pouco, e ver-me-eis" (Jo 16.16). Como ficou provado pelos fatos, as suas várias aparições após a sua ressurreição foram vindas literais para eles, pessoalmente.

4. *A vinda de Cristo no dia de Pentecoste.* Nos acontecimentos daquele dia, Cristo manifestou providencialmente sua presença nas atividades humanas com um grande derramamento de seu Espírito, pelo qual ele demonstrou seu poder e iluminou e equipou os apóstolos para serem evangelistas mundiais.

5. *A vinda de Cristo para as igrejas na Ásia Menor.* A igreja em Éfeso ele deu este aviso: "Lembra-te, pois, de onde caíste, arrepende-te, e volta à prática das primeiras obras; e se não, venho a ti e moverei do seu lugar o teu candeeiro, caso não te arrependas" (Ap 2.5). Avisos semelhantes foram dados a outras igrejas na Ásia Menor. A igreja em Éfeso não se arrependeu; ele realmente veio; e ele realmente removeu o seu candeeiro e aquela igreja deixou de existir. Esta não foi, é claro, uma vinda visível, mas ainda assim foi uma vinda predita, e muito real.

6. *A vinda de Cristo para os crentes, e uma presença de Cristo através do Espírito com os crentes de todas as eras.* Cristo disse: "Se alguém me ama, guardará a minha palavra; e meu Pai o amará, e viremos para ele e faremos nele morada" (Jo 14.23). E novamente: "onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles" (Mt 18.20).

7. *A vinda de Cristo a várias cidades na Palestina durante seu ministério público.* Quando os doze foram enviados em uma missão de pregação, ele lhes disse: "não acabareis de percorrer as cidades de Israel, até que venha o Filho do homem" (Mt 10.23). Ele evidentemente queria dizer que iria visitar aquelas mesmas cidades brevemente, pois nos é dito que pouco depois ele "designou outros setenta; e os enviou de dois em dois, para que o precedessem em cada cidade e lugar aonde ele estava para ir" (Lc 10.1).

8. *E, finalmente, a vinda visível, gloriosa, de Cristo no fim da presente era.* Esta vinda, a mais importante, climática, foi prometida por dois anjos no momento da ascensão de Cristo, e é reconhecido por todos os cristãos.

Tendo em mente os dogmas distintivos do pós-milenismo (que através dos séculos a igreja de Cristo está conseguindo a vitória sobre os outros sistemas e no final Cristo voltará para um mundo cristianizado), gostaria de terminar com uma citação de Kennett Scott Latourett, talvez o maior dos historiadores da igreja. Em sua obra monumental *A History of the Extension of Christianity* ("Uma História da Expansão do Cristianismo") no capítulo final do volume sete, ele diz:

Nos últimos cento e cinquenta anos o cristianismo teve a sua maior extensão geográfica e sua influência mais ampla sobre a humanidade. Através de sua História, ele se expandiu através de pulsações principais. Cada avanço levou-o mais para além que o que o antecedeu. Os reinos entre estes avanços, cada qual foi mais breve e menos pronunciado que o que o precedeu.

Ele então pergunta: "Há apoio na História para confiar-se no dogma do progresso, tão querido para o homem do século XIX?" Ele responde:

Pode bem ser que no decurso dos séculos o cristianismo se torne a fé professada de toda a humanidade. Se isto acontecer, provavelmente será apenas depois de uma vasta extensão de tempo. (. . .) Está no próprio centro da fé cristã que o Deus e Pai de seu Senhor, Jesus Cristo, não será derrotado.

Ele acrescenta, porém, que isto não significa que todos os homens do mundo serão algum dia levados a uma conformidade plena com o padrão do Evangelho pela simples razão que não se atinge a perfeição nesta vida. Ainda assim, quem, entre os que sustentam outros sistemas de escatologia, não gostaria que isto pudesse ser verdade?

POST-SCRIPTUM

ROBERT G. CLOUSE

Uma pessoa crítica bem poderia indagar: "Por que gastar tanto tempo e energia tentando entender o ensino bíblico sobre escatologia?" A discussão poderia continuar com o crítico dizendo que a doutrina das coisas futuras tem sido um dos elementos que mais tem provocado divisão na História cristã recente. Realmente, se o único problema envolvido nestes ensinamentos fosse especulações abstratas, alguém poderia ser tentado a ignorar a questão completamente. Porém, isto não é possível, porque muitas atitudes do cristão em relação à sociedade, a igreja e seu propósito, educação e cultura, e mesmo aos assuntos da atualidade, são condicionadas pelo tipo de escatologia que ele sustenta.

Já que a forma mais comum de ensino sobre o milênio é o pré-milenismo, as observações que se seguem serão voltadas especialmente a esta posição. Alguém que tenha uma perspectiva pré-milenista será normalmente mais pessimista sobre a sociedade que aqueles que aceitam alguma das outras escatologias, como declarou recentemente um autor:

Mas como pode alguém ter estabilidade num mundo como o nosso? Prevalece nos negócios uma atitude de lobo que come lobo. O materialismo desta época de abundância nos pressiona a todos. Um aumento na renda trouxe aumento de gastos e maiores pressões. Desordens em nossas cidades e rebelião contra a autoridade

de forma geral deixam as pessoas temerosas de andarem pelas ruas. Os pais temem por seus filhos, as raças lutam entre si, e nações competem para ver quem pode destruir as outras primeiro. Na Igreja, apostasia, indiferença e entorpecimento parecem ser o mais comum. O intelectualismo falso é de uma fúria tal que dizem-nos que os incrédulos é que são os verdadeiros crentes, e que Deus, ou está morto ou tão distante que na prática é inútil. Só podemos ficar imaginando aonde estas tendências nos levarão. Será que a Igreja tem alguma mensagem para esta época confusa? (. . .) A resposta a estas perguntas está na Bíblia, e particularmente em uma compreensão do programa de Deus para o futuro.¹

Ele vê na Segunda Vinda de Jesus Cristo a única esperança para a humanidade. Isto desencoraja o envolvimento em ação social e alimenta uma ética social sobrenaturalista que dá apoio ao status quo. Muitos evangélicos, bastante influenciados pelo pré-milenismo, não desejam ver mudanças sociais que melhorariam a condição dos outros homens. Apesar do ensino claro da Bíblia que os crentes devem amar o seu próximo e ajudá-lo física e espiritualmente (Mt 25; Rm 12.20), muitos cristãos restringem a sua missão a um esforço de ganhar almas para Cristo.²

Frequentemente a igreja é encarada pelos que advogam uma posição pré-milenista como se fosse simplesmente uma organização promocional para o Evangelho de Cristo. Utilizam-se táticas de pressão para fomentar uma visão pessimista do mundo, e enfatiza-se o "ganhar a última alma", para que Cristo volte. (Se os liberais usam a igreja como clube social, as congregações fundamentalistas também erram, tentando criar um grupo de contra-cultura envolvido em propaganda em prol de seu Senhor.) Contrastando com ambas as atitudes, as Escrituras retratam a igreja como uma comunidade que cura, que não apenas é usada por Deus para tornar homens integralmente são, como continua a zelar por cada um de seus membros. Este cuidado estende a mão em auxílio em cada área de necessidade humana. Em consequência, os amilenistas e pós-milenistas têm muito maior apreciação pe-

a igreja como causa ou comunidade de Deus que transcreve o tempo e o espaço de muitos pré-milenistas. O pós-milenismo, especialmente, abre a possibilidade para um reavivamento verdadeiro vir ao povo de Deus e, através dele, exercer uma influência curadora sobre todas as instituições humanas.

Os pré-milenistas frequentemente adotam uma posição extremamente separatista com relação à cultura. Eles tendem a enfatizar institutos bíblicos e seminários que preparam para o serviço cristão de "tempo integral". Um embasamento sólido nas ciências humanas e um conhecimento profundo da história do pensamento cristão não gozam de tanta popularidade entre estes grupos como seriam entre amilenistas e pós-milenistas. Há um grande perigo nisto, porque se os cristãos desprezam as artes e os meios de entretenimento, estas avenidas de expressão são normalmente dominados por influências mais seculares, materialísticas. Ao invés de trabalhar por alguma espécie de síntese entre Cristo e a cultura, muitos defensores ardentes do milênio pregam uma mensagem que consiste principalmente de negações sub-culturais das formas predominantes de arte e expressão.

Outro aspecto do pré-milenismo que perturba a muitos cristãos é o esforço de identificar os "sinais dos tempos". Frequentemente acontecimentos como desastres naturais, apostasia nas igrejas, avanços tecnológicos e a ascensão de líderes políticos autoritários são citados como provas de que "o fim está próximo" e que a Segunda Vinda de Cristo está "prestes a acontecer", ou é "iminente". Na atualidade a atenção se concentra no Oriente Médio e o destino da nação de Israel como sinais proeminentes. Além do fato que a procura por sinais pode levar ao beco sem saída da marcação de datas, a tendência de identificar a causa de Deus com o sionismo e a nação de Israel pode provocar um apoio a política que não vêm trazer paz à terra. Os Estados Unidos poderiam bem ser levados à uma guerra no Oriente Médio, e muitos evangélicos poderiam ser responsáveis pelas atitudes que podem provocar o conflito.

No entanto, o pré-milenismo tem grande valor por concentrar sua atenção na escatologia. Esta é uma área que os

cristãos facilmente ignoram. No entanto, o Evangelho de Cristo é uma mensagem de esperança e receptividade para com o futuro. O pré-milenismo lembra constantemente o cristão que, não importa o quão desencorajadora seja a situação hoje, a glória do milênio chegará. Talvez alguém esteja descendo de classe social, ou desfalecendo em seus pontos de vista teológicos conservadores, ou tenha sofrido alguma grande tragédia pessoal; mas ele pode se consolar, pois algum dia ele governará o mundo com Cristo.

Porém, como advertiu C. S. Lewis, a escatologia não deve nunca impedir

o trabalho sóbrio para o futuro dentro dos limites da moralidade e prudência comuns. (...) Porque o que vem é o julgamento: felizes são os que forem achados trabalhando naquilo que lhes foi comissionado, quer seja simplesmente alimentar porcos, ou fazer projetos para livrar a humanidade daqui a um século de algum grande mal. A cortina se fechou. Aqueles porcos, na verdade, nem foram alimentados: a grande campanha contra a prostituição ou a tirania governamental nunca irá ser levada à vitória. Não importa. Você estava em seu posto na hora da verificação.³

NOTAS

INTRODUÇÃO

- 1 Norman Cohn, *"The Pursuit of The Millennium"* (New York: Oxford University Press, 1970).
- 2 Calvino rotulou aqueles que se interessavam por milenismo com nomes tais como "ignorantes" ou "maliciosos". João Calvino, *"Institutes of the Christian Religion"*, ed. J. T. McNeil, trad. F. L. Battles, II (Philadelphia: Westminster Press, 1960), III, 25, 966. Veja também Heinrich Quistorp, *"Calvin's Doctrine of the Last Things"*, trad. H. Knight (Richmond, Virginia: John Knox Press, 1955).
- 3 Robert G. Clouse, *"Johann Heinrich Alsted and English Millennialism"*, *Harvard Theological Review*, LXII (1969), 189-207.
- 4 Robert G. Clouse, *"The Apocalyptic Interpretation of Thomas Brightman and Joseph Mede"*, *Journal of the Evangelical Theological Society*, XI (1968), 181-93. Para detalhes acerca de milenismo puritano, veja Philip G. Rogers, *"The Fifth Monarchy Men"* (New York: Oxford University Press, 1966), e Peter Toon, ed., *"Puritans, the Millennium and the Future of Israel, Puritan Eschatology 1600-1660"* (Cambridge: James Clarke & Co., 1970).
- 5 Um dos mais famosos cristãos pós-milenistas ortodoxos do século XVIII foi Jonathan Edwards. Uma análise estimulante de suas idéias aparece em James Carse, *"Jonathan Edwards and the Visibility of God"* (New York: Charles Scribner's Sons, 1967).
- 6 Ernest R. Sandeen, *"The Roots of Fundamentalism, British and American Millenarianism"* (Chicago: University of Chicago Press, 1970).
- 7 Clarence Bass, *"Backgrounds to Dispensationalism"* (Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans, 1960).
- 8 Para uma análise crítica da Bíblia Scofield, veja Loraine Boettner, *"The Millennium"* (Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1957), pp 369-73.
- 9 Hal Lindsey, *"The Late Great Planet Earth"* (Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House, 1970); *"There's a New World Coming"* (Santa Ana, California: Vision House, 1973); e *"The Terminal Generation"* (Old Tappan, New Jersey: Fleming H. Revell, 1976).

CAPÍTULO 1

- 1 Charles Ryrie, *Dispensationalism Today* (Chicago: Moody Press, 1965).

- 2 Ibid., p. 45.
- 3 Ibid.
- 4 John Walvoord, *The Millennial Kingdom* (Findlay, Ohio: Dunham, 1959), p. 71.
- 5 Ibid.
- 6 Ryie, p. 46.
- 7 Walvoord, p. 312.
- 8 Veja G. E. Ladd: "Apocalyptic, em *Baker's Dictionary of Theology*, ed. E. F. Hanison (Grand Rapids, Michigan; Baker Book House, 1960), pp 50-54.
- 9 Isto é discutido detalhadamente em *A Commentary on the Revelation of John*, G. E. Ladd (Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans, 1972).
- 10 Henry Alford, *The Greek Testament* (Boston: Lee and Shepard, 1872), IV, p. 732.
- 11 J. F. Walvoord, Review of *The Presence of the Future*, in *Bibliotheca Sacra* (July 1974), p. 273.
- 12 Veja "The Parable of the Sheep and The Goats in Recent Interpretation", G. E. Ladd, *Twenty-fifth Anniversary Volume of the Evangelical Theological Society* (1975).
- 13 Esta exegese é defendida por Oscar Cullman, "The Kingdom of Christ and the Church in the New Testament", em *The Early Church*, ed. por A. J. B. Higgins (Philadelphia: Westminster, 1956). pp. 111ss.

CAPÍTULO 2

- 1 John Bright, *The Kingdom of God* (New York: Abindgon Press, 1953), pp. 7, 197.
- 2 John F. Walvoord, *The Millennial Kingdom* (Findlay, Ohio: Dunham 1959), p. 114.
- 3 Oswald Allis, *Prophecy and the Church* (Philadelphia: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1945), p. 238.
- 4 Floyd Hamilton, *The Basis of Millennial Faith* (Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans, 1942), p. 38.
- 5 Alva J. McClain, *The Greatness of the Kingdom* (Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House, 1959), pp.527-31.
- 6 Herman A. Hoyt, *The End Times* (Chicago: Moody Press, 1969), pp.168-70.
- 7 McClain, p. 17.
- 8 Conrad Von Orelli, "History of Israel," in *International Standard Bible Encyclopaedia*, 2nd ed., (Chicago: The Howard-Severance Co., 1929), III, 1515.
- 9 McClain, p. 383.

RESPOSTAS

- 1 John F. Walvoord, *Matthew: The Kingdom Came* (Chicago: Moody Press, 1955), p. 30.

CAPÍTULO 3

- 1 De Loraine Boettner, *The Millennium* (Philadelphia: Presbyterian and Reformed Publishing Co, 1957), pp. 14-16, 18-22, 30, 35, 38-41, 43, 44, 47, 48, 50, 51, 52, 53, 58, 59, 82-86, 98-101. O autor revisou esta exposição e acresceu-a de valores mais recentes.
- 2 J. Marcellus Kik, *An Eschatology of Victory* (Philadelphia: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1971), p. 250.
- 3 Albertus Pieters, *Studie in the Revelation of St. John* (Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House, 1937), p. 165.

- 4 John F. Walvoord, "The Theological Context of Premillennialism". *Bibliotheca Sacra*, 108, Nº 431. (1951), pp.272f.
- 5 Jesse F. Silver, *The Lord's Return* (New York:Fleming H. Revell Co., 1914), p. 209

CAPÍTULO 4

- 1 Jay E. Adams, *The Time Is at Hand* (Philadelphia: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1970), pp 7-11.
- 2 William Hendriksen, *More Than Conquerors* (Grand Rapids: Baker Book House, 1939). Encontra-se uma exposição em defesa deste método de interpretação, em nove itens, nas pp. 11-64.
- 3 Para uma exposição mais extensa destes versos, veja Hendriksen, pp 221-29.
- 4 Leon Morris, *The Revelation of St. John* (Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans, 1969), p. 236.
- 5 Na verdade, mesmo se *ezésan* for interpretado no sentido de ressurreição física, o verso não descreve o milênio terreno comumente sustentado pelos pré-milenistas. Pois com base na interpretação pré-milenista comum de Apocalipse 20. 4, são só os *crentes ressurretos* que se diz reinarem com Cristo; nada é dito nesta passagem acerca de um reinado de Cristo sobre pessoas que não morreram, mas ainda estão vivas. O milênio dos pré-milenistas, contudo, é identificado como sendo primariamente um reinado de Cristo sobre pessoas ainda vivas quando Cristo vier, e seus descendentes!
- 6 John F. Walvoord, *The Millennial Kingdom* (Findlay, Ohio: Dunham, 1959), p. 128.
- 7 *Ibid.*, p. 130.
- 8 Veja *The Future of the Kingdom in Prophecy and Fulfillment*, Martin J. Wyngaarden (grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House, 1934) para uma elaboração e demonstração do método amilenista de se interpretar profecias. Esta obra é particularmente valiosa porque mostra como o Novo Testamento espiritualiza muitos conceitos do Antigo Testamento: Sião, Jerusalém, a descendência de Abraão, Israel, o Templo, os sacrifícios, e assim por diante.
- 9 A "Bíblia Scofield", editada em português em colaboração com a Imprensa Batista Regular do Brasil (1983), emprega o texto da Edição Revista e Atualizada da Sociedade Bíblica do Brasil.
- 10 Walvoord, p. 298.
- 11 O comentário de Walvoord que os animais mencionados aqui são criaturas terrenas, e não celestiais, não exclui a possibilidade que estas palavras sejam uma descrição profética das condições da nova terra.
- 12 Walvoord, p. 325.
- 13 *Ibid.*, pp. 253, 318-19.
- 14 Observe que em 11.9 Isaiás acrescenta a razão porque "não se fará mal nem dano algum": "porque a terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar". Esta condição certamente só será cumprida na nova terra do porvir (veja Ap 21.27; 22.14, 15). Não pode ser uma descrição do milênio porque no milênio, segundo os pré-milenistas, haverá ainda nações desobedientes, que precisarão ser governadas com vara de ferro!
- 15 Veja *The Christian Looks at Himself*, Anthony A. Hoekema (Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans, 1975).
- 16 Observe, por exemplo, como João nos diz que o espírito do Anticristo já está no mundo na sua época (1 Jo 4.3).
- 17 G. C. Berkouwer em seu recente livro *The Return of Christ* (Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans, 1972), mostra como a Escritura nos faz ver os "si-

nais dos tempos" como estando presentes em toda a era cristã (pp. 235-59).

- 18 A prova escriturística para uma única ressurreição geral foi dada acima na exposição de Apocalipse 20.1-6. Para evidência adicional contra uma ressurreição múltipla, veja L. Berkhof, *Systematic Theology* (Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans, 1941), pp. 724-27.
- 19 Gerhard Kittel, ed., *Theological Dictionary of the New Testament*, trans. and ed. Geoffrey Bromiley (Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans, 1964), I, 380-81.
- 20 Veja o excelente capítulo sobre a nova terra em Berkouwer, pp. 211-34.

POST SCRIPTUM:

- 1 Charles C. Ryrie, *The Bible and Tomorrow's News* (Weaton, Illinois: Scripture Press, 1969), p. 12.
- 2 Para mais informação sobre a falta de envolvimento social entre os pré-milenistas, veja "The Evangelical Christian, Social Concern and a Theology of Hope", Robert G. Clouse, *The Evangelical Quarterly*, XLIV (1972) 68-75. É necessário indicar que nem todos os crentes pré-milenistas se abstém de pregar mudanças sociais. Um exemplo marcante de um teólogo pré-milenista destacado que assume uma posição firme pela justiça social é Vernon C. Ground. Veja o seu *Revolution and the Christian Faith* (Philadelphia: J. B. Lippincot, 1971), e para uma tentativa de Ground de enquadrar sua escatologia em sua excelente mensagem social, observe seus artigos "Premillennialism and Social Pessimism", em *Christian Heritage*, Sept 1974, pp. 25-27 e Oct 1974, pp. 28, 29. É preciso lembrar-se também que aqueles que seguem outra corrente escatológica nem sempre vêem com bons olhos a mudança em termos sociais.
- 3 C. S. Lewis, "The Christian Hope," *Eternity* (March 1954), p. 50.

BIBLIOGRAFIA SELETA

HISTÓRIA DA DOCTRINA

- Bass, Clarence B. *Backgrounds to Dispensationalism*. Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans, 1960.
- Bethune-Baker, James F. *An Introduction of the Early History of Christian Doctrine*. London: Methone & Co., 1923.
- Case, Shirley Jackson. *The Millennial Hope*. Chicago: University of Chicago Press, 1918.
- Cohn, Norman. *The Pursuit of the Millennium*. New York: Oxford University Press, 1970.
- Danielou, Jean. *The Development of Christian Doctrine before the Council of Nicea*. Chicago: Henry Regnery Co., 1964.
- Elliott, E. B. *Horae Apocalypticæ; or a Commentary on the Apocalypse*, Critical and Historical, 4 vols. London: Seely, Burnsid, and Seely, 1847.
- Fixler, Michael. *Milton and the Kingdom of God*. Evanston, Illinois: Northwestern University Press, 1964.
- Froom, LeRoy Edwin. *The Prophetic Faith of Our Fathers*. 4 vols. Washington, D.C.: Review and Herald Publishing Association, 1946-1954.
- Kelly, John N.D. *Early Christian Doctrines*. New York: Harper & Brothers, 1958.
- Klausner, Joseph. *The Messianic Idea in Israel*. New York: Macmillan, 1958.
- Kraus, C. Norman. *Dispensationalism in America*. Richmond, Virginia: John Knox Press, 1958.
- Morris, Leon. *Apocalyptic*. Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans, 1972.
- Murray, Iain H. *The Puritan Hope*. London: Banner of Truth Trust, 1971.
- Peters, George N. H. *The Theocratic Kingdom of Our Lord Jesus, the Christ*, 3 vols. Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1957.
- Sandeen, Ernest R. *The Roots of Fundamentalism*. Chicago: University of Chicago Press, 1970.
- Smith, David E. "Millenarian Scholarship in America." *American Quarterly*, XVII, 535-49.
- Thrupp, Sylvia, ed. *Millennial Dreams in Action*. New York: Schocken Books, 1969.
- Toon, Peter, ed. *Puritans, the Millennium and The Future of Israel*. Cambridge: James Clarke & Co., 1970.
- Tuveson, Ernest Lee. *Millennium and Utopia*. Berkeley: University of California Press, 1949.
- _____, *Redeemer Nation*. Chicago: University of Chicago Press, 1968.

PRE-MILENISMO HISTÓRICO

- Alford, Henry. *The Greek Testament*. New Edition. 4 vols. London: Longmans, Greer & Co., 1894.
- Frost, Henry W. *The Second Coming of Christ*. Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans, 1934.
- Guinness, H. Grattan. *The Approaching End of the Age*. London: Hodder and Stoughton, 1880.
- Kellogg, S. H. *The Jews, or Predictions and Fulfillment*. New York: A. D. F. Randolph & Co., 1883.
- Ladd, George E. *The Blessed Hope*. Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans, 1956.
- _____. *A Commentary on the Revelation of John*. Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans, 1972.
- _____. *Crucial Questions About the Kingdom of God*. Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans, 1952.
- _____. *The Gospel of the Kingdom*. Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans, 1959.
- _____. *The Presence of the Future*. Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans, 1974.
- Payne, J. Barton. *Encyclopedia of Biblical Prophecy*. New York: Harper and Row, 1973.
- Reese, Alexandre. *The Approaching Advent of Christ*. London: Marshall, Morgan & Scott, 1937.
- West, Nathaniel. *Studies in Eschatology; The Thousand Years in Both Testaments*. New York: Fleming H. Revell, 1889.

PRE-MILENISMO DISPENSACIONALISTA

- Anderson, Robert. *The Coming Prince*. Grand Rapids, Michigan: Kregel Publications, 1969.
- Blackstone, William E. *Jesus Is Coming*. New York: Fleming H. Revell, 1908.
- Brookes, James H. *Maranatha*. 10th ed. New York: Fleming H. Revell, 1889.
- Chafer, Lewis Sperry. *Dispensationalism*. Dallas: Dallas Seminary Press, 1936.
- _____. *Systematic Theology*. Dallas: Dallas Seminary Press, 1947-48. Vol. 4 deals with eschatology.
- Darby, John N. *Synopsis of the Books of the Bible*. 2nd ed. 5 vols. New York: Loizeaux Brothers, 1950.
- Ehlert, Arnold H. "A Bibliography of Dispensationalism," *Bibliotheca Sacra*, 1944-1946.
- Feinberg, Charles L. *Premillennialism or Amillennialism?* 2nd ed. Wheaton, Illinois: Van Kampen Press, 1954.
- Gaebelein, Arno C. *The Hope of the Ages*. New York: Publication Office "Our Hope," 1938.
- _____. *The Return of the Lord*. New York: Publication Office "Our Hope", 1925.
- Gray, James M. *Prophecy and the Lord's Return*. New York: Fleming H. Revell 1917.
- Haldeman, I. M. *The Coming of Christ, Both Premillennial and Imminent*. New York: Charles C. Cook, 1906.
- Hoyt, Herman A. *The End Times*. Chicago: Moody Press, 1969.
- Ironside, H. A. *The Lamb of Prophecy*. Grand Rapids: Zondervan, 1940.

- Lindsey, Hal. *The Terminal Generation*. Old Tappan, New Jersey: Fleming H. Revell, 1976.
- . *The Late Great Planet Earth*. Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 1970.
- . *There's a New World Coming*. Santa Ana, California: Vision House, 1973.
- McClain, Alv J. *The Greatness of the Kingdom*. Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 1959.
- Pache, Rene. *The Return of Jesus Christ*. Translated by William Sanford La Sor. Chicago: Moody Press, 1955.
- Pentecost, J. Dwight. *Prophecy for Today*. Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 1961.
- . *Things To Come*. Findlay, Ohio: Dunham, 1959.
- Peters, George N. H. *The Theocratic Kingdom of Our Lord Jesus, the Christ*. 3 vols. Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1957.
- Ryrie, Charles C. *Dispensationalism Today*. Chicago: Moody Press, 1965.
- Sauer, Erich. *From Eternity to Eternity*. Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans, 1954.
- Scofield, C. I. *Rightly Dividing the Word of Truth*. New York: Fleming H. Revell, 1907.
- , ed. *The Scofield Reference Bible*. New York: Oxford University Press, 1909.
- , ed. *The New Scofield Bible*. New York: Oxford University Press, 1967.
- Walvoord, John F. *The Millennial Kingdom*. Findlay, Ohio: Dunham, 1959.
- . *The Rapture Question*. Findlay, Ohio: Dunham, 1957.
- Wood, A. Skevington. *Signs of the Times*. Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1971.

PÓS-MILENISMO

- Boettner, Loraine. *The Millennium*. Philadelphia: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1957.
- Brown, David. *Christ's Second Coming*. 6th ed. Edinburgh: T. & T. Clark, 1867.
- Campbell, Roderick. *Israel and the New Covenant*. Philadelphia: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1954.
- Hodge, Charles. *Systematic Theology*. New York: Scribner's, 1871.
- Kik, J. Marcellus. *An Eschatology of Victory*. Nutley, New Jersey: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1974.
- Shedd, W. G. T. *Dogmatic Theology*. New York: Scribner's Sons, 1888.
- Snowden, James H. *The Coming of the Lord*. New York: Macmillan, 1919.
- Strong, Augustus H. *Systematic Theology*. Philadelphia: Griffith and Roland Press, 1907.
- Warfield, B. B. *Biblical Doctrines*. New York: Oxford University Press, 1929.

AMILENISMO

- Allis, Oswald T. *Prophecy and the Church*. Philadelphia: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1945.
- Berkhof, Louis. *Systematic Theology*. Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans, 1941.
- . *The Second Coming of Christ*. Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans, 1953.

- Berkouwer, G. C. *The Return of Christ*. Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans, 1972.
- Cox, William E. *Amillennialism Today*. Philadelphia: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1972.
- _____. *An Examination of Dispensationalism*. Philadelphia: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1971.
- _____. *Biblical Studies in Final Things*. Philadelphia: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1967.
- Graebner, Theodore. *War in the Light of Prophecy*. St Louis: Concordia Publishing House, 1941.
- Grier, William J. *The Momentous Event*. Besfast: Evangelical Bookshop, 1945.
- Hamilton, Floyd E. *The Basis of Millennial Faith*. Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans, 1942.
- Hendriksen, William. *More Than Conquerors*. Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1939.
- Hodges, Jesse Wilson. *Christ's Kingdom and Coming*. Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans, 1957.
- Hughes, Archibald. *A New Heaven and a New Earth*. Philadelphia: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1958.
- Jones, R. Bradley. *What, Where, and When Is the Millennium?* Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1975.
- Kuyper, Abraham. *Chiliasm, or the Doctrine of Premillennialism*. Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House, 1934.
- Masselink, William. *Why Thousand Years?* Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans, 1930.
- Mauro, Philip. *The Seventy Weeks and the Great Tribulation*. Swengel, Pennsylvania: Bible Truth Depot, 1944.
- Morris, Leon. *The Revelation of St. John*. Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans, 1969.
- Murray, George L. *Millennial Studies*. Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1948.
- Pieters, Albertus. *Studies in the Revelation of St. John*. Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House, 1937.
- _____. *The Seed of Abraham*. Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans, 1950.
- Travis, Tephén. *The Jesus Hope*. Downers Grove, Illinois: Inter Varsity Press, 1976.
- Vos, Geerhardus. *The Pauline Eschatology*. Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans, 1930.
- Wilcock, Michael. *I Saw Heaven Opened*. Downers Grove, Illinois: Inter Varsity Press, 1975.
- Wyngaarden, Martin J. *The Future of the Kingdom*. Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1955.

AUTORES CONTRIBUENTES

LORAINÉ BOETTNER, nasceu no nordeste do Missouri. Formou-se no Princeton Theological Seminary (Th. B. 1928; Th. M. 1929), onde estudou Teologia Sistemática com o falecido Dr. C. W. Hodge. Havia se formado anteriormente no Tarkio College, Missouri, e feito um curso breve de agricultura na University of Missouri. Em 1933 recebeu o grau honorário de Doutor em divindades, e 1957 o grau de Doutor em Literatura. , Ensinou Bíblia por oito anos no Pikeville College, Kentucky. Morou onze anos em Washington, D.C., e três anos em Los Angeles, reside atualmente em Rock Port, Missouri. Entre seus livros, estão *The Reformed Doctrine of Predestination* (1932), *Studies In Theology* (1947), *Immortality* (1956) e *Roman Catholicism* (1962).

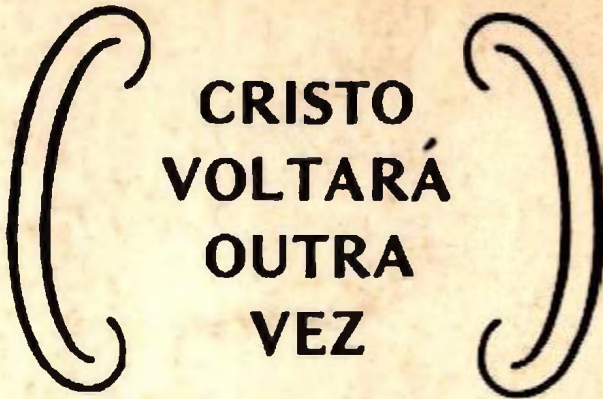
ROBERT G. CLOUSE, é catedrático de História na Indiana State University, Terre Haute, e é também ministro ordenado pelos Irmãos, tendo servido a igrejas em Iowa e Indiana. Formou-se no Bryan College (B.A.), Grace Theological Seminary, (B.D.) e na University of Iowa (M.A. e PH.D.) É um estudioso da História do pensamento cristão. O Professor Clouse foi um dos editores de *Protest and Politics* (1968) e contribuiu com capítulos para *Puritans, The Millennium and the Future of Israel* (1970), *Christ and the Modern Mind* (1972) e *The Cross and the Flag* (1972).

ANTHONY A. KOEKEMA, nasceu nos Países Baixos e emigrou para os Estados Unidos em 1923, Estudou no Calvin College (A.B.), University of Michigan (M.A.), Calvin Theological Seminary (Th.B.) e Princeton Theological Seminary (Th.D. 1953). Após servir como ministro em várias igrejas cristãs Reformadas (1944-56), tornou-se Professor adjunto de Bíblia no Calvin College (1956-58). Desde 58 é professor de Teologia Sistemática no Calvin Theological Seminary (Grand Rapids). O Professor Hoekema passou dois anos sabáticos em Cambridge, Inglaterra (1965/66, 1973-74) e escreveu *The Four Major Cults* (1963), *What About Tongue-Speaking?* (1966), *The Holy Spirit Baptism* (1972) e *The Christian Looks at Himself* (1975).

HERMAN A. HOYT, é Reitor e Professor de Teologia Cristã no Grace Theological Seminary e Grace College, em Winoma Lake, Indiana. Possui os graus de A.B., B.D., M.Th. e Th.D., com o grau honorário de LL.D. Escreveu *The End Times* (1969) e um volume sobre os atributos de Deus está em fase de produção. Contribui também para diversos periódicos cristãos de circulação nacional e para um simpósio sobre o milênio. O Dr. Hoyt é atualmente Presidente da Junta Diretora da Winoma Lake Christian Assembly, e era associado com o Dr. Alva J. McClain, primeiro Presidente do Grace Theological Seminary e Grace College quando foi fundado em 1937.

GEORGE ELDON LADD, Professor de Exegese e Teologia do Novo Testamento no Fuller Theological Seminary desde 1950, estudou no Gordon College e Gordon Divinity School (B.D.) e recebeu o grau de Ph.D. da Harvard University. Realizou também estudos pós-doutorais nas Universidades de Heidelberg e Basel. Ordenado como ministro Batista Americano, o Dr. Ladd serviu a várias igrejas desta denominação. Foi Professor de Grego no Gordon College (1942-45), e lide-

rou o departamento de Novo Testamento na Gordon Divinity School (1946-50). Entre seus escritos estão *Crucial Questions about the Kingdom of God* (1952), *The Blessed Hope* (1956), *The Gospel of the Kingdom* (1959), *Jesus Christ and History* (1963), *The New Testament and Truth* (1968), *Commentary on The Revelation* (1972) e *The Theology the New Testament* (1974).



CRISTO VOLTARÁ OUTRA VEZ

CRISTO VOLTARÁ OUTRA VEZ. Sobre isto os cristãos estão de acordo desde o primeiro século. Mas desde o primeiro século tem havido também muitas divergências. Como Cristo vai voltar? Quando vai voltar? Que tipo de reino vai estabelecer? O que significa o milênio? Estas questões persistem até hoje.

Este é, talvez, o único livro verdadeiramente imparcial sobre a questão do milênio. O Prof. Robert Clouse reuniu quatro defensores dos quatro pontos de vista que existem sobre o milênio; cada um dos pontos de vista tem uma longa história e uma grande quantidade de adeptos cristãos através dos anos. Após cada exposição principal, os outros três autores respondem da perspectiva de seu próprio ponto de vista. Este livro, portanto, é um debate entre estudiosos cristãos de grande importância na questão do significado e interpretações do milênio.

As posições são assim apresentadas: George Eldon Ladd (Fuller Theological Seminary) *pré-milenismo histórico*; Herman A. Hoyt (Grace Theological Seminary) *pré-milenismo dispensacionalista*; Loraine Boettner (teólogo aposentado e autor de *The Millenium*) *pós-milenismo*; Anthony A. Hoekma (sucessor de L. Berkhof no Calvin Theological Seminary) *amilenismo*.